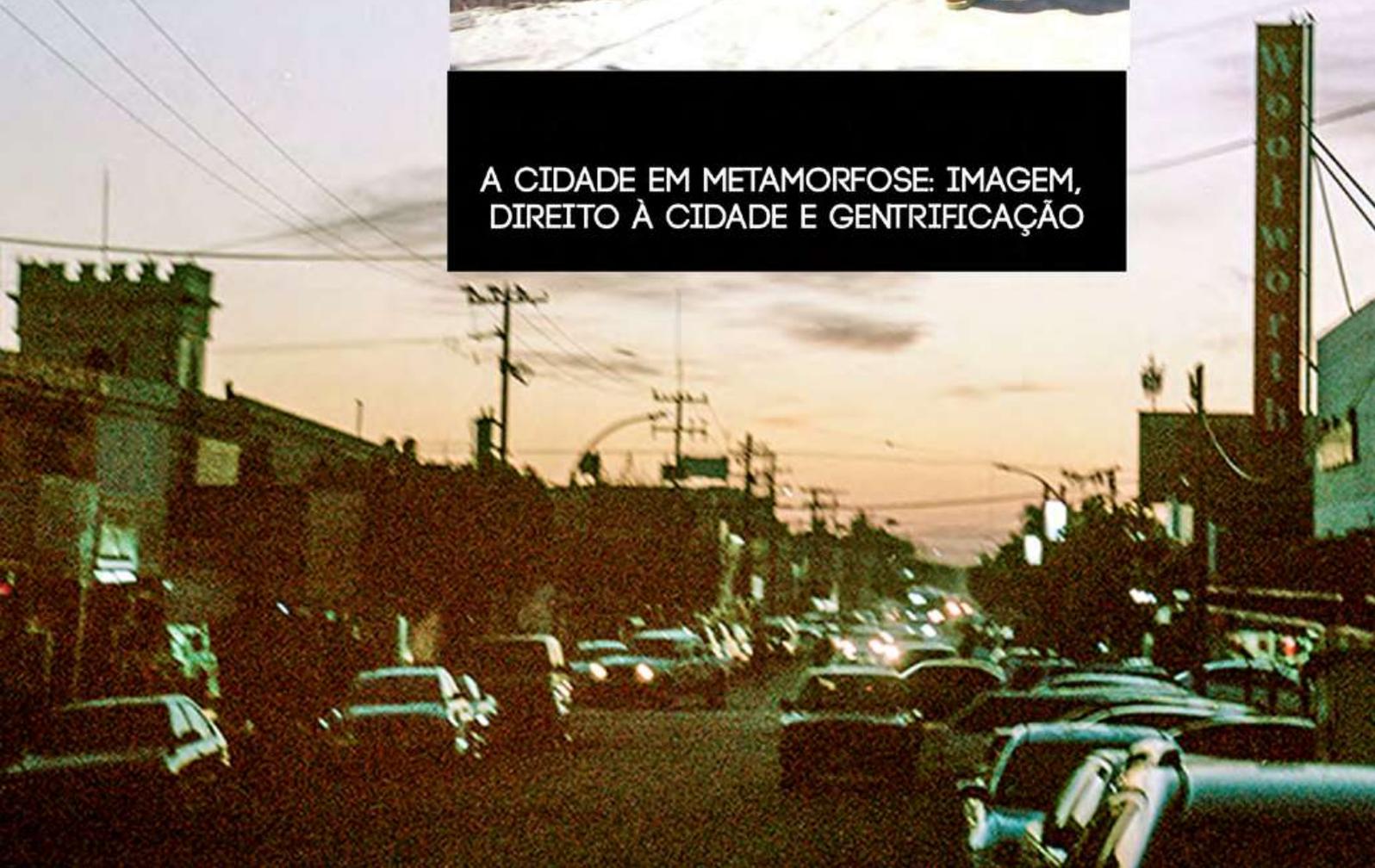


foto crono grafias



A CIDADE EM METAMORFOSE: IMAGEM,
DIREITO À CIDADE E GENTRIFICAÇÃO

2022
E-ISSN 2595-3559



Editoras

Ana Luiza Carvalho da Rocha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Cornelia Eckert, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Fabricio Barreto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — fabriciobarreto@gmail.com
Felipe da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — felipe.editoracao@gmail.com
Olavo Ramalho Marques - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Brasil - olavoramalhomarques@gmail.com

Comissão Editorial

Camila Braz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — caamilabraaz@gmail.com
Guillermo Gómez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — guillermorosagomez@gmail.com
José Luis Abalos Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — abalosjunior@gmail.com

Conselho Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes, UFPA, Universidade Federal do Pará—Campus Bragança
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 6647



Organização

Ramiro Segura - Investigador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) e da Escuela Interdisciplinaria de Altos Estudios Sociales (IDAES/UNSAM), Argentina
José Luís Abalos Júnior - Doutor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), Brasil, e Pós-Doutorando na Escuela Interdisciplinaria de Altos Estudios Sociales (IDAES/UNSAM), Argentina

Organização Assistente

Felipe da Silva Rodrigues - Mestrando em Planejamento Urbano Regional (PROPUR/UFRGS), Brasil

Fotos da Capa e Contracapa

Anelise Gutterres, Jeronimo Palomares, Caio Monçalves e Ana Clara Chequetti

Diagramação e Editoração

Felipe da Silva Rodrigues - Mestrando em Planejamento Urbano Regional (PROPUR/UFRGS), Brasil

foto crono grafias

A CIDADE EM METAMORFOSE: IMAGEM,
DIREITO À CIDADE E GENTRIFICAÇÃO

2022

Sumário

v.08 n.19

A CIDADE EM METAMORFOSE: IMAGEM,
DIREITO À CIDADE E GENTRIFICAÇÃO

- | | | | |
|---|------------|---|------------|
| A cidade em metamorfose: imagem, direito à cidade e gentrificação | 8 | Ruínas na cidade: histórias esquecidas | 156 |
| Ramiro Segura; José Luís Abalos Júnior; Felipe Rodrigues | | Laura dos Santos Goulart | |
| Passado e presente precários: imagens do centro histórico de Natal/RN — Brasil em sobreposições fotográficas | 10 | “Espacios vacíos” en Ciudad Vieja de Montevideo y su problematización desde el “artivismo” | 174 |
| José Duarte Barbosa Júnior | | Eduardo Álvarez Pedrosian; Gerardo Barbieri Petersen; Sofia Baldassari; Nicolás Madeiro | |
| Navojoa, ciudad en parsimonia | 30 | Cicatriz urbana: fragmentos de uma memórial social nos vestígios da arte urbana | 192 |
| Jerónimo Palomares Galván | | Rossana Pires | |
| Fotografando quatro bairros populares na Europa e interagindo com os moradores | 46 | O lixo da história — Registros de um passado recente nas ruas de Curitiba | 210 |
| Sylvaine Conord | | Kando Fukushima | |
| Prácticas de imagen en tiempos del color como plusvalor: entre la ciudad planificada y las prácticas urbanas | 68 | Acampamento de férias prolongado | 226 |
| Ana Clara Fabaron | | Lucas Silva Pamio | |
| As ruínas do futuro: imagens do tempo, disrupção e revitalização na zona portuária do Rio de Janeiro | 88 | “Só vivo, a minha carruagem ainda está na estrada”: Des-LOUcamentos urbanos em busca de um Comum | 240 |
| Anelise Gutterres | | Simone Mainieri Paulon; Caio Monçalves; Heloísa Helena Oliveira de Oliveira; Lara Yelena Werner Yamaguchi | |
| Tempos infraestruturais na favela carioca | 110 | Reflexões sobre a luta do Bloco Se Benze que Dá (SBQD) pelo direito a cidade no Rio de Janeiro | 268 |
| Ana Clara Chequetti | | Fábio Gama Soares Evangelista | |
| Fotoetnografia de um restauro | 120 | Me Curar em Mim: as Cidades Negras | 292 |
| Pablo B. Pinheiro | | Leandro Ferreira Marques | |
| Montagem da memória: Temporalidades urbanas no bairro da Ribeira, Natal/RN | 140 | | |
| Arthur Leonardo de Lima Pereira | | | |

Apresentação

Ramiro Segura¹
José Luís Abalos Júnior²
Felipe Rodrigues³

v. 08 n. 19**A cidade em metamorfose: imagem,
direito à cidade e gentrificação**

Em “The Eyes of the Poor”, Charles Baudelaire nos apresenta um poema revestido na relação entre amor e segregação urbana. Ao sentar com sua amada em um café, com lindas paredes, iluminação e frequentado pela burguesia parisiense, percebe na esquina uma cena que o chama atenção: um homem com duas crianças os olham com olhos bem abertos. O poeta busca entender os significados destes olhares, devaneando em pensamento sobre o que aqueles olhos abertos significariam. Sua amada se mostra insensível a situação causando o afastamento inevitável entre os dois, separados incondicionalmente pelos olhos dos pobres.

Essa pequena história sobre amor e alienação nos parece atemporal e demonstra como o direito à cidade e a gentrificação, além de serem consequências materializadas dos processos de segregação urbana, também fazem parte de um imaginário do habitante da urbe. Muitos de nós temos a sensação de que conhecemos a gentrificação quando a vemos e isso fala um pouco de nossas experiências que, de alguma forma, em algum momento de nossas vidas, a tenhamos testemunhado. A proposta de um dossiê sobre este tema não poderia deixar de incluir as questões imagéticas envolvidas nos processos de segregação urbana e de suas resistências. A Revista Fotocronografias é um espaço precioso no qual se pode pensar as articulações entre as categorias imagem, direito à cidade e gentrificação de forma criativa.

1 - Investigador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) e da Escuela Interdisciplinaria de Altos Estudios Sociales (IDAES/UNSAM), Argentina
segura.ramiro@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-4115-712X>

2 - Doutor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), Brasil, e Pós-Doutorado na Escuela Interdisciplinaria de Altos Estudios Sociales (IDAES/UNSAM), Argentina. abalosjunior@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2821-0969>

3 - Mestrando em Planejamento Urbano Regional (PROPUR/UFRGS), Brasil
felipe.editoracao@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3646-7641>

Que imagens se apresentam em um dossiê intitulado “A cidade em metamorfose: imagem, direito à cidade e gentrificação”? Que processos urbanos nos são mostrados através de imagens de Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Sonora, entre outros? O que podemos vislumbrar neles sobre a relação entre direito à cidade e gentrificação? Tais questões nos acompanharam desde o processo de construção de uma chamada até o da divulgação do dossiê. Sem pretender esgotar a situacionalidade irreduzível de cada ensaio ou a especificidade do olhar sobre o urbano que cada um deles exhibe, talvez possamos dizer que as imagens nos mostram o outro lado da gentrificação: deterioração, abandono e ruína, mas também resistência e crítica, experiências sociais inovadoras, horizontes de emancipação coletiva.

A gentrificação, então, como um espectro que assombra as cidades do mundo. Como uma ameaça real, potencial ou em processo (uma restauração, uma expulsão) — para espaços que, a partir da visão dominante da cidade, costumam ser pensados como “vazios”, “abandonados” ou “arruinados” e que, portanto, devem ser “recuperados”, “aumentados” ou “preservados”, a gentrificação opera como condição de possibilidade para a produção de “outros” pontos de vista sobre a dinâmica urbana nos ensaios visuais que compõem este dossiê.

De diferentes maneiras, os ensaios visuais colocam em primeiro plano precisamente a multitemporalidade, as assincronias, as sedimentações e os palimpsestos que compõem o espaço urbano. O foco colocado na multiplicidade de tempos e histórias (algumas delas soterradas, silenciadas) concorrentes e em disputa no espaço urbano, bem como a preocupação em registrar a profundidade e densidade do espaço material da cidade, produto de múltiplos agenciamentos, testemunhas das mais variadas inscrições, marcações e usos, mantêm-se a uma distância segura — se não, em franca oposição — à “renderização” das representações da cidade.

A acumulação de capital e o que faz “render” certos territórios é o “outro” implícito desses ensaios. Como linguagem visual dominante de desenvolvedores e projetos públicos de “recuperação urbana” articulam o utilitarismo financeiro para pensar a cidade. Projetam-se espaços criados ao mesmo tempo, homogêneos, contínuos, harmônicos, límpidos. Os ensaios visuais deste dossiê se rebelam contra essa representação. Espaço texturizado e profundo, produto de histórias múltiplas materializadas em sobreposições, sobreposições e coexistência de elementos heterogêneos, marcas, inscrições e vestígios de práticas diversas, palimpsestos (registrados ou produzidos por montagem) que dão conta da multiplicidade de histórias, da pluralidade de horizontes e o conflito (aberto ou oculto) dos espaços que habitamos.

Os ensaios fotográficos aqui presentes podem ser vistos múltiplas formas. Como expressão de práticas de planejamento urbano e suas resistências. Na perspectiva da gentrificação como ameaça real, potencial ou em processo. Como imagens que nos aproximam e afastam do imaginário que temos dos processos de segregação urbana. Desta forma, o dossiê se abre a percepção e interpretação de suas leitoras e leitores sobre o que ocorre nas metrópoles contemporâneas. Agradecemos o espaço que a Revista Fotocronografias nos disponibiliza através da relação com o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS) que, assim como nós, apostou na potência criativa desta chamada.

Referências

<https://paris10.sitehost.iu.edu/ParisOSS/D7Hausmann/d2baudelairepoor.htm>

Passado e presente precários: imagens do centro histórico de Natal/RN — Brasil em sobreposições fotográficas

**Precarious past and present: images of the historic center of Natal/RN
— Brazil in photographic overlays**

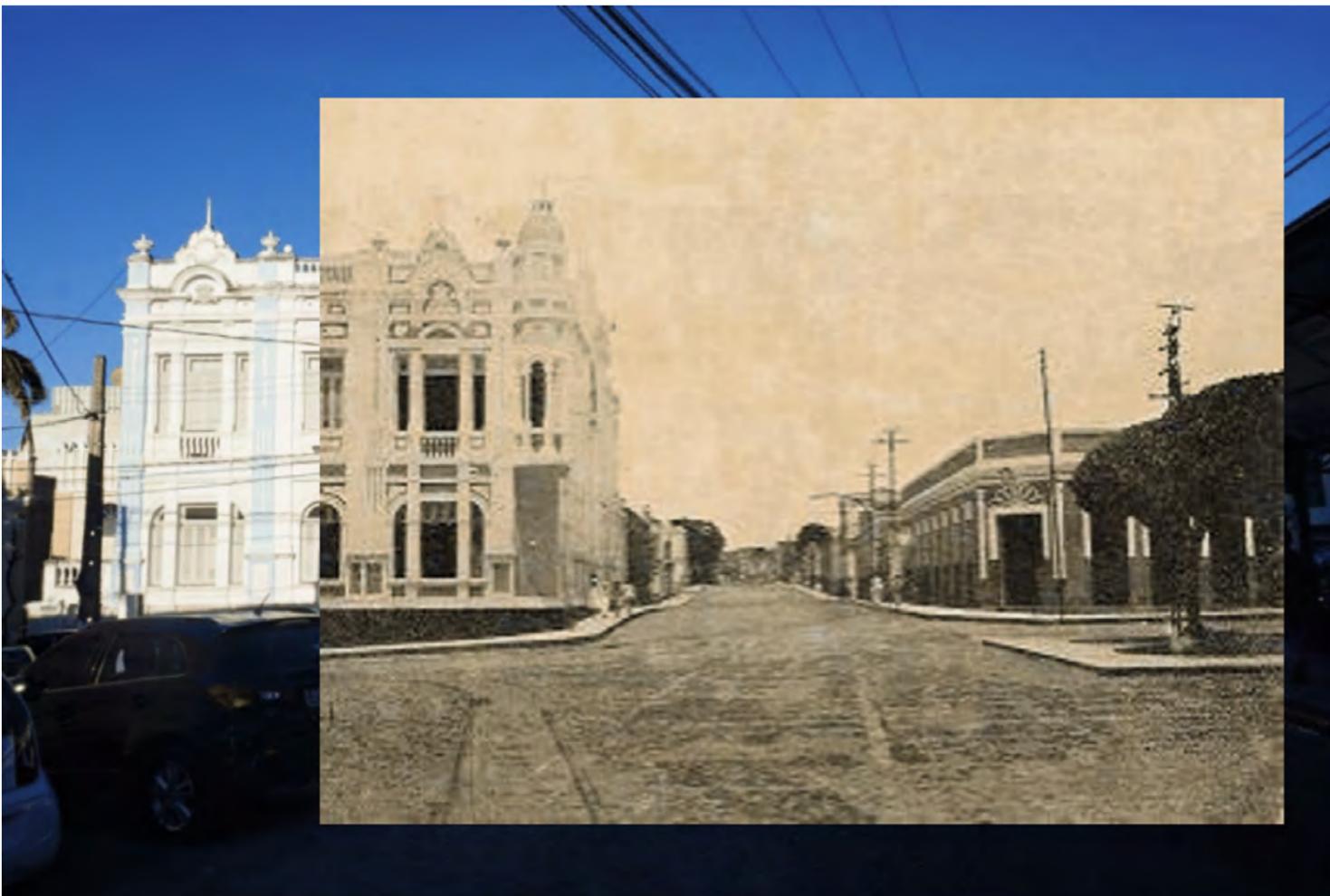
José Duarte Barbosa Júnior ¹

duarte.junior@ifrn.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/6542228199752323>

<https://orcid.org/0000-0001-5671-5687>

¹ - Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/IFRN-CN) e do Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS/UFRN).



Resumo: Este ensaio apresenta um mapa e dez sobreposições fotográficas que abordam a cidade do Natal/RN — Brasil apontando para as condições de precariedade persistentes em sua história. Utilizando a pesquisa documental, a captura fotográfica realizada em 2017 e a pesquisa fotográfica tomei a planta da cidade como base espacial e as fotografias como pontos a percorrer em campo. Como resultado vê-se, no centro histórico, estruturas comprometidas que evidenciam a precariedade da sua conservação. As tentativas de reabilitação não parecem lograr êxito deixando esvair-se o dever e o direito à memória da cidade.

Palavras-chave: cidade, centro histórico, Natal/RN, precariedade, fotografia, imagens da cidade

Abstract: *This essay presents a map and ten photographic superimpositions that address the city of Natal/RN — Brazil, pointing to the persistent precarious conditions in its history. Using the documentary research, the photographic capture carried out in 2017 and the photographic research, I took the city plan as a spatial base and the photographs as points to be traveled in the field. As a result, in the historic center you can see compromised structures that show the precariousness of their conservation. The attempts at rehabilitation do not seem to be successful, leaving it to slip away or have to go directly to the memory of the city.*

Keywords: *city, historic center, Natal/RN, precariousness, photography, images of the city*

I

As sobreposições fotográficas aqui apresentadas abordam a cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, em seu aspecto de precariedade persistente. Parte da pesquisa sobre as imagens da cidade e trata das mudanças ocorridas em seu centro histórico, os bairros da Cidade Alta e da Ribeira, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX em contraste com o presente. Nesses bairros há ainda um conjunto de edifícios em estados variados de conservação. Seus prédios e equipamentos passaram a ser, ao longo das décadas, sobrevivências de um tempo, tornando-se, algumas vezes, detalhes pouco expressivos, mas resistentes na paisagem urbana.

O trabalho iniciou com inquietações postas pelo meu itinerário de pesquisa (BARBOSA JR, 2013; 2019), junto ao Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS/UFRN). Lançando um olhar urbano e imagético sobre a Natal da época, propus uma análise visual da persistência da precariedade. Essa situação é apontada em relatos desde o século XVIII (TEIXEIRA, 2009), descrevendo a Natal que foi, durante dois séculos inteiros, uma pequena cidade, com poucas habitações de andar térreo, rodeada de mato. Assim, a ideia de precariedade aqui refere-se a pelo menos três aspectos: a precariedade da cidade colonial em formação; a precariedade da cidade desigual em busca dos ideais da modernidade; a precariedade da cidade contemporânea no desafio ao direito à memória da cidade (LEFEBVRE, 2001; HALBWACHS, 1990).

As ferramentas para essa abordagem são a fotografia, nas dimensões da pesquisa documental e da captura fotográfica, e a pesquisa bibliográfica. As fotografias de época aqui utilizadas foram retiradas de diversas fontes em domínio público. A partir daí foram selecionadas 32 delas, realizadas 26 sobreposições, sendo 10 imagens finais aqui apresentadas. No exercício fotográfico in loco houve desafios relativos ao enquadramento, à existência de obstáculos no espaço, à datação precisa das fotografias e à falta de segurança pública nos bairros.

Busquei referenciar espacialmente aquelas imagens e realizei uma releitura da planta da cidade do Atlas do Império do Brasil (ALMEIDA, 1868). Pela sobreposição dos principais elementos, fiz coincidir com uma imagem de satélite do Google Maps (2017). Para fotografar os prédios, andei pela cidade tomando como Norte o conjunto das fotografias montado anteriormente. O trabalho de campo consistiu numa caminhada partindo do cruzamento das avenidas Rio Branco e João Pessoa na Cidade Alta, indo até à Rua Chile e terminando no cruzamento das avenidas Duque de Caxias com Tavares de Lira na Ribeira.

II

A fundação da cidade se deu por decreto do Rei Felipe II no final do século XVII. Um lento desenvolvimento seguiu por 200 anos (sécs. XVII–XVIII) e no início do século XX havia apenas dois bairros: a Cidade Alta e a Cidade Baixa, a Ribeira. O ano de 1905 foi marcado pela chegada de milhares de retirantes que se dispersam em grande parte nas franjas da cidade de então (FERREIRA e DANTAS, 2001). No espaço de 50 anos (1889–1939) vê-se a busca pela modernização e a participação da cidade na Segunda Guerra Mundial.

A Cidade Alta é o bairro que corresponde à fundação de Natal. O Rei também havia ordenado a edificação da fortaleza, chamada “Reis Magos”, e a fundação da “povoação” que viria a ser Natal (LYRA, 1998, p. 34). O bairro da Ribeira era um alagado onde vertia rio e sobre o qual, nas primeiras décadas do século XVII, já existia uma ponte de madeira; no século XVIII, a capela do Bom Jesus das Dores; e em 1810 o viajante Henry Koster descreveu a “cidade baixa” como reduto de negociantes (CASCUDO, 1980, p. 133).

No centro histórico vemos estruturas comprometidas que evidenciam a precariedade da sua conservação. Restam poucos edifícios do século XIX e muitos do começo do XX não existem mais. As aspirações modernistas parecem ter estabelecido um encanto com o “novo”, mas não foi capaz de apagar as marcas de um passado colonial, escravocrata e atrasado. Nem a imaginação poética da cidade “daqui a cinquenta anos” (DANTAS, 1996) escapou ao esquecimento. As implementações urbanas do começo do século XX não tornou mais igual a relação entre os cidadãos. E o abandono da velha cidade em direção a novos espaços de expansão foi esvaziando o sentimento de pertença da população hoje.

Não devemos pensar na cidade como um acidente, mas como o resultado de escolhas, como aquelas que refletem hoje no plano diretor. Ela é o resultado de uma relação em que o abandono reflete a falta do cuidado com a memória. A reabilitação desses espaços e objetos, notadamente o centro histórico, tem efeitos diversos: pode permitir o uso público e a apreciação coletiva, ou pode contribuir para mais abandono e esquecimento. De quem depende o direito à memória da cidade?

Agradeço à Taynah Passos pela companhia e assistência durante o exercício fotográfico nos bairros da Cidade Alta e da Ribeira, à Thágila Maria pelo olhar de quem pesquisou os circuitos nesses bairros e me provocou a mostrar mais dessa cidade esquecida e ao Pablo Pinheiro pelo cuidadoso e sistemático olhar sobre as fotografias e as sobreposições.

Referências

ALMEIDA, Cândido Mendes. Atlas do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomatico, 1868.

BARBOSA JR, José Duarte. Trajetórias, grafias e arte de rua na cidade do Natal/RN — Brasil. UFRN/PPGAS, 2019. [Tese]

_____. Favela não é o lugar, são as pessoas. Desconstruindo entre lugar e violência no Sarney e no Japão. Natal/RN: PPGAS/UFRN, 2013. (Dissertação).

CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade do Natal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.

DANTAS, Manoel. Natal daqui a cinquenta anos. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1996.

FERREIRA, Ângela L. A; DANTAS, George. A F. Os “indesejáveis” na cidade: as representações do retirante da seca (Natal, 1890–1930). In: Scripta Nova, Universidad de Barcelona, Nº 94 (96), 2001.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Edições Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

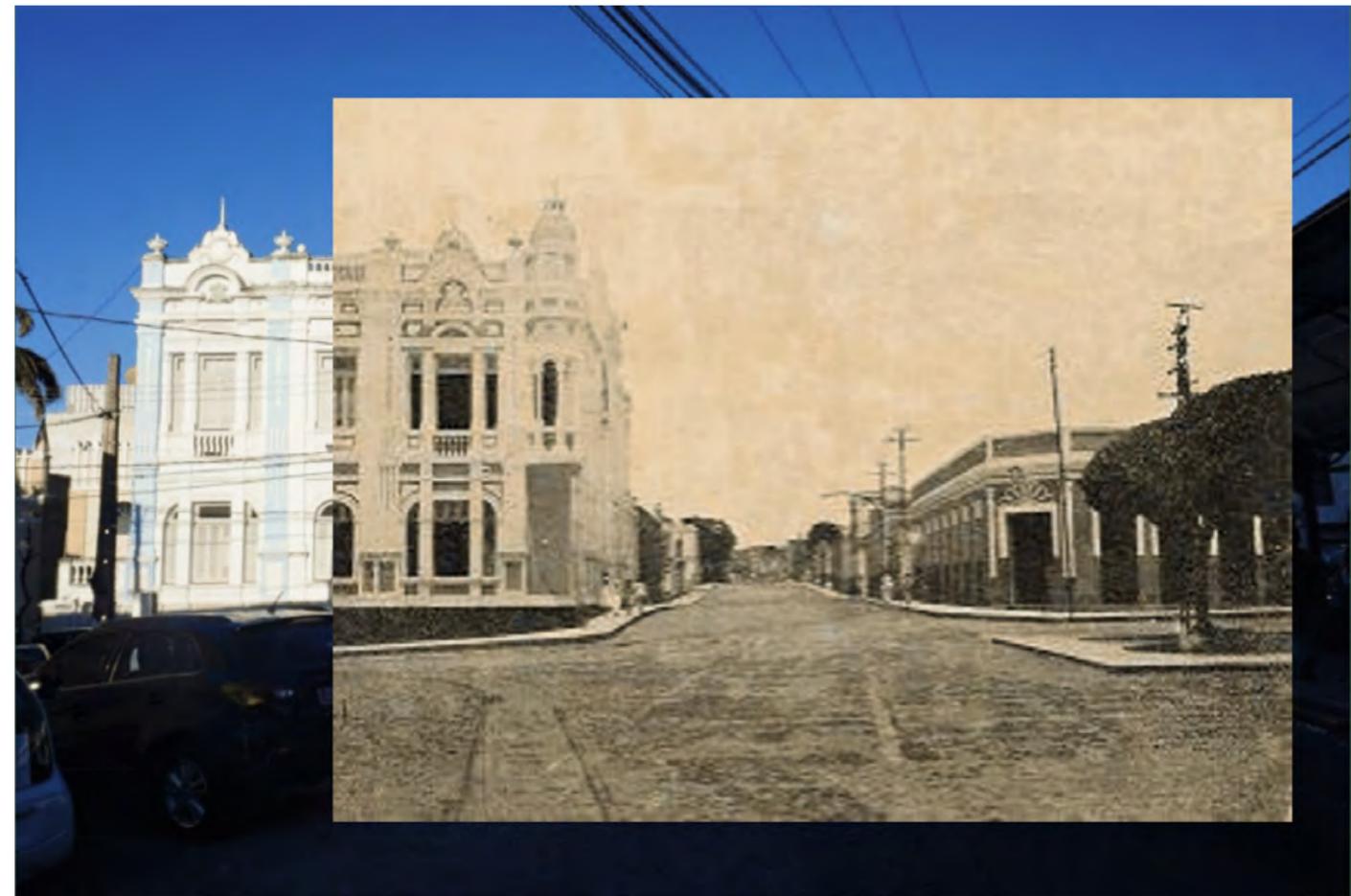
LYRA, Augusto T. História do Rio Grande do Norte. Natal/RN: IHGRN, 1998.

TEIXEIRA, Rubenilson B. Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso da forma e da função urbana. Natal/RN: EDUFRN, 2009.

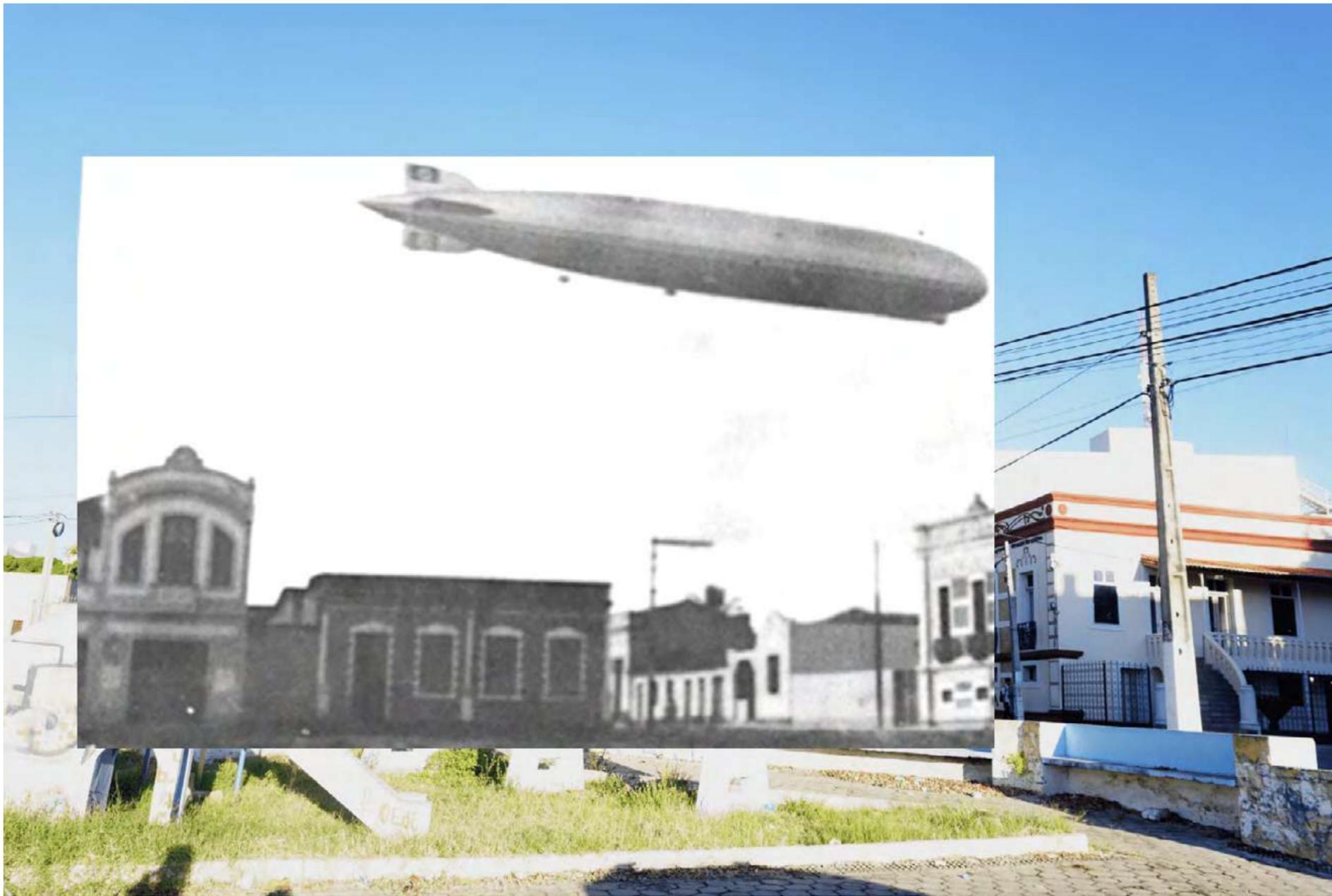




02



03



04



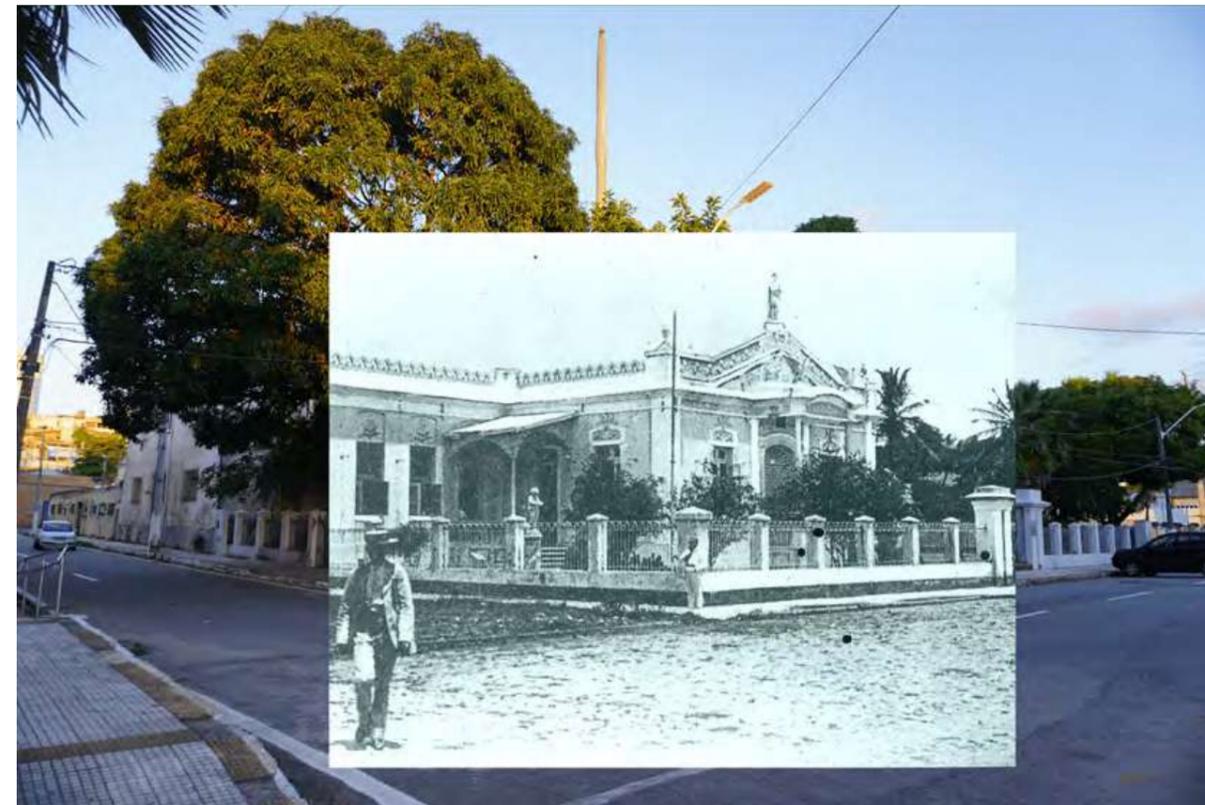
05



06



07



09



08



10



Legendas

01 - Mancha urbana da cidade e planta da cidade do Natal na segunda metade do século XIX contendo largos, praças, igrejas, edifícios públicos e quarteirões/edificações entre os anos de 1864–68. A imagem foi construída com base na planta da cidade, conforme apresentada no Atlas do Império do Brasil (1868) de Cândido Mendes de Almeida. Os elementos gráficos referentes às localidades e edificações foram redesenhados e sobrepostos sobre uma imagem de satélite (Google, 2013). Em seguida acrescentou-se a linha tracejada que corresponde ao trajeto de exercício fotográfico. Por fim, foram acrescentadas as edificações pós-1864–68. Consta ainda marcada um linha dos limites da cidade correspondente ao sítio original (1599).

02 - Perímetro que abriga a antiga Assembleia Provincial (atual Pinacoteca do Estado do Rio Grande do Norte) e a praça à sua frente. O edifício é uma das mais importantes obras arquitetônicas históricas do estado e seu maior exemplar do estilo neoclássico. Já a praça conserva a forma do terreno depois de 1914 quando um quarteirão foi demolido para lhe dar lugar. Ao centro vê-se o monumento da Independência de autoria de A. Bibiano Silva, de 1922. Ao compararmos as partes, respectivamente do século XXI e do início do século XX, percebe-se no primeiro uma aparente falta de cuidado no que concerne ao controle do paisagismo e à conservação do monumento.

03 - A construção do Palácio Felipe Camarão remonta ao ano de 1922 no governo do então presidente da Intendência, Theodósio Paiva. O prédio de estilo eclético, projeto do arquiteto italiano, Miguel Micussi, é um caso de boa conservação. A construção reflete no período da sua inauguração, no dia 7 de setembro, as comemorações do centenário da Independência do Brasil. Desde 1955 está sendo ocupado pela Prefeitura Municipal de Natal. A fotografia sobreposta ao centro, provavelmente das três primeiras décadas do século XX, denota uma paisagem marcada por prédios de apenas um andar, o que torna o Palácio um prédio imponente para época.

04 - A passagem do Graf Zeppelin marca de forma fantasmática a paisagem da Cidade Alta em 1930. No plano inferior da fotografia vê-se o casario do cruzamento entre as ruas Padre João Manoel e Rua Dom Pedro I. No canto direito vê-se a antiga residência do médico e ex-deputado Afonso Moreira de Loyola Barata, o “Dr. Barata”. Até o final dos anos 1960 o casarão foi ocupado pela filha de Barata, Alice China Barata. Depois disso, foi ocupado pelo Hotel Majestic e nos anos 1980 vendido ao Governo do Estado. No ano 2000 o prédio foi tombado por solicitação da Fundação José Augusto. Desde o ano de 2007 o casarão passou por um longo processo de restauração para dar lugar ao atual Memorial Desembargador Vicente Lemos. O edifício de dois andares no canto esquerdo permanece com algumas alterações. A respeito do contraste entre as imagens e os seus tempos, pode-se inferir sobre a presença caótica da fiação do fornecimento

elétrico, menos expressivo nos anos 1930. A passagem do Zeppelin, que nesta figura é um plano de fundo (diferente da fotografia original, onde o dirigível predomina como objeto) é particularmente relevante ao denotar a inserção da cidade do Natal num dinâmica internacional.

05 - A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos teve sua construção iniciada por volta do começo do século XVIII (aprox. 1706–1774) e sofreu intervenções ao longo de dois séculos. A igreja é a segunda mais antiga, destinada ao culto católico dos escravizados. No passado, a região onde se localiza era escondida e recuada em relação ao perímetro central da cidade. À sua frente uma espécie de largo afunilava e descia o platô numa primitiva estrada que unia a cidade à fortaleza dos Reis Magos (TEIXEIRA, 2009). Atualmente, as interferências em volta da igreja vão além do processo de modernização, incluindo a verticalização da cidade e mesmo a “renovação urbana”. É tombada desde 1987 foi pelo patrimônio estadual. O largo da igreja, que conta ainda com um monumento dedicado à libertação dos escravos, encontra-se numa situação de abandono e esquecimento.

06 - O atual edifício da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) foi inaugurado em 1906 para abrigar a sede do Congresso Legislativo Estadual (antecessor da Assembleia Legislativa), depois o Tribunal de Justiça do Estado. O prédio conserva a maioria das suas características originais, estilo art nouveau desenhado pelo arquiteto Herculano Ramos. Também passou por reformas que respeitaram os padrões originais do projeto. A paisagem em volta modificou-se constantemente ao longo das décadas e, em alguns casos, drasticamente. Na localidade um conjunto de equipamentos foi revitalizado em 1968 e, depois em 2011. Os elementos da paisagem marcam sobremaneira o encontro entre o antigo e o novo na cidade.

07 - Adentramos o bairro da Ribeira, vê-se um recorte do “Jardim Público da Praça Augusto Severo”. No extremo esquerdo da figura vê-se ao fundo um casarão, a antiga residência do industrial Juvino Cesar de Paes Barreto. O edifício é uma construção do final do século XIX e em meados da década de 1930 foi doado à Ordem dos Salesianos. No lado oposto direito da figura uma pequena ponte figura no lugar onde corria um riacho, no espaço em que, anteriormente era uma região pantanosa, como mostra a planta da cidade no Atlas do Império (1868). O rio, o jardim, o paisagismo, a sociabilidade da praça Augusto Severo desapareceram restando outros indícios de passados sobrepostos: a ponte que já não divisa lados cortados por rio, a rodoviária que não recebe mais passageiros (quina azul da extremidade superior da fotografia). Em 1905 o lugar foi palco da chegada de milhares de retirantes da seca, cuja mão de obra foi empregada nas obras que aterraram o alagadiço e possibilitou a construção da praça (FERREIRA & DANTAS, 2006). Ali foi importante espaço de expansão e conexão urbana, e um símbolo da modernização da cidade. A sociabilidade urbana foi forte por pelo

menos cem anos nessa localidade onde se localizavam o Teatro Carlos Gomes, o Grupo Escolar Augusto Severo, a Escola Doméstica e Palacete Juvino Barreto, dentre outros prédios, outrora comércio e residência. Esse espaço também teve forte incremento durante a Segunda Guerra Mundial e início do seu abandono com o fim da Guerra.

08 - A estátua de bronze inaugurada no ano de 1913 emerge para denotar a importância histórica do ilustre cidadão, Augusto Severo. A inauguração do espaço ocorreu onze anos após a trágica morte de Augusto Severo em Paris. A praça que traz seu nome, até meados do século XIX figurou um pântano alagadiço do Rio Potengi, tornou-se no início do século XX um espaço vivo de sociabilidade, residência e comércio. Nos primeiros anos do século XX a praça começa a tomar forma com o ajardinamento promovido pelo então governador Augusto Tavares de Lira que deu ao logradouro os contornos que se percebe nas fotografias que retratam a praça.

09 - As imagens seguintes (7 e 8) retratam respectivamente o antigo Grupo Escolar Augusto Severo em duas perspectivas. A primeira perspectiva tem como ponto de fuga uma extremidade da Praça Augusto Severo, a segunda alguns metros em direção à estátua de Augusto Severo. O prédio se destaca na paisagem da Ribeira e contrasta com o atual estado de conservação do edifício. Tendo sido inaugurado em 12 de junho de 1908, credita-se a Herculano Ramos o seu projeto arquitetônico. O Grupo Escolar Augusto Severo passou a Escola-Modelo em 1909; entre 1952 e 1954 abrigou o Atheneu Norte-rio-grandense; entre 1956 e 1974 serviu de sede da Faculdade de Direito; depois foi sede da Secretária de Segurança Pública do Estado, e em 1991, foi tombado pelo governo do Estado.

10 - As imagens seguintes (7 e 8) retratam respectivamente o antigo Grupo Escolar Augusto Severo em duas perspectivas. A primeira perspectiva tem como ponto de fuga uma extremidade da Praça Augusto Severo, a segunda alguns metros em direção à estátua de Augusto Severo. O prédio se destaca na paisagem da Ribeira e contrasta com o atual estado de conservação do edifício. Tendo sido inaugurado em 12 de junho de 1908, credita-se a Herculano Ramos o seu projeto arquitetônico. O Grupo Escolar Augusto Severo passou a Escola-Modelo em 1909; entre 1952 e 1954 abrigou o Atheneu Norte-rio-grandense; entre 1956 e 1974 serviu de sede da Faculdade de Direito; depois foi sede da Secretária de Segurança Pública do Estado, e em 1991, foi tombado pelo governo do Estado.

11 - Cruzamento da Avenida Duque de Caxias e Avenida Tavares de Lira. Ao centro destaca-se o atual prédio do PROCON, como vê-se no letreiro em sua lateral e a antiga sede do Banco do Estado do Rio Grande do Norte, o BANDERN, construído no final da década de 1930. A fotografia da velha Natal à esquerda retrata a vida cotidiana do bairro da Ribeira, provavelmente nos anos 1940. O projeto do prédio do BANDERN é atribuído ao

engenheiro Gentil Ferreira, que foi prefeito de Natal. É possível notar que a “cena”, sobrepostas as fotografias, capta três tipos de transporte: o jumento, o carro e o bonde. Em contraste, vê-se na fotografia da “nova” Natal os carros particulares, lógica dominante no transporte e na mobilidade urbana da cidade. Os anos de 1940 trarão a participação da cidade na Segunda Guerra Mundial e os seus impactos: a cidade cresceu rapidamente em serviços, população e malha urbana, mas logo terminou a Guerra, o bairro da Ribeira foi pouco a pouco caindo em abandono. Sendo alvo de projetos de renovação urbana, o lugar foi gentrificado: a rodoviária que servia de nó viário e humano com bares e comércios populares, perdeu a função primeira para abrigar um museu que funciona de forma intermitente, o elemento humano, as pessoas rarearam.

Navojoa, ciudad en parsimonia

Navojoa, city in parsimony



Jerónimo Palomares Galván¹
jeromares@yahoo.com

1 - Artista visual.

Resúmen: Las imágenes de esta serie remiten a una búsqueda basada en analogías sobre mi pasado y presente en Navojoa, Sonora; de espacios que ya no existen o que se han transformado, que evocan raíces emocionales, ausencias, situaciones de conflicto, pasiones ocultas, incertidumbre, violencia y olvido.

Palabras clave: Retorno, lugar de origen, memoria colectiva e individual y diario fotográfico.

Abstract: The images in this series refer to a search based on analogies about my past and present in Navojoa, Sonora; of spaces that no longer exist or that have been transformed, that evoke emotional roots, absences, conflict situations, hidden passions, uncertainty, violence and oblivion.

Keywords: Return, place of origin, collective and individual memory and photographic diary.

Propuse utilizar la fotografía como un diario para investigar la relación entre la memoria personal y la colectiva. Lo que me hizo reflexionar sobre cómo se recuerda el pasado, se transmite en el presente y cómo las historias impactan en nuestra comprensión actual del mundo. Las fotos que forman parte de ésta serie migran hacia la escritura donde un narrador, en tercera persona, habla de un personaje oriundo de Navojoa, pero que vive en otro lugar lejos, desde hace muchos años y que recuerda constantemente a su familia y su lugar de origen; motivo por el cual decide regresar a Navojoa.

Al bajarse del tren, toma el mismo camino que cuando era un jovencito e iba a lustrar zapatos de los cargueros y de los pasajeros de la estación que llegaban a su destino. Ahora solo ve cascarones derruidos y grafiteados. Apresura el paso. Se sentía frágil. Un desamor le hizo regresar a su lugar de origen.

Son las cinco de la tarde y recuerda que es la hora en que decidió irse de Navojoa hace treinta años. Quizá la luz dorada lo guíe, la misma que seguía las veces que se perdía en lo profundo del bosque salado que estaba junto a la Laguna. “¡Mi casa está muy cerca de allí!” el pensó. Pero fue inútil, su pueblo ya no era el mismo que cuando se fue. Se había convertido en ciudad. No obstante, el sonido de la sirena que acompaña todas las tardes la caída del sol en Navojoa, hizo que no perdiera la esperanza. Sabía que ese sonido venía del mercado local y estaba muy cerca.

Recibe el olor de la tierra seca regada por la pipa de agua verpertina. Aunque lo parezca, no es un pueblo fantasma, es ya una ciudad en parsimonia. Huellas indelebles de carretas. Ruedan bicicletas. ¿Es un claxon de troca aquel que suena? Viento lento y seco. Lluvia ansiada en verano de nostalgia.

El sur de Sonora es una zona semidesértica y está conformado por tres municipios: Navojoa, Etchojoa y Huatabampo; las cuales cuentan con grandes extensiones dedicadas a la agricultura y ganadería. Son pueblos llenos de tradición, pero con poca presencia dentro de su entorno urbano, en los que su cultura ancestral: los Mayos, han sido relegados a la orilla en rancherías, debido a la modernidad que demanda la sociedad conservadora que vive en el centro de estas tres pequeñas ciudades. Los rezagos económicos y sociales definen su geografía con un ambiente donde el tiempo parece haberse detenido, creando una compleja trama de convivencia entre clases sociales con características violentas, a veces sutiles y otras muy evidentes, en el México contemporáneo.

Referencias

Palomares, Jerónimo. Ciudad en parsimonia, bitácora de campo (texto y fotografía/sondeo y percepciones de navojoa, sonora), México: 2014–2017.

Fontcuberta, Joan. El beso de judas, fotografía y verdad, la ciudad fantasma; México: Gustavo Gili, 2015.

Calvino, Italo. Las ciudades invisibles. Madrid: Siruela, colección biblioteca Italo Calvino, 2021.

Ricoeur, Paul. “Historia y memoria. La escritura de la historia y la representación del pasado” en *Annales, Histoire, Sciences Sociales*, París, núm. 55–4 (2000): 731–747.

Ricoeur, Paul. La memoria, la historia, el olvido, Madrid: Editorial Trotta, 2003.















Fotografando quatro bairros populares na Europa e interagindo com os moradores

**Photographing four popular neighborhoods in Europe and interacting
like the inhabitants**

**Photographier quatre quartiers populaires d'Europe et interagir com-
me les habitants**

Sylvaine Conord ¹

sylvaineconord@orange.fr

<https://orcid.org/0000-0002-5865-6155>

1 - Professora de HDR em sociologia Universidade de Paris Nanterre UMR LAVUE (CNRS, 7218) Site: <https://www.sylvaine-conord.com>

Resumo: Este artigo traz a experiência de um projeto em sociologia visual com produção fotográfica. No âmbito do Projeto intitulado Permanecer na (centro) cidade e financiado pelo Plano de Urbanismo Construção e Arquitetura, França, de 2014 a 2016, pesquisei em quatro países na interlocução com seus habitantes. Em especial destaco características de resistência às diferentes formas de gentrificação.

Palavras-chave: sociologia visual, fotografia, cidades, habitantes, resistência

Abstract: *This article brings the experience of a project in visual sociology with photographic production. Within the scope of the Project entitled “Stay in (center) City” (France) and financed by the Plan for Urbanism, Construction and Architecture, from 2014 to 2016, I researched in four countries in dialogue with their inhabitants. In particular, I highlight characteristics of resistance to different forms of gentrification.*

Keywords: *visual sociology, photography, cities, inhabitants, resistance*

Resume: *Cet article apporte l’expérience d’un projet en sociologie visuelle avec production photographique. Dans le cadre du Projet intitulé “Rester en (centre) Ville” financé par le Plan Urbanisme Construction Architecture, France, de 2014 à 2016, j’ai effectué des recherches dans quatre pays en dialogue avec leurs habitants. En particulier, je mets en évidence des caractéristiques de résistance aux différentes formes de gentrification.*

Mots-clés : *sociologie visuelle, photographie, villes, habitants, résistance*

A imagem fotográfica é um vetor de emoções, de memórias e de reflexividades. Ela está na origem de uma troca frutífera quando acionada no processo de interações entre pesquisadores socioantropológicos e habitantes (Conord, 2000). Ela é potente e ajuda a liberar um discurso sobre os modos de representação do bairro, sobre os modos de viver e habitar a cidade.

Existem vários meios para investigar os modos de representação da cidade e a chamada pesquisa participativa, parece bastante apropriada na sociologia visual. Em especial quando o/a pesquisador/a interage na pesquisa de campo promovendo um duplo olhar, o seu e a das pessoas interlocutoras que participam desta metodologia da tomada fotográfica. Neste processo estamos diante de uma ação que agrega ao status de observador, uma experiência específica de compartilhamento com os sujeitos fotografados.

Eu pude experimentar essa abordagem concretamente durante uma participação na pesquisa intitulada R.E.V., “Rester en (centre) Ville” (Permanecer na-centro- cidade), financiada pela PUCA (Plan Urbanisme Construction Architecture) e coordenada por Yankel Fijalkow (CRH, UMR LAVUE) e Claire Lévy- Vroelant (CRH, UMR LAVUE), de 2014 a 2016.

Foi uma experiência de pesquisa coletiva que mobilizou 12 pesquisadores em quatro países (França, Bélgica, Áustria e Portugal) em torno de um tema de pesquisa : resistência comum à gentrificação. O desenvolvimento de um quadro metodológico comum permitiu estudar quatro bairros de quatro capitais europeias que resistem de formas diferentes à gentrificação; o bairro La Mouraria em Lisboa (Portugal), o bairro Volkert em Viena (Áustria), o bairro Goutte d’Or em Paris 18e (França) e o bairro Heyvaert em Bruxelas (Bélgica). Para mim, como socióloga-fotógrafa, foi um projeto em que pude desenvolver esta dupla pertença como um método em que pude coletar materiais visuais e discursos sobre as representações de um bairro e o uso feito pelos seus moradores.

Optei por pedir aos moradores que apontassem os lugares, objetos ou pessoas para fotografar de acordo com o papel que desempenhavam, positivo ou negativo, em sua vivência cotidiana no bairro em questão. Inspirei-me no “método do itinerário ou memória involuntária” de Jean-Yves Petiteau, mesmo que eu tenha feito algumas modificações. “O percurso não é apenas o deslocamento no território do outro, é ao mesmo tempo um deslocamento no seu universo de referência” (Petiteau, 2001). As fotografias tiradas nos diferentes locais circularam entre as equipes e permitiram reajustar suas visões sobre as convergências e divergências entre os campos de pesquisa, ou seja, praticar o método comparativo de forma distinta.

A relação sujeitos-fotografados/sujeito-fotografando colocada no centro da investigação revela aspectos insuspeitos do campo (Conord, 2007). A fotografia sociológica-e em particular esta fotografia participativa que envolve completamente o habitante na tomada de fotos e na visita ao bairro-contribui para a compreensão do sistema de lugares e ligações dos habitantes no coração de minha reflexão (Chabrol, Conord, Fijalkow, Henrio, Rozenholc, 2016). Essa abordagem traz certo ganho de reflexividade por levar em conta o ponto de vista das pessoas investidas de um papel concreto em relação ao pesquisador.

As imagens produzidas narram a vida cotidiana desses bairros, entre mundos que se relacionam sem necessariamente se reencontrar, que apresentam temporalidades diversas e perspectivas urbanas incertas.

Elas descrevem geografias entrelaçadas e lugares estruturantes, que, por meio de meios de comunicação extremamente rápidos, atuam na vida dos bairros (ibid.). Revelam-se as áreas urbanas e os espaços de convivência em que a referência, o ponto de ligação, familiar ou amical, está intimamente ligado ao lugar. Uma das formas de restituição da pesquisa selecionada neste programa foi a organização de uma exposição itinerante dessas fotografias pela Europa.

Referências

Chabrol Marie, Sylvaine Conord, Yankel Fijalkow, Yannick Henrio, Caroline Rozenholc, 2016, « « Comment on s'organise ? » Le programme REV, une recherche collective sous le regard de ses chercheurs », ethnographiques.org, Numéro 32 — Enquêtes collectives [en ligne].

Conord Sylvaine, 2000, « “On va t'apprendre à faire des affaires...” », Échanges et négociés entre une anthropologue-photographe et des Juives tunisiennes de Belleville », Questions d'optiques. Aperçus sur les relations entre la photographie et les sciences sociales, Paris, Association Française des Anthropologues — Maison des Sciences de l'Homme, Journal des anthropologues, 80-81 : 91-116.

Conord Sylvaine, 2007, « Usages et fonctions de la photographie », Arrêt sur images. Photographie et anthropologie, Ethnologie française, PUF, Tome XXXVII, 1 : 11-22.

Petiteau Jean-Yves, 2001. « La méthode des itinéraires : récits et parcours », in Michèle Grosjean, Jean-Paul Thibault, Élisabeth Pasquier (dir.). L'espace urbain en méthode. Marseille, Parenthèses.



Fotografia 1: Alhassan, um dos guias do bairro Goutte d'Or em Paris, França, 2014 REV research, © Sylvaine Conord.

Alhassan tem 55 anos. Ele veio sozinho do Senegal para a França em 1990. Ele chegou diretamente à rue Myrha para encontrar um conhecido lá. Para ele, o distrito de Goutte d'Or é a "Pequena África". Costureiro artesão, rapidamente encontrou emprego na área de confecção. A visita ao distrito começa sistematicamente com a realização de um retrato do habitante-guia.



Fotografia 2: Passeio com Alhassan no distrito Goutte d'Or, rue Léon, 18^e arrondissement de Paris. França, 2014 REV Research © Sylvaine Conord.



Fotografia 3: Caminhada com Alhassan no distrito Goutte d'Or, rue Léon, 18^e arrondissement de Paris, França, 2014 REV Research © Sylvaine Conord.



Vitor tem 36 anos, nasceu na sua casa, na Travessa do Jordão, 21, em Lisboa, na Mouraria. Ainda hoje vive na mesma rua. Vitor: “Saí por 6 anos, mas vinha todo mês. Eu era casado e vinha todo mês ver minha mãe. Continuei dormindo em casa e sempre voltei às minhas origens, a casa da minha mãe”. Ele trabalha na Padaria Portuguesa (café-padaria), e à noite canta e dança flamenco num bar.

Fotografia 4: Passeio com Vitor, distrito da Mouraria, rua do Capelão, Lisboa, Portugal, 2014, REV Research
© Sylvaine Conord.



Fotografia 5: Passeio com Vitor, distrito da Mouraria, rua do Capelão, Lisboa, Portugal, 2014, REV Research © Sylvaine Conord



Fotografia 6 : Passeio com Vitor, distrito da Mouraria, rua do Capelão, Lisboa, Portugal, 2014, REV Research © Sylvaine Conord

Saeda tem 45 anos. Ela é jordaniana. Ela se mudou para a Bélgica e para Heyvaert em 1993, onde seu pai morava há vários anos, para tratar um de seus filhos deficientes. Outras crianças nasceram. Eles têm agora entre 25 e 11 anos. Os dois mais velhos se casaram e deixaram a casa da família. Saeda mora com o marido, motorista de caminhão, e os cinco filhos mais novos estudantes, em uma grande casa unifamiliar administrada pela Union des Locataires d'Anderlecht Cureghem (ULAC).



Fotografia 7 : Passeio com Saeda, Quartier Heyvaert em sua casa Anderlecht, Bruxelas (Bélgica), 2014, Research REV © Sylvaine Conord.



Fotografia 8 : Caminhada com Saeda, distrito de Heyvaert, Bruxelas (Bélgica). 2014, Research REV © Sylvaine Conord



Fotografia 9 : Caminhada com Saeda, distrito de Heyvaert, mesquita turca em dia de feira, Bruxelas (Bélgica), 2014, Research REV © Sylvaine Conord



Fotografia 10: Ebru, distrito de Volkert (praça central), Viena, Áustria, 2014, Research REV © Sylvaine Conord. Ebru tem 37 anos.

Ela nasceu e cresceu na Turquia. Em 2006 ela deixou Istambul para vir para a Áustria. Ela viveu em Linz por vários anos. Lá ela conheceu seu marido que se mudou para Viena pouco antes dela. O apartamento no bairro Volkert foi inicialmente escolha do seu marido, mas não demorou muito para que ela se apaixonasse pelo local. Ela trabalha como artista freelancer. Sua família ainda mora na Turquia e ela a visita regularmente.



Fotografia 11: Distrito de Volkert, Volkertplatz, Viena, Áustria. 2014, Research REV © Sylvaine Conord



Fotografia 12: Café na Volkertplatz, distrito de Volkert, Viena, Áustria, 2014, Research REV © Sylvaine Conord

Prácticas de imagen en tiempos del color como plusvalor: entre la ciudad planificada y las prácticas urbanas

Image practices in times of color as surplus value: between the planned city and the urban practices

Ana Clara Fabaron ¹
anafabaron@gmail.com

1 - Doctora en Antropología Social. Profesora e investigadora de la Escuela Interdisciplinaria de Altos Estudios Sociales, Universidad Nacional de San Martín, Argentina.



Resúmen: Este ensayo fotográfico se sustenta en una etnografía realizada entre 2008 y 2012 en La Boca, un barrio de la zona sur de la Ciudad de Buenos Aires, donde confluyen procesos de reconversión urbana y déficit habitacional, en el marco de un fuerte crecimiento turístico (Fabaron, 2019). Se procura mostrar que la producción de los paisajes abarca usos estratégicos de las imágenes para atraer inversiones y consumidores, así como prácticas de imagen que no son instrumentales a este objetivo.

Palabras clave: prácticas de imagen, paisaje, reconversión urbana

Abstract: *This photo essay is based on a ethnography realized between 2008 and 2012 in La Boca, a neighborhood in the southern area of the city of Buenos Aires, where housing insufficiency coexists with urban renewal processes, in the context of a strong tourism growth (Fabaron, 2019). The purpose is to show that the production of landscapes comprises both strategic uses of images to attract investment and consumers, as well as image practices wich are not instrumental to this goal.*

Keywords: *image practices, landscape, urban renewal*

En la Ciudad de Buenos Aires se han multiplicado las operaciones de recuperación o renovación de lo existente, ya sea para destinarlo al turismo, al mercado inmobiliario, o bien como contrapunto de los miedos urbanos. Acciones de producción de valor de ciertas áreas urbanas, y –desde 2008– la sectorización en distritos “creativos”, buscan posicionar a la ciudad en competencia con otras ciudades. El deterioro habitacional o del equipamiento urbano caracteriza otros sectores menos visibilizados.

En La Boca, espacios investidos de alto valor simbólico, tanto en la memoria local como en el imaginario porteño (como Caminito, el Antiguo Puente Transbordador y el Estadio de Boca), conviven junto a áreas menos prestigiosas, con déficit habitacional y del espacio público urbano. La heterogeneidad, tanto en los espacios residenciales y de esparcimiento como en el equipamiento y servicios urbanos, conforman características distintivas de esta porción de la ciudad.

En tiempos en los cuales el color y la creatividad son consideradas un plusvalor en las políticas urbanas, La Boca tiene sin duda particularidades para ofrecer, y es un lugar estratégico para estudiar dinámicas de reconversión urbana. En primer lugar, el barrio congrega a personas de diversas pertenencias culturales y sociales, en un área que atraviesa importantes transformaciones socioespaciales desde mediados de la década de 1990, cuando la realización de la defensa costera terminó con las inundaciones y se inició un proceso de nuevas oportunidades para el turismo. En segundo lugar, La Boca tiene una tradición de simbolizaciones del barrio, con un énfasis en la dimensión visual, que fue forjada en las primeras décadas del siglo XX y hasta 1960 (Silvestri, 2003), y ha sedimentado en el presente. Un corpus restringido de operaciones simbólicas puede sintetizarse esquemáticamente en dos grupos que denominé, respectivamente, como trama multicolor y trama azul y oro. La primera alude a los signos vinculados al pinto-resquismo, a la construcción de un “paisaje de La Boca”, y a la convención consolidada en Caminito que liga dicho paisaje al conventillo y a ciertos usos del color. La segunda refiere a la convención simbólica en torno a la combinación de colores azul-amarillo, elegida inicialmente para representar al club de fútbol local. En la actualidad, ambas tramas se entremezclan en los paisajes barriales, junto a otros signos visuales identitarios, a los que se suman signos que circulan y son reapropiados de modos diversos en un contexto global (Marcus y Myers, 1995).

Diferentes especialistas en cuestiones urbanas han destacado la relación entre una estetización de las ciudades contemporáneas y un modelo exclusivo de ciudad (Améndola 2000; Delgado 2008; Zukin 1996). Los aportes de estos estudios subrayan tendencias en las políticas urbanas y los estilos de vida, y contribuyen a señalar el rol del poder político y económico en los procesos de estetización orientados a atraer consumidores e inversiones privadas. Sin embargo, esta mirada que privilegia tendencias impulsadas “desde arriba” tiende a subvalorar los modos de operar con imágenes de

habitantes y usuarios que están orientados a otros objetivos. Mi intención no es negar las vinculaciones entre procesos de estetización y los desiguales accesos a la ciudad, sino complejizar el análisis. En el caso de La Boca, mi abordaje procuró reponer una polifonía de voces, tomando en cuenta tanto el rol central del Estado y de capitales privados como el papel de los habitantes del barrio en la producción de los paisajes. Desde ese interés, dirigí la atención hacia “prácticas de imagen” (Fabaron, 2019) (que se materializan en los paisajes urbanos), y sus vinculaciones con otras prácticas, como las prácticas espacio-temporales (De Certeau, 2000), o las identificaciones sociales.

Las experiencias de los habitantes de La Boca dan cuenta de un rol activo –aunque restringido– en la producción de los paisajes. En estos procesos, las marcas visuales pueden ser un recurso para transformar un espacio en un lugar de devoción y encuentro, disputar un sentido de lugar predominante, demarcar territorialidades, disputar el derecho a ser productores culturales, visibilizar muertes jóvenes violentas, dar visibilidad a sentimientos de pertenencia.

Procuré mostrar que la producción de los paisajes de La Boca abarca usos estratégicos de las imágenes para atraer inversiones y consumidores, así como numerosas prácticas de imagen que no son instrumentales a este propósito. Estas prácticas, y su relación con otras prácticas urbanas, llaman la atención hacia la importancia de tomar en cuenta los intereses de quienes habitan la ciudad desde disímiles condiciones de ciudadanía.

Referencias

Améndola, G. 2000. *La Ciudad Postmoderna. Magia y miedo de la metrópolis contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid.

De Certeau, M. 2000. *La invención de lo cotidiano. 1 Artes de hacer*, 1º reimp, Universidad Iberoamericana, Instituto Tecnológico y Estudios Superiores de Occidente, México.

Delgado, M. 2008. La artistización de las políticas urbanísticas. El lugar de la cultura en las dinámicas de reapropiación capitalista de la ciudad. Diez años de cambios en el Mundo, en *la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999–2008. Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica*. Universidad de Barcelona, Barcelona, España. <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/393.htm> (Acceso: 28/05/2014).

Fabaron, A. 2019. *Las batallas del color: prácticas de imagen al sur de la ciudad de Buenos Aires*. San Martín, Unsam Edita.

Silvestri, G. 2003. *El color del río. Historia cultural del paisaje del Riachuelo*, Universidad Nacional de Quilmes y Prometeo, Bernal.

Marcus, G., F. Myers. 1995. *The traffic in art and culture: an introduction*. Marcus, G., F. Myers. (eds.). *The traffic in culture: refiguring art and anthropology*, 1–51, University of California Press, Berkeley.

Zukin, S. 1996. Paisagens Urbanas Pós-modernas: mapeando cultura e poder. *Cidadania. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. 24: 205–219, IPHAN, Rio de Janeiro.

744

BARRIO
UNIDO

(NIKO)



MONDO
2012

MUNDO
2012

AVANTE FLIN

LITERAS

LA BOCA

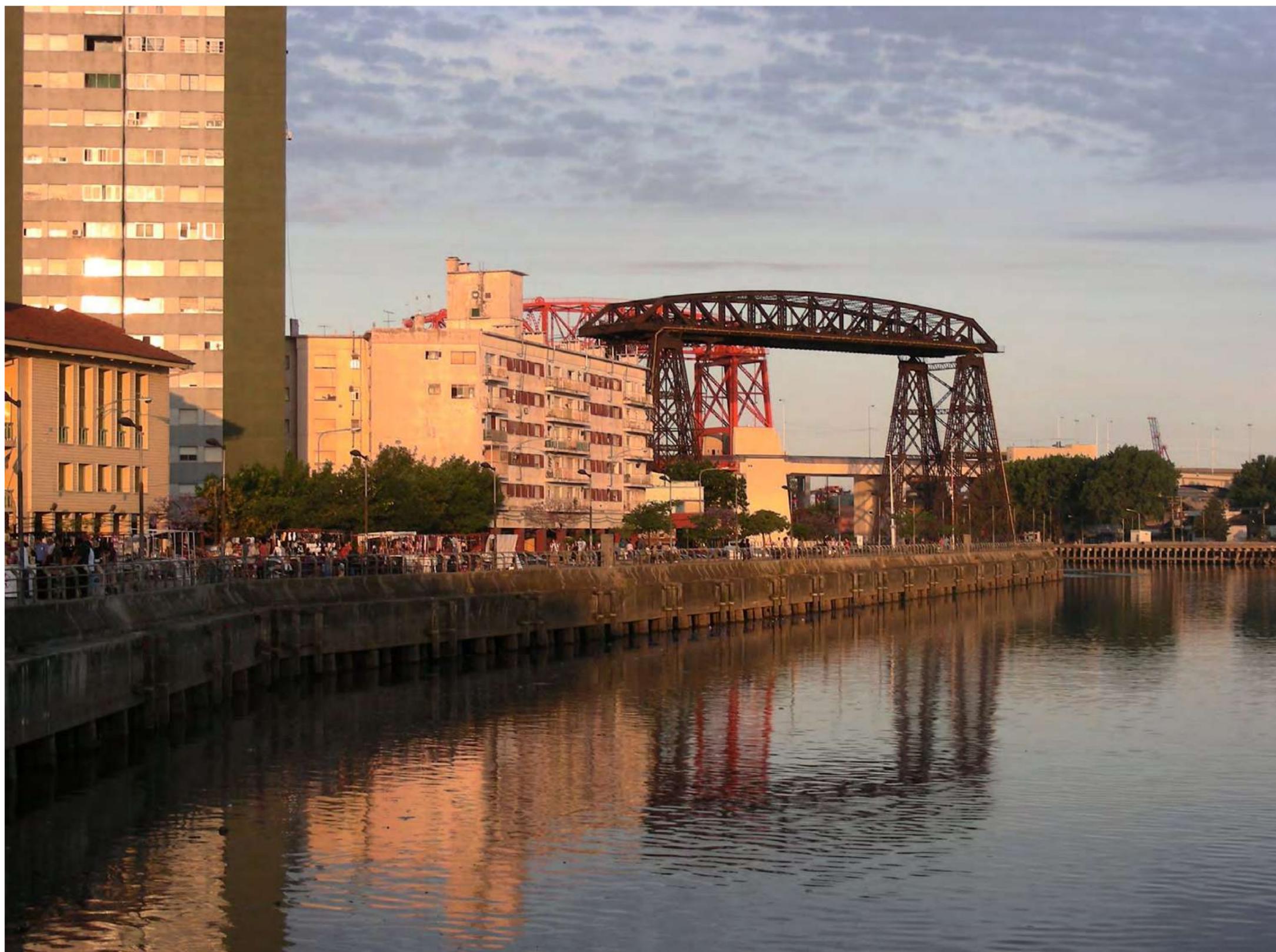
LOS
BOCAS

LOS

PIBES

POLICO













JOHN
LENNON
LO SOMNOS
AYER Y HOY
tu boca por mi boca dibujada

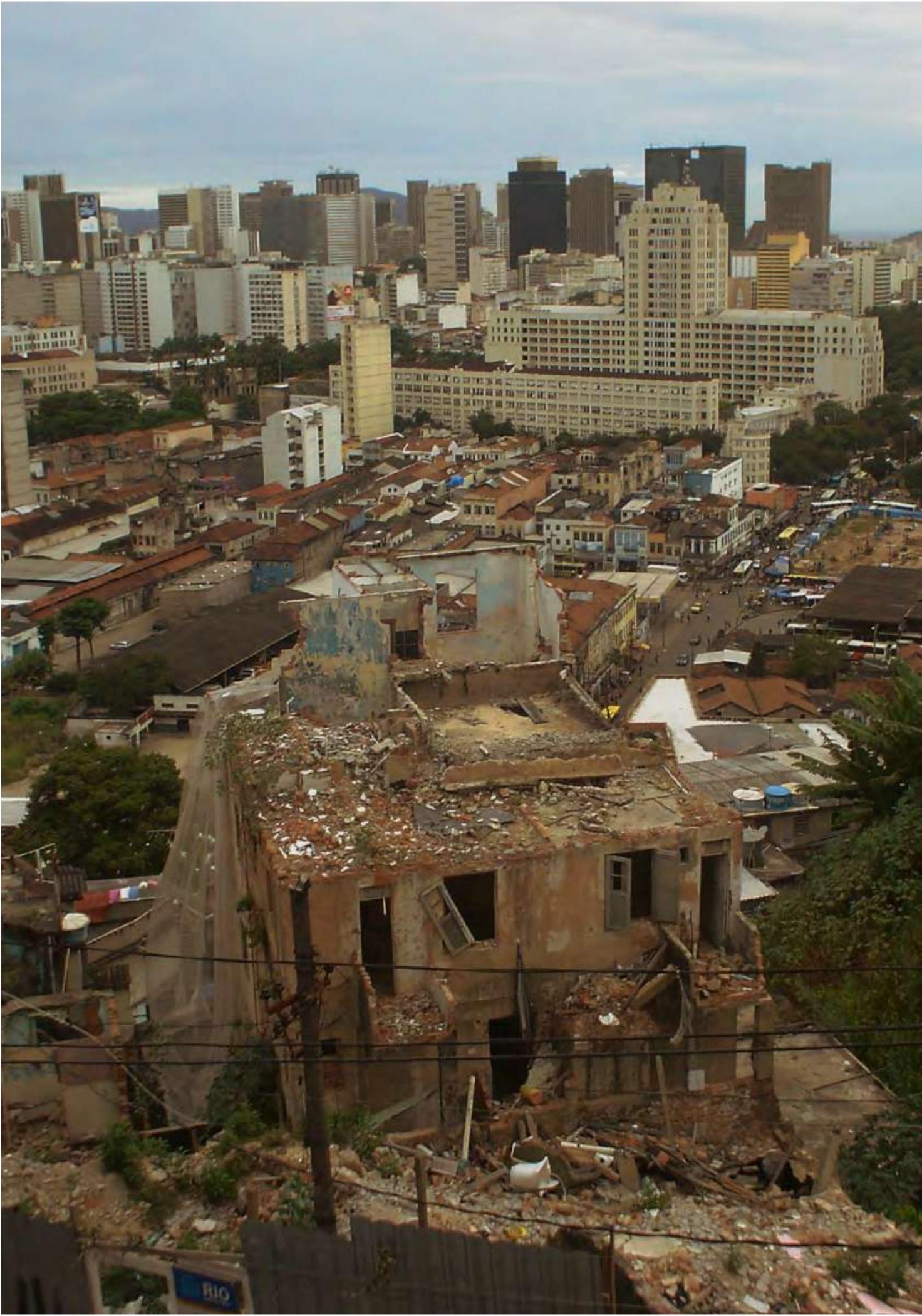
PAZ

HOY

SNELTER

la sirena





As ruínas do futuro: imagens do tempo, disrupção e revitalização na zona portuária do Rio de Janeiro

The ruins of the future: images of time, disruption and gentrification in the port area of Rio de Janeiro

Anelise Gutterres ¹

adsgutterres@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2228621863003175>

<https://orcid.org/0000-0002-8043-0881>

1 -Pesquisadora associada do LACED, PPGAS/Museu Nacional-UFRJ. Membro do CAV (ABA) e da Comissão de Imagem e Som (ANPOCS-biênio 2021-2022).

Resumo: O ensaio é parte de uma constelação de imagens que reúne fotografias originais, pesquisa em acervos e a investigação no banco de imagens georreferenciadas do Google como parte da reflexão metodológica sobre as imagens como artefatos do tempo transcorrido, pistas e antevisões das transformações e ritmos temporais na cidade. Ele é resultado de minha pesquisa etnográfica sobre as transformações urbanas na zona portuária do Rio de Janeiro, que estão no meu horizonte de pesquisa há 10 anos.

Palavras-chave: Imagens, zona portuária, rio de janeiro, revitalização, ruínas

Abstract: *The essay is part of a constellation of images that brings together original photos, research in collections and research in Google's georeferenced image bank as part of the methodological reflection on images as artifacts of elapsed time, clues and previews of transformations, rhythms and temporality in the city. It is the result of my ethnographic research on urban transformations in the port region of Rio de Janeiro, which have been on my research horizon since 2011.*

Keywords: *Images, port region, rio de janeiro, gentrification, ruins*

Quando eu iniciei a pesquisa etnográfica na área portuária da cidade do Rio de Janeiro em 2011, em especial no Morro da Providência e seu entorno, a paisagem da região estava prestes a ser amplamente transformada mais uma vez.

Como descrito em outro texto (Gutterres, 2014:197–250) a delimitação da *zona portuária* do Rio de Janeiro é parte de um processo histórico, econômico e político de configuração de território, população e usos. A região foi alvo de diversas obras de infraestrutura ao longo dos séculos, teve mangues aterrados e canalizações de rios. Também passou por violentas remoções de moradias, reformas e numerosas obras de urbanização — entre elas a construção da Estação Central da linha de ferro; a construção da Estação Marítima; e a abertura do túnel no Morro da Providência, que ligava os ramais Marítima e Central; construção da Avenida Presidente Vargas e do elevador da perimetral sob a Avenida Rodrigues Alves.

Em 2009, parte da *zona portuária* é delimitada como Área de Especial Interesse Urbano e recebe nos anos seguintes uma “reestruturação” e “requalificação” bilionárias. Categorizadas pelos governantes da época como parte do “legado das olimpíadas”, as obras na região foram incluídas no conjunto de transformações da “Cidade Olímpica” — alcunha do município do Rio de Janeiro em 2016. Classificadas como “obras de mobilidade urbana”, “obras de requalificação de espaços degradados”, “obras de urbanização, regularização e integração de assentamentos precários” acompanhei essa gentrificação diferencial da zona durante o meu trabalho de campo na região entre 2011 e 2014. Através das imagens (registradas nos anos de 2011, 2012, 2015, 2016, 2019 e 2022) eu descrevo como a disrupção foi uma marca do período estudado, e também, como as reformas foram seletivas. Diversos imóveis — cujas ocupações e moradores foram brutalmente removidos entre 2011 e 2012 — esvaziados e/ou destruídos para que os locais fossem incluídos nos programas de gentrificação voltados à *requalificação* de moradia e à difusão da economia criativa na região nunca foram reformados. Depois de ficarem alguns anos vazios, os prédios e ruínas foram reocupados por novos moradores; os escombros da casa de uma interlocutora foram utilizados como base para reconstrução de novas moradias, em um processo ambivalente de produção de resistência e vulnerabilidade.

O presente ensaio fotográfico é, portanto, resultado de reflexões sobre as transformações urbanas na área que estão no meu horizonte de pesquisa há 10 anos. Olhando para a arruinação e para as ruínas da infraestrutura como chave estética, temporal e ideológica (Gupta, 2018) na produção das desigualdades nas cidades latinoamericanas meu objetivo é contribuir com os estudos urbanos, em especial sobre as formas de habitação e circulação dos pobres nas cidades; e com os estudos nos quais a imagem é artefato para reflexão das temporalidades e suas expressões.

Frequentemente apontadas pelo poder dominante como abjetas, inapropriadas e invisibilizadas sob a noção moralizante de *vazios urbanos*, os adjetivos para as moradias em regiões alvo de projetos urbanos — em especial aqueles circunscritos no campo da *revitalização* — se transpõem rapidamente para a população que nela vive. As ações de gentrificação, higienização e urbanização seletivas fazem parte do que chamamos de “episteme da revitalização” (Gutterres, 2016) aplicada aos espaços, áreas e locais onde determinada forma de vida precisa ser constantemente contida ou extinta para que outra prospere.

Para refletir sobre o espaço através das fotografias seguimos a sugestão de Samain (2011;40) que a partir da obra de Aby Warburg, compreende as imagens como “atos, memórias, questionamentos”. Neste ensaio elas protagonizam “visões e prefigurações” e meu percurso de investigação passa por compreendê-las como artefatos do tempo transcorrido, especialmente, quando utilizo o recurso do *Google earth/street view* para obtenção de stills panorâmicos da região estudada. Buscando a construção de uma constelação de imagens (Durand, 2012; Eckert e Rocha, 2005; Samain, 2012), a pesquisa de planos imagéticos georreferenciados nos permite descobrir camadas de tempo diferentes a depender das coordenadas e ângulos utilizados na busca pelos planos. A produção fotográfica original, a pesquisa em acervos e a investigação no banco de imagens georreferenciadas do Google coaduna com a reflexão metodológica e produção de imagens como “reflexos e rastros de uma longa história de olhares que nos precederam”, ou seja, como “fluxos e refluxos do presente”, como pistas e antevistas das transformações e ritmos temporais que fomentam as ruínas do futuro (Gupta, 2018: 69).

Referências das imagens de acervo ¹

[ESTRADA de Ferro D. Pedro 2.]: Ramal da Gamboa: estação Marítima da Gamboa. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1881. 1 foto, papel albuminado, pb, 18,8 x 25,3.

PRAÇA Mauá, edifício da “À Noite”. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [193-]. 1 foto, Cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 22,2 x 16,4.

HOLLAND, S. H. [Estação D. Pedro II : Inicial da E. F. Central do Brasil]. [S.l.: s.n.], 1930. 1 foto, gelatina, pb, 15,8 x 24,5.

1 - Reproduções digitais de obras em domínio público provenientes das coleções da Biblioteca Nacional do Brasil e disponíveis na biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional — BNDigital — conforme as referências listadas.

Referências

ECKERT, C. e ROCHA, A. L. C. da. 2005. O tempo e a cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

DURAND, G. 2002. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes.

GUPTA, Akhil. 2018. “The Future in Ruins: Thoughts on the Temporality of Infrastructure” in: ANAND, Nikhil; GUPTA, Akhil; APPEL, Hannah. The Promise of Infrastructure. Durham: Duke University Press

GUTTERRES, A. dos S. 2014. A resiliência enquanto experiência de dignidade: antropologia das práticas políticas em um cotidiano de lutas e contestações junto a moradoras ameaçadas de remoção nas cidades sede da Copa do Mundo 2014. Tese de Doutorado, PPGAS, UFRGS.

GUTTERRES, A. dos S. 2016. O rumor e o terror na construção de territórios de vulnerabilidade na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Revista Mana 22(1): 179–209.

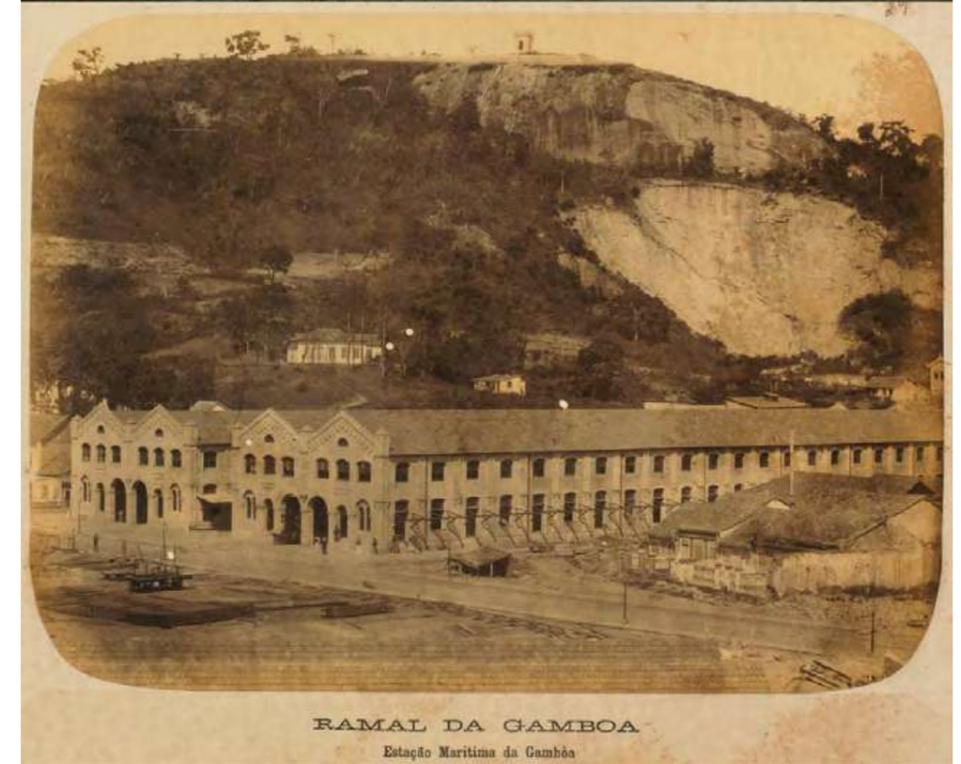
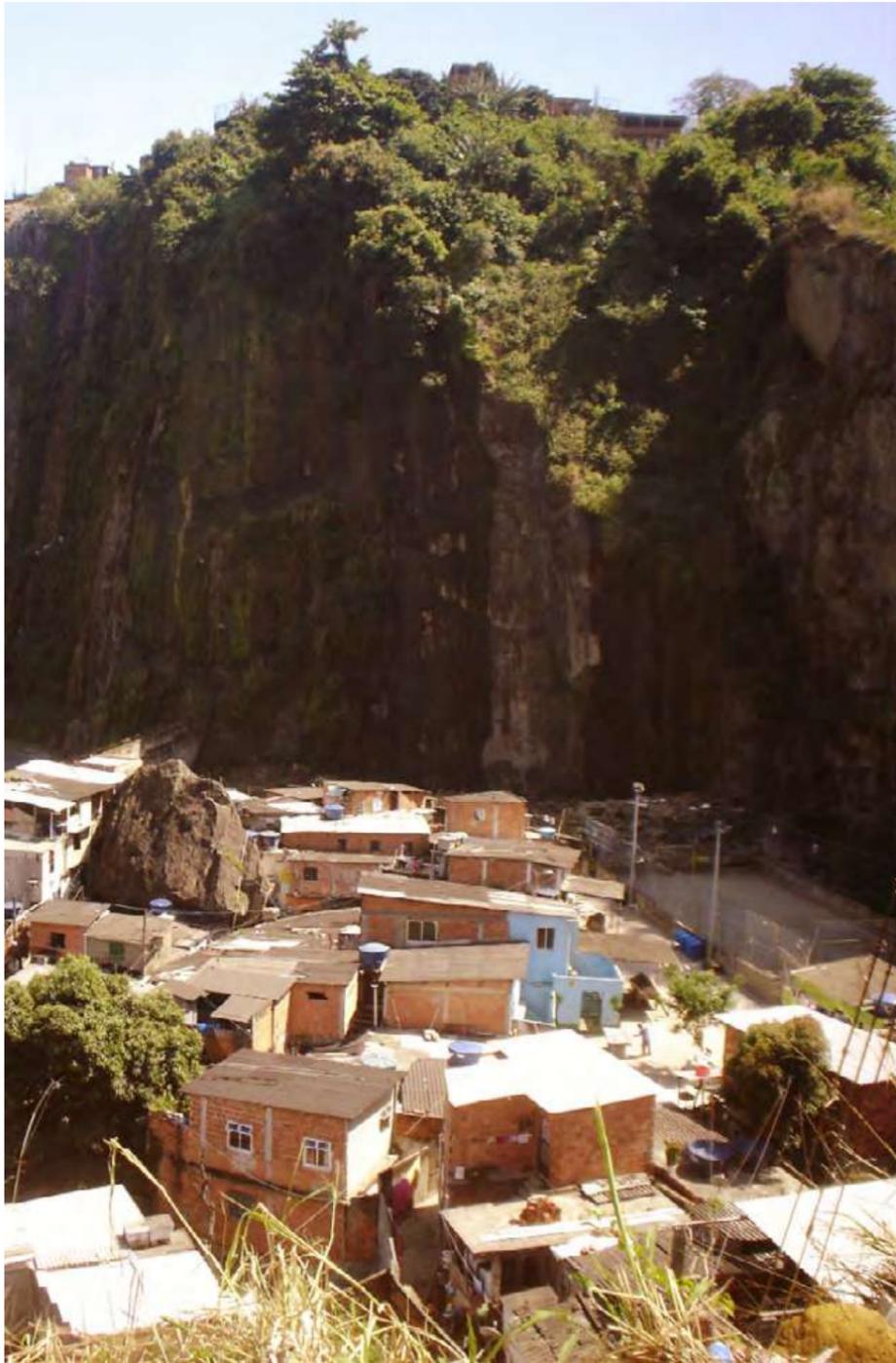
SAMAIN, E. 2011. As “Mnemosyne(s)” de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte. Revista Poiésis, nº17, jul. pp. 29–51.

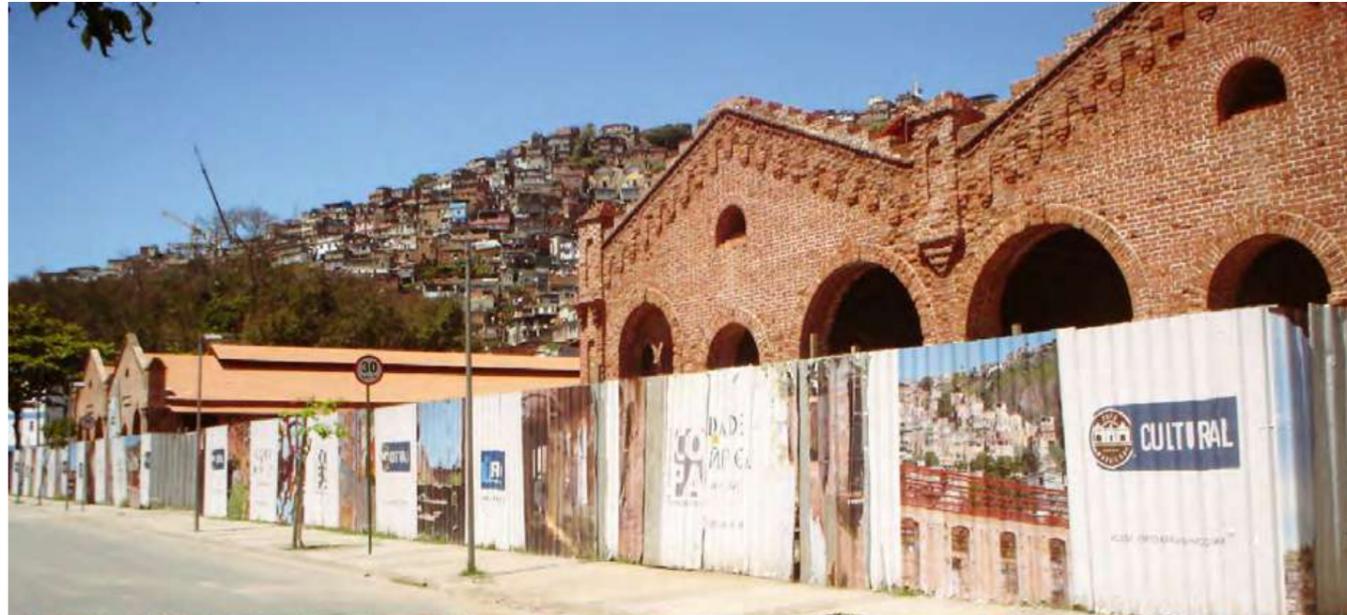
_____. 2012. Aby Warburg. Mnemosyne. Constelação de culturas e ampulheta de memórias. Campinas: Editora da Unicamp.

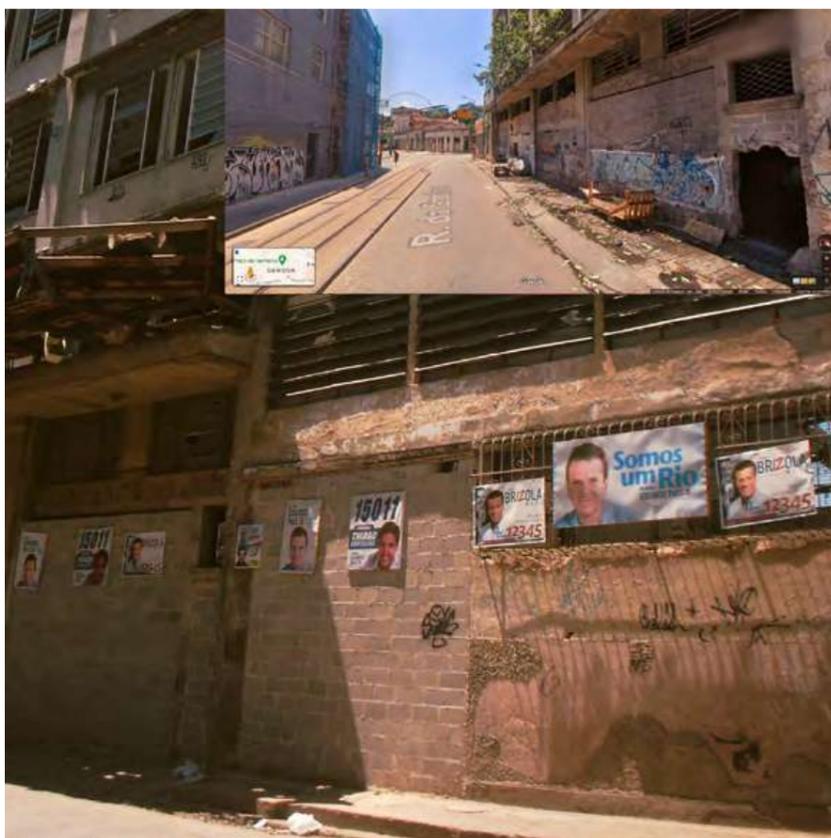


















Tempos infraestruturais na favela carioca

Infrastructural Times in the favela

Ana Clara Chequetti ¹

clarachequetti@iesp.uerj.br

<https://orcid.org/0000-0002-4128-8456>

<http://lattes.cnpq.br/8138418114803420>

¹ - Doutoranda em Sociologia no IESP-UERJ, bolsista CAPES e pesquisadora do grupo CASA/IESP e ResiduaLab/UERJ.

Resumo: O ensaio Tempos Infraestruturais direciona o olhar para como as políticas das infraestruturas na favela geram tempos e espaços específicos, administrando a vida nas comunidades. Suas materialidades não apenas incorporam vestígios de regimes políticos, como também (re)produzem subjetividades e lugares sociais de raça, classe e gênero.

Palavras-chave: Infraestruturas urbanas; urbanização; favela

Abstract: The essay *Infrastructural Times* directs the sight to how the politics of infrastructure at the favela produces particular times and spaces, managing life at these communities. Its materialities not only embody traces of political regimes, but also (re)produce subjectivities and social places of race, class and gender.

Keywords: urban infrastructures; urbanization; favela

Neste ensaio, a partir de uma visita de campo ao circuito do Museu de Favela (MuF)¹ nos morros do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (PPG), localizados entre os bairros de elite de Copacabana e Ipanema (RJ), esboço algumas reflexões sobre como as políticas infraestruturais impõe temporalidades, ritmos e circulações no cotidiano da favela dialogando desde uma perspectiva da antropologia das infraestruturas.

A proibição oficial de construção de casas em favelas perdurou por muitas décadas, reproduzindo a ideia de que seriam uma “aberração” e ratificando uma política de extinção às favelas que motivou diversas tentativas de remoção do PPG ao longo do tempo. Diante da criminalização da favela, onde a ausência de provisão de serviços e infraestrutura age também como política de remoção, como conseguir água, luz e gerir resíduos nessas condições? Nesse contexto, a lata d’água aparece como tecnologia infraestrutural fundamental.



01



02

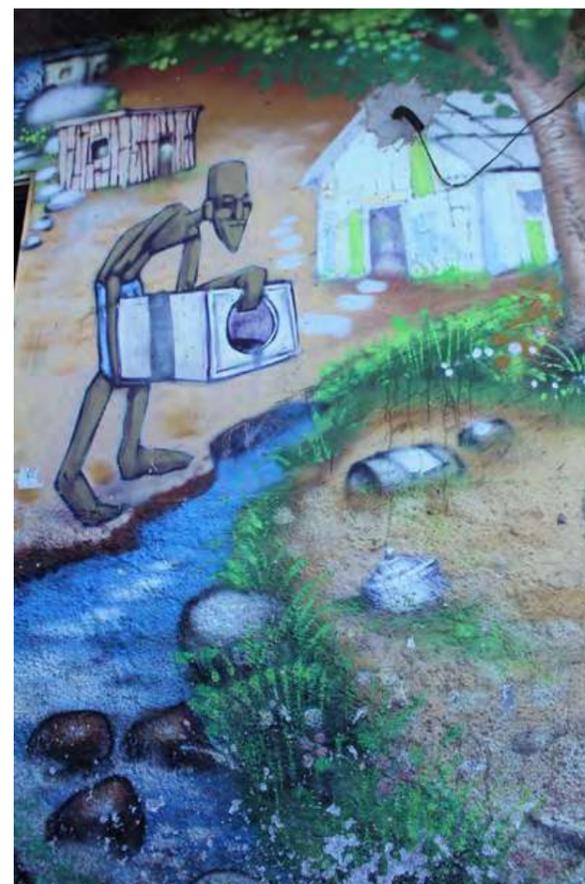
1 - O MuF surge com a proposta de tomar toda a favela como um museu vivo à céu aberto e patrimônio cultural, tornando-se primeiro um ponto de cultura do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) e depois oficializando-se como ONG. Disponível em: <https://www.museufavela.org/>

O drama das mulheres de ir até o asfalto encher as latas de água e depois carrega las cheias na cabeça morro acima é recontado por moradores de todas as favelas cariocas. Descer o morro, procurar por pontos possíveis de água no asfalto, pedir para encher em locais de serviço, negociar solidariedades, para depois subir o morro com a lata cheia na cabeça. Longe de ser uma tarefa simples, vemos um árduo caminho para a água, traçando estratégias e rotas que impõe ao cotidiano dessas mulheres certas circulações e ritmos. Fazer a água chegar na favela exige tempo, esforço, trabalho e negociações delicadas.



03

Como gerir excrementos? A lata também performa um sistema sanitário nessas condições, carregando a água suja e resíduos para valas. Nesse momento, a favela é vista como a epítome da antihigiene, uma patologia social, vértice de doenças que deveria ser extirpada do corpo social (Valladares 2000). Essa visão sustenta a segregação, legitimando a negação de apoio infraestrutural que provoca, por sua vez, as condições de precarização da vida que geram os lixões e esgotos que reforçam esses estereótipos.



04



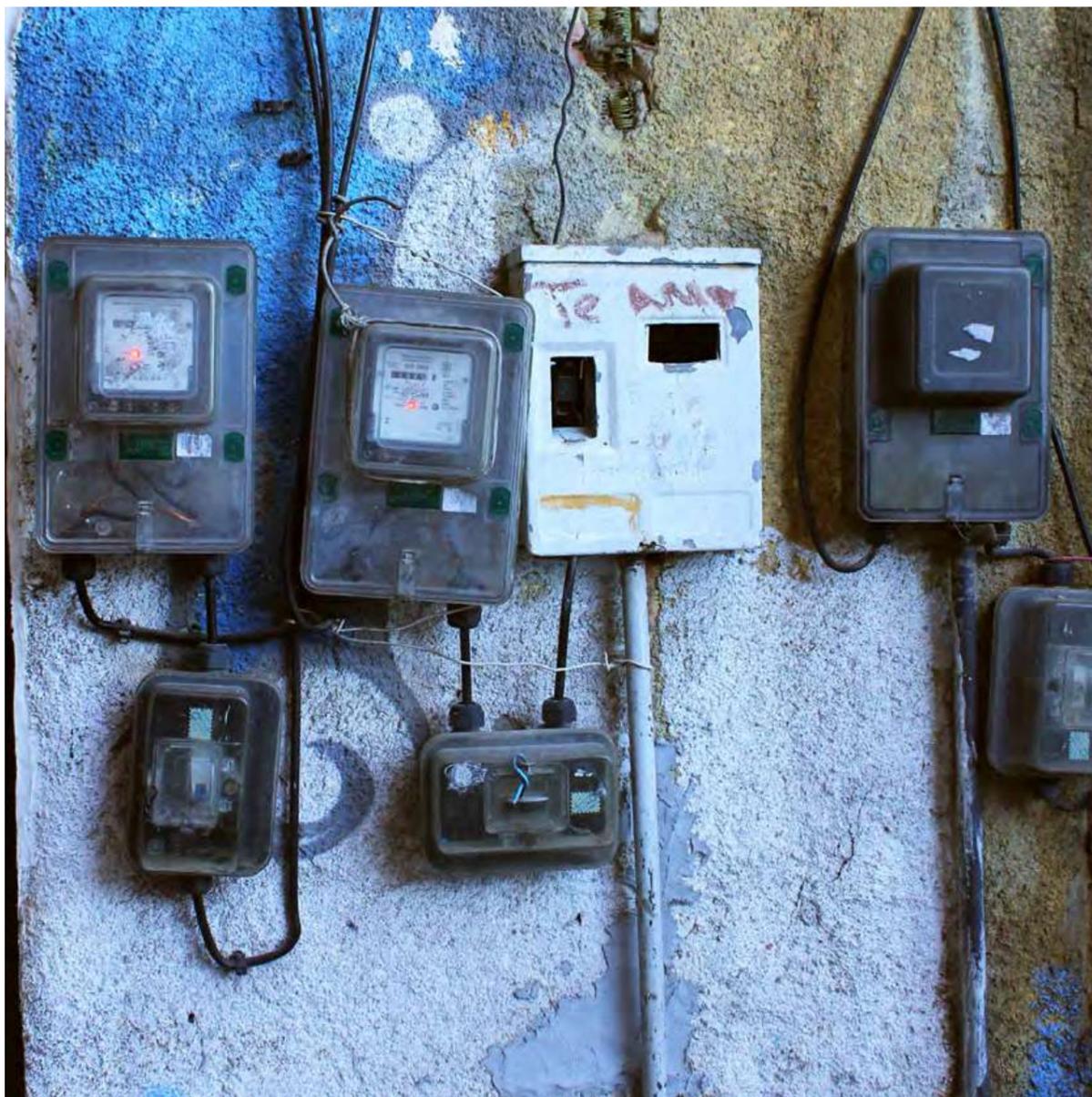
05

Foi apenas em 1960 que chegou a primeira bica d'água ao pé do morro. A escassez faz com que as pessoas sejam obrigadas a condicionar o consumo de água àquela quantidade disponível para lavar, cozinhar, beber, etc. A todo o momento os ritmos de vida estão sendo determinados pela política da água que altera como os moradores vão gerir seu tempo cotidiano.



06

Durante os anos 1980 o PPG recebe o primeiro programa de urbanização que tenta regularizar o fornecimento de luz e água, fazendo com que essas estruturas passem por paulatinas melhorias ao longo dos anos, no entanto longe de abastecer toda comunidade.



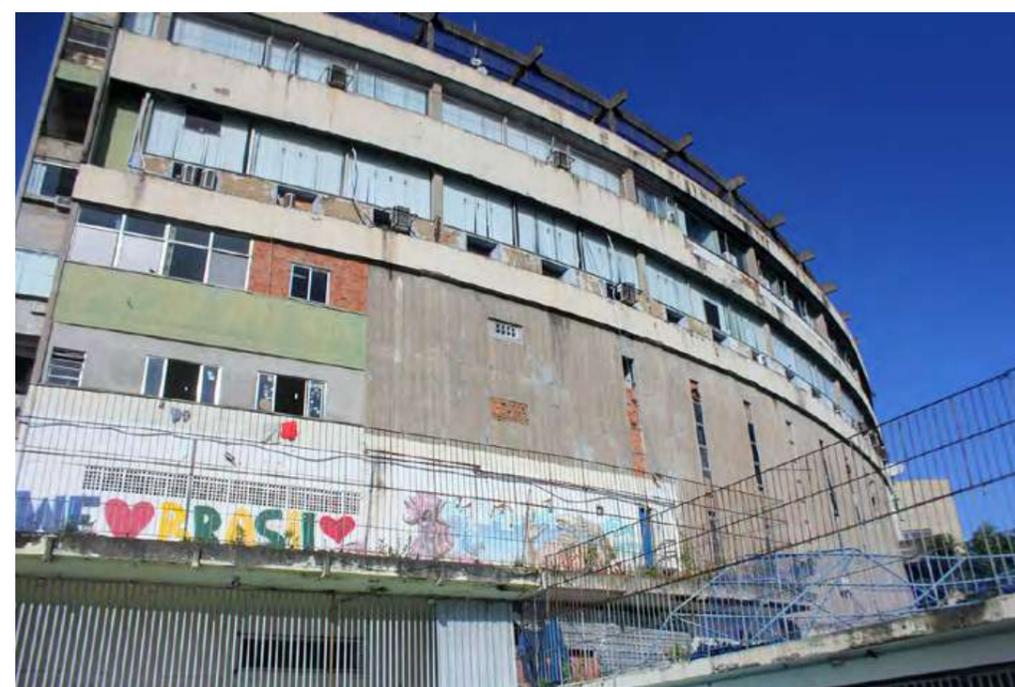
07

O PPG recebeu as obras do PAC, dentre elas um emblemático Elevador e “Mirante da Paz”. A integração PAC e UPP foi o motor de funcionamento da política de PACificação de favelas do Rio Olímpico. Seguindo uma lógica que correlaciona o combate à violência ao desenvolvimento da infraestrutura material, produziu a “inscrição monumental da favela na paisagem urbana” através de grandes obras estéticas que podem ser vistas à distância e que configuram uma espetacularização da “integração” produzindo um regime ambíguo de (in)visibilidade das favelas (Cavalcanti 2014).



08

Essas construções monumentais sempre visíveis do asfalto visam representar a promessa de um Rio de Janeiro urbano e pacificado. Grandes símbolos que marcam um tempo específico que separará passado e futuro, demarcando uma suposta entrada no mundo global e urbanizado (Gupta 2018). Enfatizando as vias de conexão entre a favela e o asfalto, o Elevador não era simplesmente um meio de transporte, era também turístico, estético e conectaria material e simbolicamente o bairro de Copacabana à favela do PPG. Sua gigantesca estrutura materializaria a própria pacificação, ao passo que tem como efeito esperado fazê-la acontecer. Desativado já há alguns anos, é preciso pegar um outro elevador em um gigantesco ex-quase-hotel de luxo.



09

Coisas que “iam ser” e não foram, coisas que “foram” um dia e não são mais. Caminhar hoje pelo PPG é andar em meio a vários pedaços e ruínas desses diversos planejamentos: restos do que foi o CIEP, o Criança Esperança, o hotel de luxo, a pacificação. Todas essas infraestruturas são vestígios de ideologias de administração da vida nas favelas, carregam símbolos políticos e promessas de futuro do que se idealiza como cidade. Essas obras inacabadas ou abandonadas são, portanto, ruínas do futuro (Gupta 2018).

O Hotel Panorama é uma ruína da política dos anos 1960 de favorecimento de construtoras e a falida remoção de favelas, e posteriormente representa também a ruína da política de segurança do GPAE e de muitas ONGS filantrópicas que, cada uma a seu modo, propunham soluções para o “problema” favela. Assim como o Elevador da “Paz” é um símbolo da ruína da política de pacificação que prometia uma integração da favela através do policiamento e obras infraestruturais.



10

Mesmo após as obras do PAC, o serviço de luz e água ainda tem instabilidades e intermitências. A vida cotidiana é condicionada pelas interrupções infraestruturais, horas e dias em que a água “sobe” (ou não), momentos em que a luz é cortada e a possibilidade de incursão policial. A desigualdade infraestrutural produz os favelados como os “outros” da cidade, retroalimentando estereótipos e justificativas de intervenção violentas. Produz, ao mesmo tempo, lugares sociais e relações de classe, gênero e raça na cidade, decidindo que pessoas vão ter suas vidas cotidianas condicionadas pela escassez.

Referências

CAVALCANTI, Mariana (2014). “Waiting in the ruins: the aesthetics and politics of favela urbanization in “PACification” Rio de Janeiro” In: GRAHAM, Steve; McFARLANE, Colin. *Infrastructural lives: urban infrastructure in context*. London / New York: Routledge.

GUPTA, Akhil (2018). “The Future in Ruins: thoughts on the Temporality of Infrastructure” in: ANAND, Nikhil; GUPTA, Akhil; APPEL, Hannah. *The Promise of Infrastructure*. Durham: Duke University Press.

VALLADARES, Lícia (2000). A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Vol. 15 no 44. São Paulo: ANPOCS.



Fotoetnografia de um restauro

Photoethnography of a restoration

Pablo B. Pinheiro ¹

pablopineiro.foto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9783-2684>

<http://lattes.cnpq.br/0391329557382155>

1 - Fotógrafo, artista visual, mestrando em Antropologia Social na UFRN/PPGAS, bolsista CAPES e pesquisador do grupo NAVIS (UFRN).

Resumo: A série de fotografias faz parte do acervo do ensaio fotográfico sobre a obra de restauro do Teatro Alberto Maranhão (TAM), em Natal/RN, que ocorreu de 2019 a 2021. São imagens que evidenciam os trabalhadores, as vezes esquecidos ao longo de uma história. Ao mesmo tempo em que as imagens servem como registros históricos, elas também nos ajudam a compreender as camadas diferentes e mais profundas sobre aquela história narrada visualmente, ampliando as leituras para além do que está na escrita.

Palavras-chaves: Fotografia; Narrativas visuais; Antropologia Visual; Memória; Trabalhadores

Abstract: *The series of photographs is part of the collection of the photographic essay on the restoration work of the Alberto Maranhão Theater (TAM), in Natal/RN, which took place from 2019 to 2021. They are images that show the workers, sometimes forgotten throughout history. While the images serve as historical records, they also help us understand the different and deeper layers about that story narrated visually, expanding the readings beyond what is in the writing.*

Keywords: *Photography; Visual Narratives; Visual Anthropology; Memory; Workers*

A fala visual

O ensaio visual é composto por fotografias da restauração do Teatro Alberto Maranhão (TAM), na cidade de Natal/RN, que aconteceu de 2019 a 2021, e apresenta uma reflexão para quem utiliza a imagem como metodologia de pesquisa no campo da Antropologia, por meio de uma fotoetnografia (ACHUTTI, 1997), que considera a existência de camadas que ampliam as leituras das imagens, e um corpus fotográfico (GURAN, 2000), que nos aproxima da complexidade que é uma fotografia, ou um ensaio fotográfico (conjunto de fotografias), como conteúdo em uma pesquisa antropológica.

Neste ensaio focalizo as pessoas que trabalharam no restauro do TAM. Um equipamento cultural potiguar que foi interditado em 2015 pela insegurança em sua estrutura, apontando para uma reforma, na época, imediata, mas só efetivada a partir do ano de 2018, quando o Governo do Rio Grande do Norte assinou um contrato com o Banco Mundial, garantindo o recurso necessário para a realização da obra de restauro. A Construtora Ramalho Moreira e seus funcionários (contratados e terceirizados) passaram a realizar a obra e entregaram o equipamento ao público potiguar em dezembro de 2021 (do NORTE, 2018, 2021; MESQUITA et al., 2018). Uma obra em que, durante cada etapa, estavam presentes 25 a 30 trabalhadores, mas teve, desde o início, um fluxo de 300 pessoas envolvidas ao longo do processo (segundo levantamento da construtora).

Passei a fotografar a obra a partir de 2019, criando um perfil no Instagram para que todos pudessem acompanhar de forma simultânea alguns resultados: “@diariodebor-dotam” (PINHEIRO, 2019). Muitos que trabalhavam na obra não eram daquele bairro, mas estavam ali construindo um retalho de memórias que se somaria às já existentes no bairro da Ribeira, uma região conhecida pelos seus importantes e esquecidos patrimônios culturais, históricos e arquitetônicos. Legitimar a importância do restauro e dos trabalhadores envolvidos nessa ação foi o que definiu a construção de um acervo fotográfico de forma dinâmica. As fotografias dos trabalhadores passam, então, a ampliar olhares para além dos registros apenas de estruturas sendo restauradas. Evidenciam pessoas e suas histórias.

A força e a importância que a fotografia possui como dado de pesquisas já foram apresentadas por muitos autores clássicos, mas ainda é preciso serem reforçadas pelos pesquisadores contemporâneos (NOVAES, 2004). Quando, nas expedições de Franz Boas, ele contrata Edward Curtis para fotografar e registrar suas investigações (CASTRO, 2005; CASTRO & BOAS, 2004; CURTIS, 1914), ou ao folhearmos as imagens do “Argonautas do Pacífico Ocidental” (MALINOWSKI, 2018), já é possível perceber que adotar a fotografia como registro de campo era uma opção de coleta rica para as análises. Continua sendo, para análises atuais, pois pode revelar novas camadas de informação e, certamente, podemos compreender a imagem como um dado. Rever as páginas de

Malinowski pelo olhar de Etienne Samain (SAMAIN, 1995), é uma experiência metodológica que traz as imagens para uma outra luz. Nós que produzimos as imagens nas pesquisas podemos deixá-las mais evidentes em nossas práticas metodológicas na Antropologia (NOVAES, 2014; SAMAIN, 2018), criando uma tensão para que possamos ter melhor exercício de leitura e compreensão dessa fala.

Produzir um ensaio fotográfico é compreender que devemos construir algo útil e que possa ser absorvido pelo maior número possível de pessoas, permitindo leituras diversas. Este ensaio é um convite para essas leituras. As fotografias a seguir não terão legendas expostas, com o objetivo de permitir uma interação diferente com o leitor. Sem legendas, o leitor será guiado para encontrar uma leitura visual, buscando as suas possibilidades de leitura e reflexões em torno apenas das imagens.

Referências

ACHUTTI, L. E. R. (1997). Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho (1st ed.). Tomo Editorial.

CASTRO, C. (2005). Evolucionismo Cultural.

CASTRO, Celso. (org.), & BOAS, F. (2004). Antropologia Cultural (C. (org.) CASTRO, Ed.; Franz Boas.). Jorge Zahar.

CURTIS, E. S. (1914). The North American Indian : being a series of volumes picturing and describing the Indians of the United States, the Dominion of Canada, and Alaska. (Vol. 10). Edward S. Curtis. <https://dc.library.northwestern.edu/items/bd5a-24d8-2034-4dd2-b8cd-0edb185f8ac4>

do NORTE, J. T. (2018, June 26). Ordem de serviço para reforma do Teatro Alberto Maranhão será assinada hoje. Caderno Viver. <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/ordem-de-servia-o-para-reforma-do-teatro-alberto-maranha-o-sera-assinada-hoje/416767>

do NORTE, J. T. (2021, December 16). Teatro Alberto Maranhão reabre as portas no domingo com programação comemorativa. Caderno Natal. <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/teatro-alberto-maranha-o-reabre-as-portas-no-domingo-com-programaa-a-o-comemorativa/527872>

GURAN, M. (2000). Fotografar para descobrir, fotografar para contar. Cadernos de Antropologia e Imagem, 10(1), 155–165.

MALINOWSKI, B. (2018). Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia (1st ed.). Ubu.

MESQUITA, H., LINS, J., PALHARES, M., BRANDÃO, P., & LIMA, P. (2018, November 8). Cortinas fechadas. Medium.Com. <https://ph9brandao.medium.com/cortinas-fechadas-67dc97996619>

NOVAES, S. C. (2014). O silencio eloquente das imagens fotograficas e sua importância na etnografia. Cadernos de Arte e Antropologia , 3(21), 57–67.

NOVAES, S. C. [et al.]. (Orgs). (2004). Escrituras da imagem (1a ed.). Editora da Universidade de São Paulo.

PINHEIRO, P. (2019). Diário de bordo TAM. Instagram. <https://www.instagram.com/diariodebordotam/>

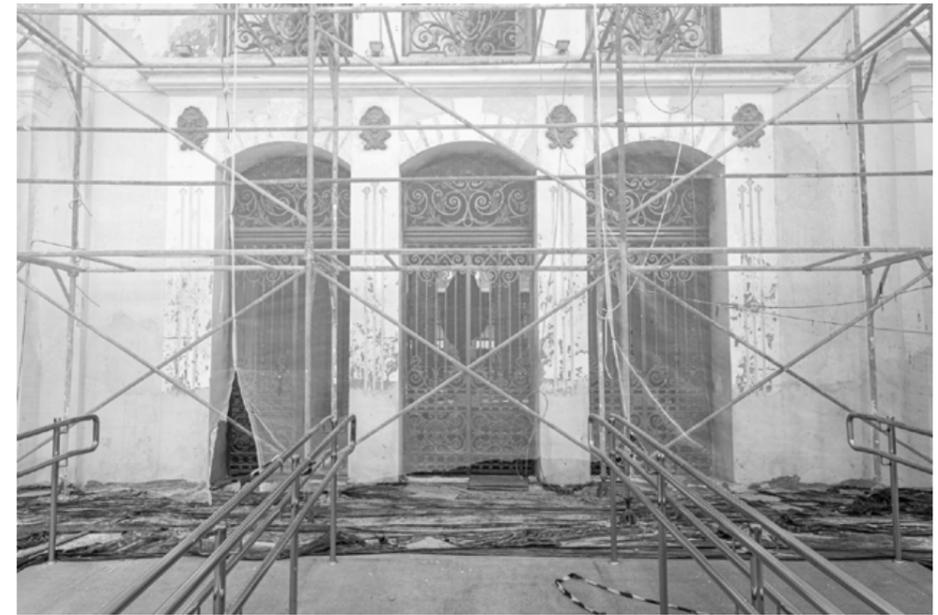
SAMAIN, E. (1995). “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Horizontes Antropológicos, 1(2), 23–60.

SAMAIN, E. (2018). Como pensam as imagens (2a ed.). Editora Unicamp.





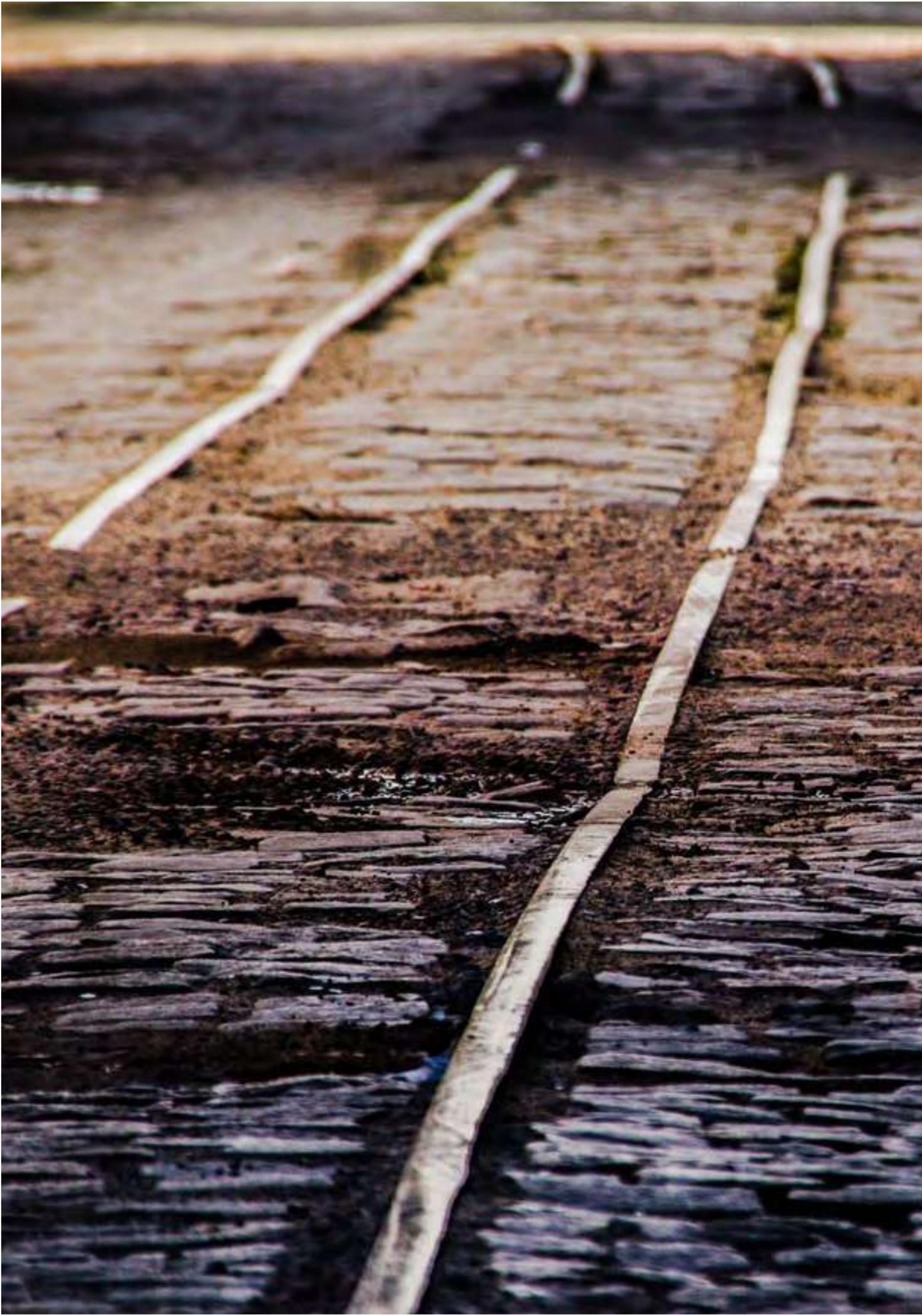












Montagem da memória: Temporalidades urbanas no bairro da Ribeira, Natal/RN

Assembly of memory: Urban temporalities in the Ribeira neighborhood, Natal/RN

Arthur Leonardo de Lima Pereira ¹

arthur.lima.014@ufrn.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/8652640510976162>

<https://orcid.org/0000-0003-0237-9483>

¹ - Cientista Social, Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRN), membro do Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS/UFRN).

Resumo: Este ensaio é fruto de um trabalho conduzido a partir de meu lugar enquanto antropólogo-fotógrafo, ao longo de 2020 e 2021, acerca dos itinerários e memórias do centro de Natal, no bairro da Ribeira. Com caminhadas à deriva pela urbe, intentamos captar no estranhamento de sua arquitetura rastros das ruínas que fazem travessias do passado ao presente. Conduzo assim, um olhar-escuta sensível que diga que a cidade representa e de que maneira é ocupada, quais as consequências de suas transformações.

Palavras-chave: Antropologia visual, cidade, ruínas, memória, Ribeira, Natal/RN.

Abstract: *This essay is the result of a work conducted from my place as an anthropologist-photographer, throughout 2020 and 2021, about the itineraries and memories of downtown Natal, in the Ribeira neighborhood. With drifting walks through the city, we intend to capture in the strangeness of its architecture traces of ruins that make crossings from the past to the present. Thus, I conduct a sensitive listening-glance that tells what the city represents and how it is occupied, what are the consequences of its transformations.*

Keywords: *Visual anthropology, city, ruins, memory, Ribeira, Natal/RN.*

Ao caminhar pelo bairro da Ribeira, em Natal, no Rio Grande Norte, é possível sentir o peso da ausência e do vazio de um pedaço do corpo da cidade que jaz agonizante. Uma parte adoecida, esquecida não apenas pelo tempo, mas por si mesma. As imagens que da cidade evocam as vozes do passado me apontam para um movimento inflexível da força do próprio tempo, perene e resoluto, como anunciasse não o que já fora, mas o que ainda virá. É de fato um registro estranho que se dá na paisagem de um dos bairros mais antigos de Natal, com 420 anos, situado na Zona Leste da cidade e que, tem sido interesse de pesquisas antropológicas e imagéticas conduzidas ao longo dos anos de 2020 e 2021, no âmbito do Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NAVIS/UFRN), onde me situo enquanto pesquisador-antropólogo-fotógrafo.

A cidade do Natal, a despeito de sua relevância no contexto histórico local e internacional, tem uma aparente dificuldade de preservar e se referir à sua própria história, expressa no esquecimento e na ausência de um cuidado com sua memória (PEIXOTO, 2019). As consequências desse processo escancaram-se na maneira como um dos bairros mais antigos da cidade, o bairro da Ribeira, não parece ser valorizado enquanto patrimônio material, uma vez que suas edificações, fachadas, praças, ruas e avenidas históricas não contam com dispositivos de manutenção e conservação (NETO; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2021).

Acerca de tais dinâmicas, vale ressaltar que muito além de evidências históricas, as imagens desse abandono também enunciam e manifestam uma ambiguidade expressa pelo atravessamento de limiares temporais e espaciais, pois as imagens do passado chegam a nós no tempo presente, enquanto as imagens do presente, uma vez tendo sua cena capturada, já habitam o passado. Tento operar ao longo de movimentos que possam atuar na dissolução ou no borrar, no fraturar das fronteiras que demarcam as travessias entre distintas temporalidades que se chocam e se sobrepõem, se acumulam e transbordam entre si, me levando a lugares que superam o mero resgate do passado, nos rastros das pistas impressas pela cidade e suas dimensões de memória que apontam para uma cidade-imagem, num passado-presente inalcançável (CUNHA FILHO, 2006).

Inalcançável, pois, ainda que estabeleçamos uma interlocução com as múltiplas narrativas em suas imagens (SAMAIN, 2012), as memórias de suas ruínas falam de perdas, lacunas e ausências que se mesclam à presença evocada pela própria cidade falando de si mesma, contando suas próprias histórias, pois a cidade-imagem em movimento se materializa não apenas nas mudanças espaço-temporais que reconfiguram e remontam seus fluxos, usos e funções cidadinas, mas evocam um senso de movimento que fala dessas travessias e itinerâncias da cidade sobre si mesma, sobre que comunica a cidade, que ajudam a construir um saber urbano, “elevando as informações

urbanas a construções teóricas” (AGIER, 2011, p. 60).

No intuito de me permitir envolver pelas ruínas dessa cidade-imagem, seus espaços e sua gente, realizamos caminhadas à deriva, ou seja, acionando o caminhar enquanto uma forma de intervenção urbana que traz consigo os significados simbólicos do ato criativo primário: a errância como arquitetura da paisagem, entendendo-se com o termo paisagem a ação de transformação simbólica, para além de física, do espaço antrópico. (CARERI, 2013, p. 28).

Ainda que tenham sido produzidas por pessoas, fotógrafos, jornalistas, artistas, escritores, a cidade-imagem fala por si, a cidade se basta em suas imagens. Ela viaja até o presente e chama atenção ao que foi perdido, ao abandono de que decorrem suas ruínas. Ruínas que agenciam um tipo de poética enunciativa que é capturada pela imagem, mas que jamais é captada por completo.

Às ruínas faltam, a elas está colada uma ausência que nos descortina a ilusão do tempo e da memória, pois às memórias também faltam, a elas não se acha uma correspondência que possa resgatar o que da história se perdeu na construção da ideia de um patrimônio. Sobretudo no que tange à história de Natal, cultua-se um imaginário de que temos um tempo histórico perfeitamente acessível na frágil ilusão linear da modernidade, seja por meio de narrativas verbais, imagéticas, toques e sensações ao se caminhar pela cidade. Contudo, questiono aqui sobre quais os impactos da memória na vida urbana, pois à medida que se tem algo a preservar, também nos damos conta da própria miséria ante o tempo e suas forças, que tensionam o corpo da cidade, descontinuando e fragmentando sua própria condição de lugar e valor histórico.

Para além de um lugar em que percorro ao longo de caminhos nesse ensaio, a Ribeira diz de um caráter que reclama para si seu próprio protagonismo. Mais do que falar sobre a Ribeira, falaremos com a Ribeira, ou Ribeiras, ciente de que busco acessar múltiplas camadas de enunciação que compreendem a cidade em suas facetas diversas ao longo do tempo.

Tempo cuja passagem traz consequências, seja às memórias, às imagens, às cidades. A Ribeira grita, denuncia nos desmoronar de suas construções o ruir cujo grito ecoa pálido e silente nas praças e avenidas deste bairro, nas pedras das ruas desalojadas, nas praças e prédios relegados ao abandono, ao esquecimento, à ruína.

Referências

AGIER, Michel. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

CARERI, Francesco. Walkscapes: O caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CUNHA FILHO, Paulo C. A representação visual da memória. Imagens e melancolia na cidade periférica. In: PRYTHON, Angela (org.). Imagens da cidade: Espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NETO, José Correa Torres Neto; NASCIMENTO, José Clewton do; OLIVEIRA, Cícero. Ribeira: beco, praça, travessas, ruas e avenidas. Natal: Caravela Selo Cultural, 2021.

SAMAIN, Etienne. (org.) Como pensam as imagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.













Ruínas na cidade: histórias esquecidas

Ruins in the city: forgotten stories

Laura dos Santos Goulart ¹

art.lauragoulart@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9474-9551>

<http://lattes.cnpq.br/6544999009010602>

1 - Formada em Artes Visuais Bacharelado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense — UNESC, de Criciúma — Santa Catarina. Atualmente mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação — PPGE da mesma Universidade; bolsista do Programa FUMDES.

Resumo: A presente pesquisa conta com imagens de espaços abandonados na cidade, questionando como um lugar repleto de memórias é desprezado, deixado às margens do tempo. Pesquisar e registrar esses lugares é procurar os motivos que levam o sujeito a dar as costas para a sua própria história, desvendando aspectos da sociedade atual através do contato com as ruínas da arquitetura urbana, refletindo sobre histórias esquecidas e silenciadas pela própria comunidade.

Palavras-chave: Ruínas; Cidade; Memória

Abstract: *The current work contains pictures of abandoned spaces in the city, questioning how a place full of memories is cast aside, left on the fringes of time. Researching and recording these places means looking for the reasons that lead subjects to turn their back on their own history, revealing aspects of current society through contact with the ruins of urban architecture, reflecting on forgotten and silenced stories by the community itself.*

Keywords: Ruins; City; Memory













Os lugares na cidade contam histórias, Peixoto (2004, p.11) comenta que “as cidades são as paisagens contemporâneas”, portanto, essa pesquisa parte da tentativa de perceber a vida em pequenos detalhes do ambiente urbano: o que poderia ter sido, o que ainda não foi, o que vai acontecer ou o que fica na imaginação. Ter a capacidade de olhar o entorno e mais que isso, perceber de fato o que faz de nós cidadãos que constroem o espaço que habitamos e que tem capacidade para mudar o percurso da história e do futuro da cidade.

As ruínas chegam nesse trabalho como um anseio em encontrar significado no que dizem já não ter mais sentido, no que já é visto como acabado. Olgária Matos (1998, p. 83) discute sobre o instante único das ruínas:

As ruínas contrariam o devir abstrato do tempo, compensando a sistemática tripartição — antes, durante, depois — pela dinâmica pas encore (ainda não) e jamais plus (nunca mais). (...) Instante único, elas atestam um tempo antes do qual nada foi consumado e depois do qual tudo está perdido.

A escolha por não definir o local onde esses espaços foram registrados é na tentativa de fazer com que qualquer pessoa que tenha contato com essas imagens, consiga retomar algum espaço em abandono na cidade em que vive. Seja por uma porta destruída, um vidro quebrado, uma janela antiga desgastada pelo tempo... Algum detalhe desses espaços pode nos remeter a outros lugares que também se encontram em ruína. Um espaço em abandono na cidade, por mais único que seja, nos remete a todos os outros que encontramos e fingimos não perceber, porque eles têm algo que os une: o descaso.

A cidade é carregada de cruzamentos entre histórias e caminhos e as ruínas contam histórias de um tempo que passou. Habitar novamente esses espaços é tentar entender o que eles têm a dizer sobre a comunidade que fez dele o que é hoje: um objeto em meio ao itinerário urbano, que continua, que vive, que carrega sentidos, sentimentos e significados, mas que por sua vez, é invisibilizado, tratado como algo que não tem mais importância. Entretanto, ele permanece, participa da vida urbana, então de onde vem esse movimento de deixar de lado o que ainda existe? Talvez seja pelo receio do que pode encontrar, do que esse lugar pode suscitar, ou talvez pela facilidade em fingir que as ruínas não existem, negando o movimento progressista que torna os espaços, as pessoas, os objetos e momentos passarem do tudo ao nada em segundos. Canton comenta no seu livro Espaço e Lugar (2009, p.24) que esse esquecimento da sociedade pelo antigo se dá pelo:

[...] impulso modernista da busca desenfreada pelo novo, busca que construiu a arquitetura moderna, a arte abstrata, a poesia concreta, mas que também derrubou edifícios históricos e rastros simbólicos do passado na tentativa de apagar a memória, gradualmente ameaçada por uma quantidade meteórica de novidades e informações que nos levam cada vez mais a um estado de torpor, de semiamnésia.

A cidade cinza, sólida, incômoda e repleta de lugares esquecidos tem muito o que nos dizer se soubermos escutar e apreciar os pequenos sentidos que ela nos provoca. “Escuta-se a cidade como se fosse uma música tanto quanto se a lê como se fosse uma escrita discursiva.” (LEFEBVRE, 1991, p. 57). É necessário interpretar os caminhos e as paisagens do ambiente urbano como se lê e interpreta um texto, como se imagina e elabora uma escrita. Viver a cidade é vivenciar a movimentação ininterrupta de coisas, pessoas e imagens; nesse sentido, pesquisar os lugares em abandono na cidade é procurar os motivos que levam o sujeito a dar as costas para a sua própria história. Assim, é possível desvendar aspectos da formação cultural do sujeito e sua facilidade em descartar memórias, relações e seu envolvimento com a comunidade. Onde a própria ideia de habitar já toma outros sentidos, “[...] as relações de moradia com o espaço tornam-se artificiais. Tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados.” (BACHELARD, 2000, p 45).

Esses lugares desprezados são como um vestígio deixado pelos indivíduos que por ali passaram e criaram memórias. Muitas vezes o lugar que costumávamos habitar nos faz retomar diversas lembranças, é voltando ao espaço onde vivenciamos momentos, que nos lembramos de muitas histórias até então adormecidas. Como lembrá-las se ao chegar no local ele não exista mais como antes? Encontrando-se depredado e largado? As memórias, de alguma forma, se encontram assim também.

Uma cidade repleta de lugares esquecidos pela comunidade, resulta em cidadãos que já não se comprometem com o que está por vir e com as mudanças da cidade, pois olham apenas para si sem compreender que o local que habita tem relação direta com a construção de sua identidade. Peixoto (2004, p.51) comenta sobre “[...] fotografar o invisível, o que não tem registro, o que não se pode reter. Deter ausências”. Através do contato com as ruínas da arquitetura urbana e das histórias silenciadas que nelas residem, é possível criar uma conexão entre passado e futuro, indagando assim sobre a história de uma sociedade que permanece incompleta. Trata-se de obter um novo olhar para o que é visto todos os dias, para o que se tornou invisível aos olhos imersos no cotidiano desenfreado.

Referências

BACHELARD, Gaston; DANESI, Antônio de Pádua. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CANTON, Katia. Espaço e lugar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 71 p.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Moraes, 1991.

MATOS, Olgária. Vestígios: escritos de filosofia e crítica social. São Paulo: Palas Athena, 1998.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens urbanas.3. ed. rev. e amp São Paulo: SENAC/SP, 2004.



“Espacios vacíos” en Ciudad Vieja de Montevideo y su problematización desde el “artivismo”

“Empty spaces” in Ciudad Vieja de Montevideo and its problematization from “artivism”

Eduardo Álvarez Pedrosian ¹
<https://orcid.org/0000-0003-1795-7792>

Gerardo Barbieri Petersen ²
<https://orcid.org/0000-0002-5664-1312>

Sofía Baldassari ³
<https://orcid.org/0000-0002-6749-4119>

Nicolás Madeiro ⁴
<https://orcid.org/0000-0002-4791-3822>

1 - Coordinador del Laboratorio Transdisciplinario de Etnografía Experimental (Labtee), Facultad de Información y Comunicación de la Universidad de la República (FIC-Udelar, Uruguay). Posdoctorado en Antropología, Doctor y DEA en Filosofía (Historia de la Subjetividad), Licenciado en Ciencias Antropológicas.

2 - Integrante del Labtee. Maestrando en Información y Comunicación, Licenciado en Ciencias de la Comunicación.

3 - Practicante del Labtee, Licenciatura en Comunicación.

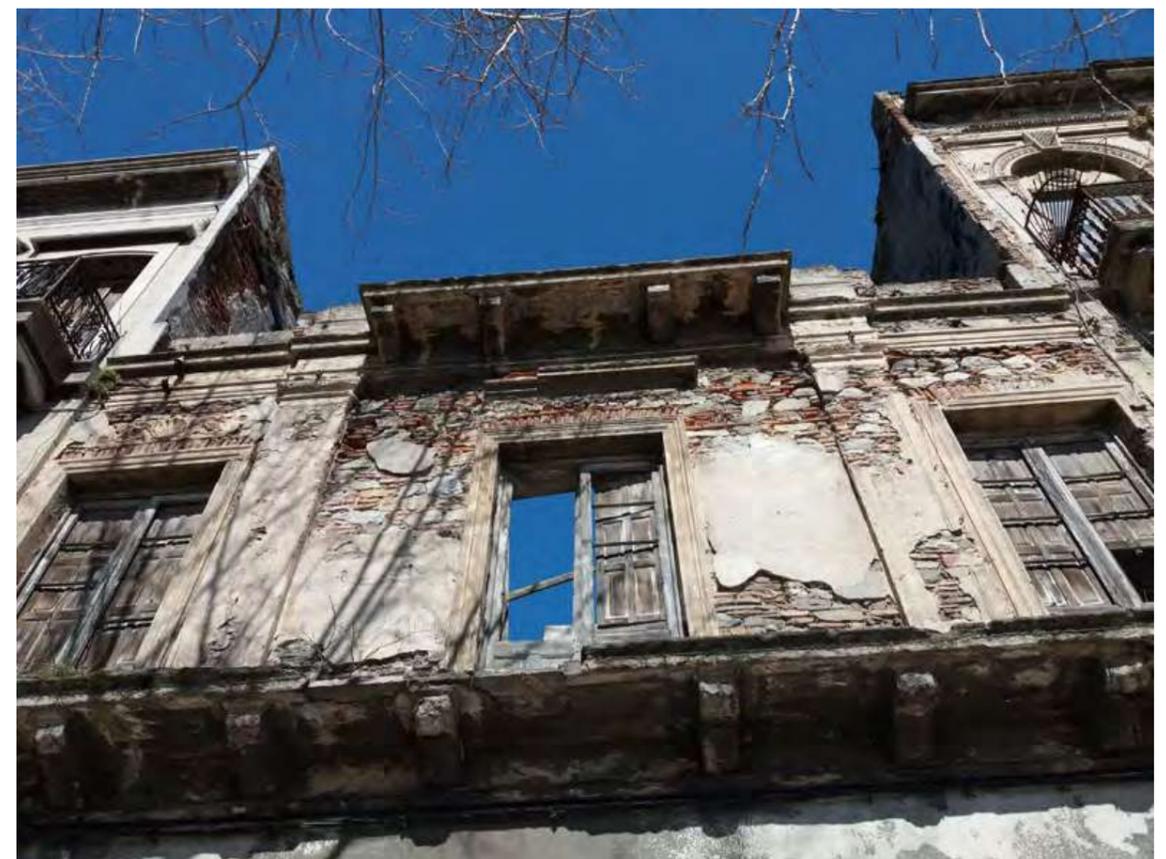
4 - Practicante del Labtee, Licenciatura en Comunicación.

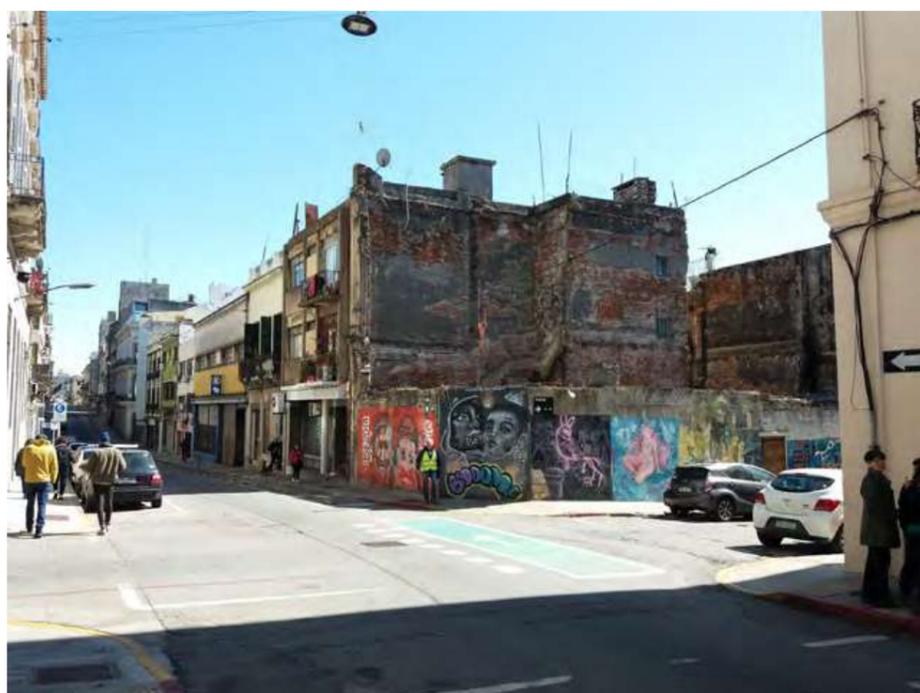
Resumen: A partir de un trabajo etnográfico colaborativo junto a colectivos sociales y en especial con uno de “artivismo” radicado en la Ciudad Vieja de Montevideo, presentamos una serie fotográfica que permite pensar los movimientos sociales urbanos desde las prácticas de creación y resistencia ante las formas de gentrificación. En el texto se reflexiona sobre las metamorfosis de este tipo de cascos históricos, buscando comprender etnográficamente las lógicas multiterritoriales de su composición.

Palabras clave: Ciudad Vieja de Montevideo; gentrificación; multiterritorialidades; artivismo

Abstract: From a collaborative ethnographic work with social groups and especially with one of “artivism” sited in the Old City of Montevideo, we present a photographic series that allows us to think about urban social movements from the practices of creation and resistance to the forms of gentrification. The text reflects on the metamorphoses of this type of historic quarter, seeking to understand ethnographically the multiterritorial logic of its composition.

Keywords: Old City of Montevideo; gentrification; multiterritoriality; artivism





La Ciudad Vieja de Montevideo es un territorio particularmente en disputa: casco histórico que ha sufrido procesos de abandono y deterioro, dinámicas de turistificación ligadas a la patrimonialización, combinada con proyectos cooperativos de vivienda por ayuda mutua (ABIN, 2014) y en los últimos años planes piloto para hacer frente a los llamados “vacíos urbanos” (LABORATORIO URBANO REACTOR, 2020). Existen sub-áreas dentro de la península funcional, y en algunas de ellas se concentran las situaciones de precariedad, así como en otras se hace evidente la dinámica de gentrificación que en distintas oleadas reeditan propuestas según modalidades diferentes (DOS SANTOS GASPAS, 2010). Múltiples territorialidades coexisten más o menos en conflicto, con marcadas diferencias en sus espacio-temporalidades principalmente determinadas por los flujos de capital, siendo las diferencias entre el día y la noche, y entre jornadas laborales generales y de ocio, de las más duras por su segmentariedad (DELEUZE y GUATTARI, 1997).

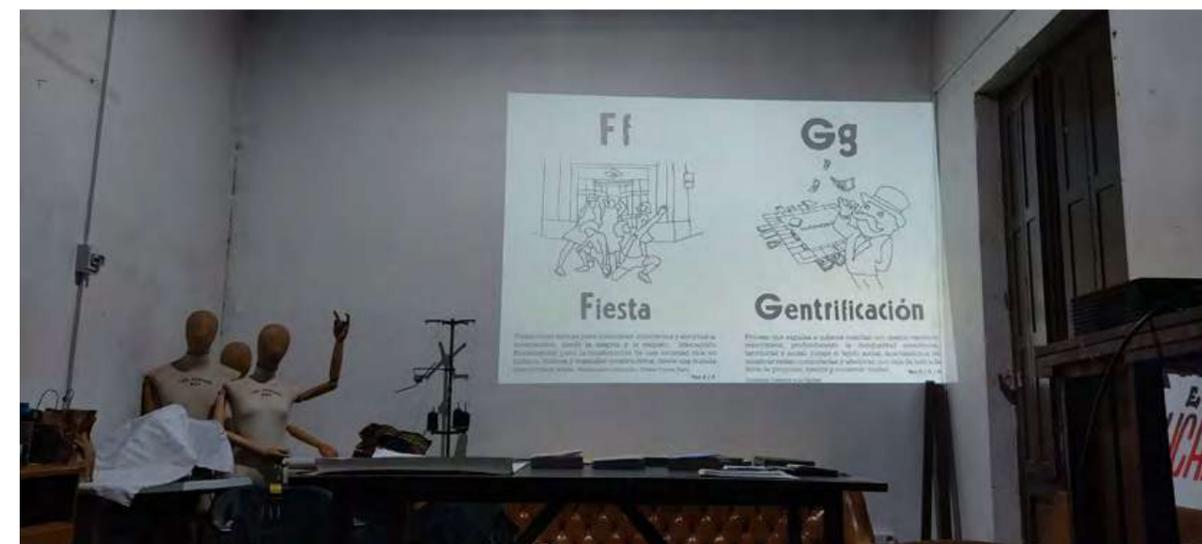




Desde nuestro equipo venimos investigando y procurando instaurar procesos colaborativos en redes de colectivos y habitantes más o menos organizados, centrados en la comprensión de las lógicas multiterritoriales de composición de los espacios urbanos contemporáneos desde prácticas creativas de resistencia ante el avance de la precarización de la vida.[1] En tal contexto, el trabajo del proyecto artístico-cultural Casa-Mario (ALONSO, 2020) resulta de extrema importancia. En este artículo presentamos algunas reflexiones sobre la forma en que hemos podido avanzar en el estudio de la gentrificación dentro de estas dinámicas complejas de producción del espacio y las formas de habitar, a partir del trabajo conjunto y los aprendizajes que hemos podido ir procesando desde las variadas prácticas artísticas de activismo político desarrolladas por este colectivo, a partir de exploraciones comunicacionales productoras de nuevas narrativas multimediáticas (ORTEGA, 2015), y en articulación con otros colectivos sociales (cooperativas de vivienda, merenderos y ollas populares, asociación de migrantes, Comisiones vecinales como la de Plaza N°1 o del Derecho a la Ciudad).



1 -Proyecto I+D Multiterritorialidades urbanas: espacios de resistencia y creación colectiva desde las prácticas emergentes, aprobado académicamente por la Comisión Sectorial de Investigación Científica, CSIC-Udelar para el período 2021-2022. Espacio de



Al respecto es fundamental considerar la crítica a las tendencias de este tipo realizadas en las últimas décadas, relacionadas con una posible “estetización” de las luchas sociales, en el marco de los cuestionamientos a las manifestaciones catalogadas de posmodernas y los dilemas más clásicos vinculados a las posibilidades de una transformación de las condiciones reales de existencia frente y en medio del sistema imperante (DELGADO, 2013). Consideramos por ello que el foco puesto por este colectivo en los llamados “vacíos urbanos” en el contexto territorial en que se inserta desde su gestación, responde a una estrategia que busca, justamente, potenciar el carácter reflexivo que pone en juego las mismas condiciones de producción de su accionar, con el fin de no caer tan fácilmente en las trampas dialécticas de un capitalismo especulativo que incluso se aprovecha de las rupturas (siempre en apariencia), como valor agregado para la especulación inmobiliaria.

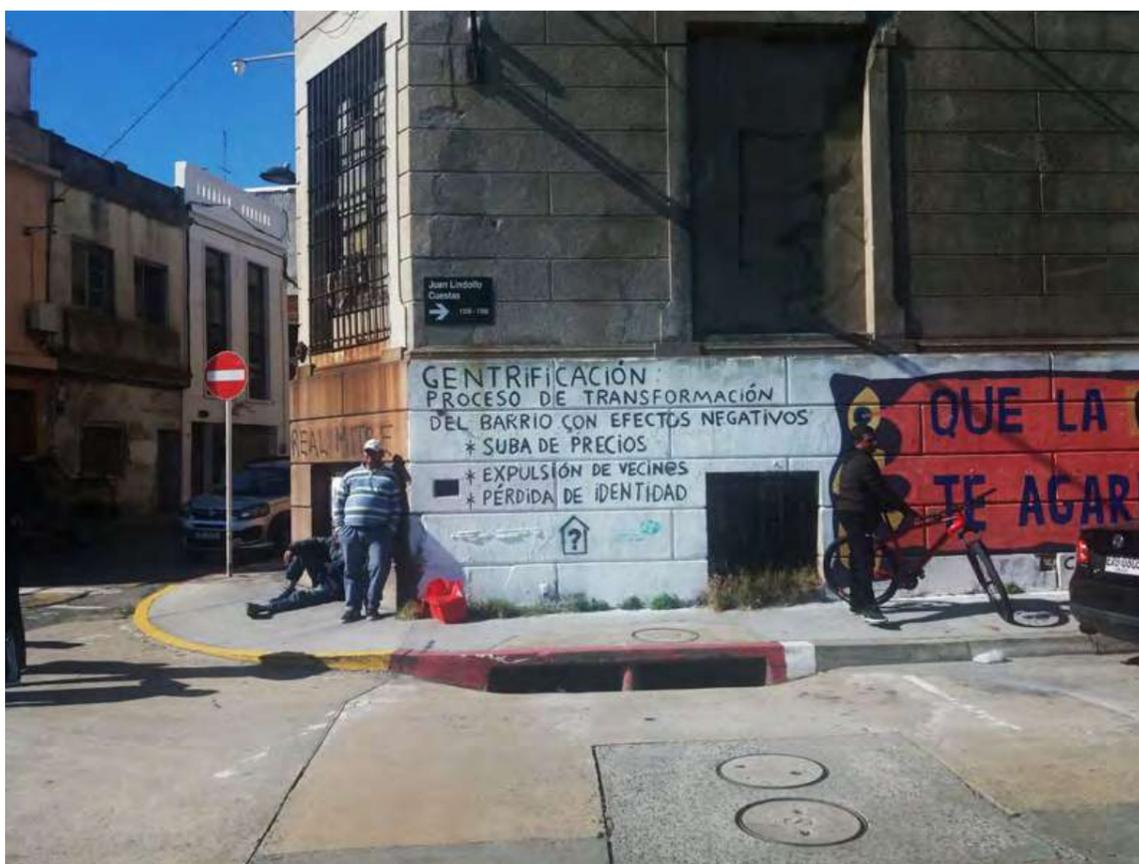


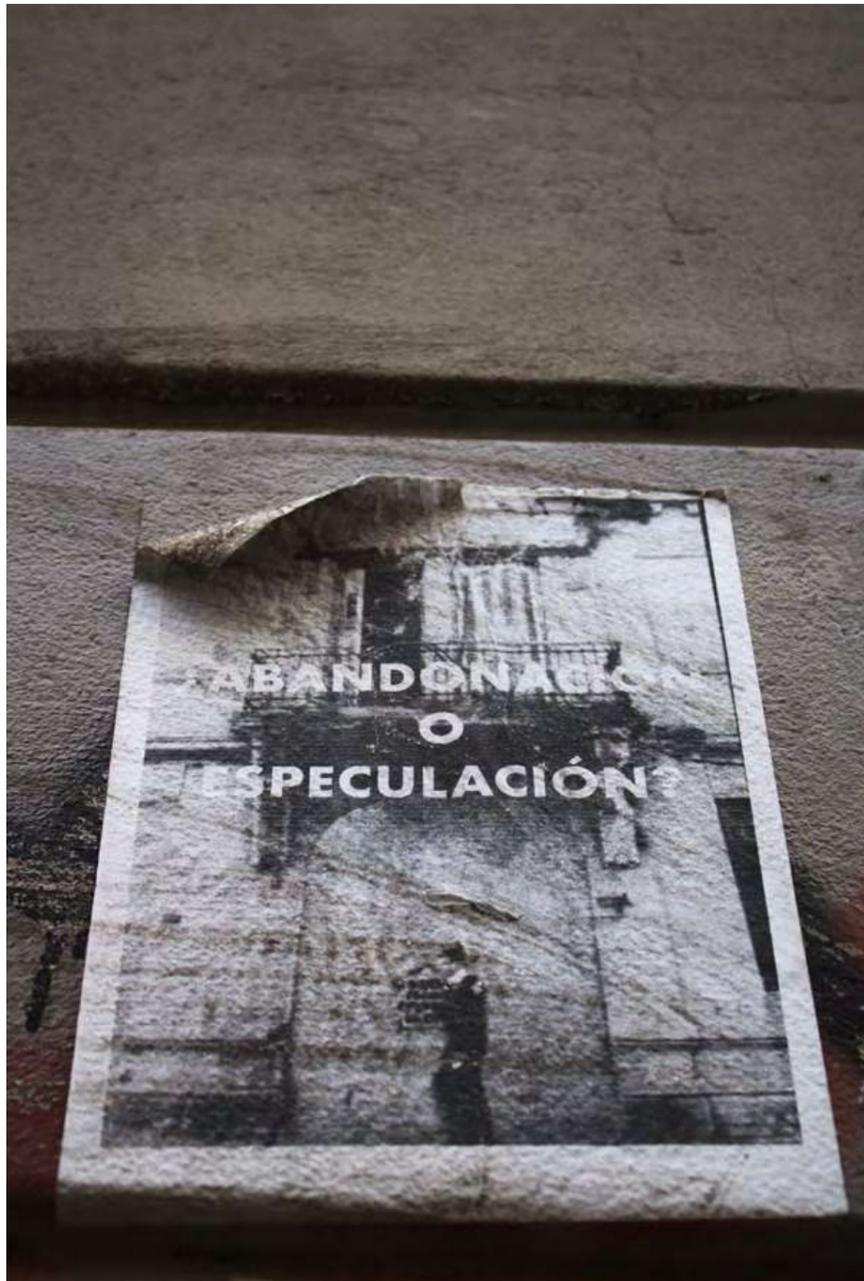
Las experiencias que aquí tomamos de referencia se llevaron a cabo del 2020 en adelante, y son fruto de un camino que incluye múltiples actividades que, tensionadas por estos dilemas, apostaron por generar aportes junto a los colectivos locales en el camino de una problematización de las condiciones extremas de un típico casco histórico latinoamericano, donde contrastan la vida de pensiones ocupadas por residentes migrantes con circuitos de consumo internacional, sedes de negociaciones financieras, vecinos históricos que resisten ante nuevos embates de expulsión y proyectos especulativos a gran escala. La lucha de estos colectivos trasciende su barrio a escala urbana y tiene alcances más allá de las fronteras nacionales. Su accionar problematiza la misma idea de patrimonio urbano, materialidad y memoria, interpelando los imaginarios sociales y denunciando situaciones generales más allá de los moradores locales.





Para producir cartografías etnográficas del habitar urbano, operamos desde el ejercicio del extrañamiento metódico, para aprehender la morfogénesis de las formas y materias en sus relaciones intrínsecas, modeladas por el capital. Una multiplicidad de seres y otro tipo de entidades se expresan y generan efectos desde prácticas y agencian el espacio de cierta manera. Los llamados “vacíos urbanos” no son espacios nulos, sí anulados para el habitar de residentes, signos negativos del mercado inmobiliario que los tiene de reserva, pero también hay potencia en ellos, como lo evidencian propuestas como la cooperativa en lotes dispersos con quienes trabajamos, apostando a tramas multiterritoriales de otro orden (ÁLVAREZ PEDROSIAN, BARBIERI PETERSEN Y BERTERO CARDOSO, 2021). Ante las presiones determinantes de la axiomática capitalística (manifestada en diversas variantes de gentrificación), emergen heterotopías, tanto en el sentido de Lefebvre -de movimientos sociales insurgentes-, como de Foucault -acentuando la metamorfosis espaciotemporal que ello conlleva- (HARVEY, 2013). Estas se encuentran cargadas de afirmatividad e implican una potencia transformadora más allá de la dialéctica entre el deterioro y la gentrificación (ÁLVAREZ PEDROSIAN, 2021).





Referencias

ABIN, Emilia. Por el derecho a de los vecinos a vivir en su barrio: Cooperativas de vivienda en Ciudad Vieja de Montevideo. *Trama*, vol. 5, n°5, p. 61–75, 2014.

ALONSO, S. (edit.). *Materiales*. Proyecto CasaMario reside en Centro de Exposiciones Subte. Montevideo: Ediciones CasaMario, 2020.

ÁLVAREZ PEDROSIAN, Eduardo. Más allá de la dialéctica entre deterioro y gentrificación. *Revista Uruguaya de Antropología y Etnografía*, v. 6, n°1, p. 51–70, 2021.

ÁLVAREZ PEDROSIAN, Eduardo. BARBIERI PETERSEN, Gerardo. BERTERO CARDOSO, Matías. El diseño de la trama: desafíos y oportunidades de una cooperativa de vivienda en red. *Memorias del XV Congreso de la ALAIC*, p. 154–173, 2021.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil mesetas*. Capitalismo y esquizofrenia II. Valencia: Pre-textos, 1997.

DELGADO, Manuel. Artivismo y pospolítica. Sobre la estetización de las luchas sociales en contextos urbanos. *Quaderns-e de l'Institut Català d'Antropologia*, v. 18, n°2, p. 68–80, 2013.

DOS SANTOS GASPAS, Samantha. Gentrification: processo global, especificidades locais? *Ponto Urbe*, vol. 4, n°6. 2010

HARVEY, David. *Ciudades rebeldes: del derecho de la ciudad a la revolución urbana*. Salamanca: Akal, 2013.

LABORATORIO URBANO REACTOR. *Agenda (Inicial) de usos cívicos*. Diagnóstico colaborativo sobre demandas y recursos para usos cívicos en inmuebles vacantes de la Ciudad Vieja de Montevideo. Montevideo: FADU-Udelar — IM, 2020.

ORTEGA, Visitación. El artivismo como acción estratégica de nuevas narrativas artístico-políticas. *Calle 14*, v. 10, n°15, p. 100–111, 2015.



Cicatriz urbana: fragmentos de uma memorial social nos vestígios da arte urbana

Urban scar: fragments of social memory in traces of urban art

Rossana Pires ¹

piresross@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4007-7841>

<http://lattes.cnpq.br/3524784012471725>

1 - Pesquisadora e produtora cultural, ativista social, mestranda em Estudos Culturais (EACH/USP) e especialista em Práticas Curatoriais (PPGAV/UFRGS).

Resumo: Ao percorrer a região central de Porto Alegre, em longas caminhadas realizadas com o objetivo de registrar lambes criados por mulheres, foram também localizadas diversas tentativas de apagamentos da arte urbana. São apresentados, neste ensaio visual, vestígios de uma prática social e política que ilustra a disputa de poder enfrentada no campo simbólico, político, social, econômico e cultural. Os rasgos de lambes despontam como uma cicatriz, como fragmentos de uma memória social tensionada.

Palavras-chave: Lambe-lambe; Arte urbana; Apagamento; Memória social.

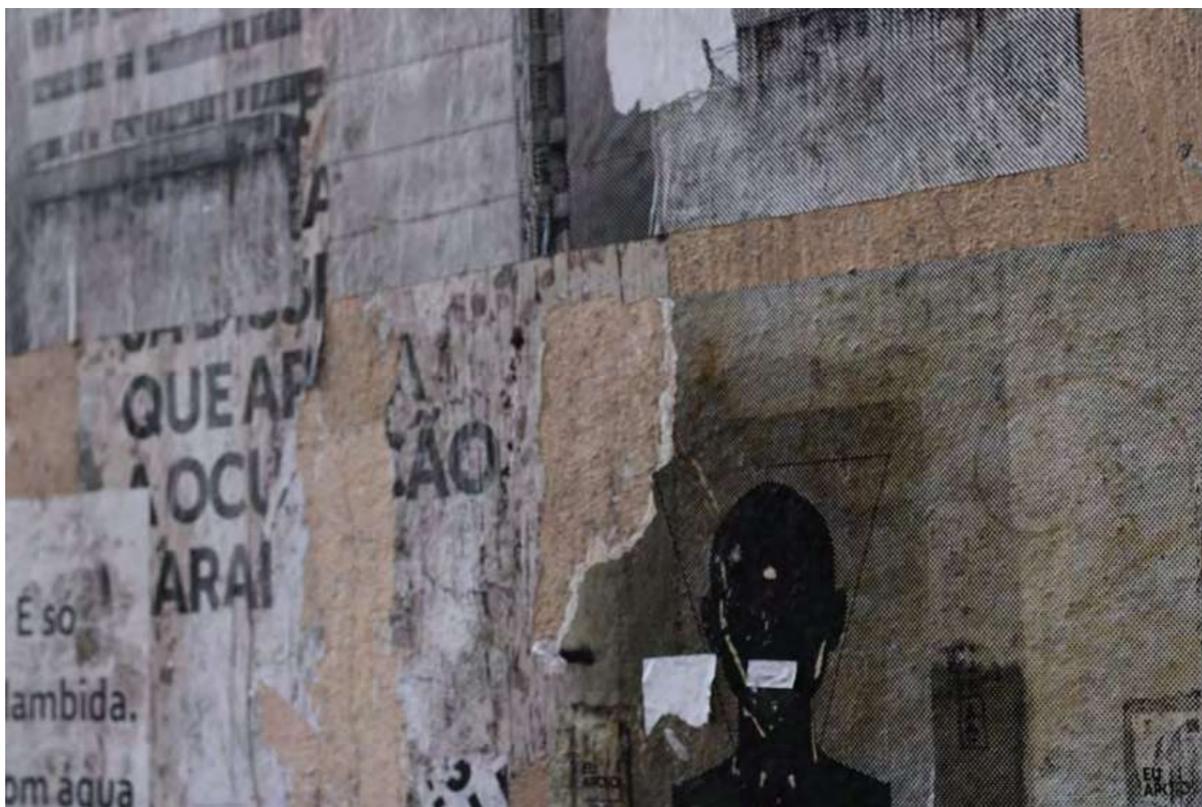
Abstract: *When wandering through the central region of Porto Alegre, in long walks carried out to register wheatpastes created by women, several attempts to erase urban art were also located. This visual essay presents traces of a social and political practice that illustrates the power struggle faced in the symbolic, political, social, economic and cultural fields. The rips of wheatpaste emerge like a scar, like fragments of a tensioned social memory.*

Keywords: *Wheatpaste; Urban art; Erasure; Social memory.*

Em setembro de 2021, enfrentei as ruas depois de um ano e meio de isolamento social. Substituí os passos ligeiros de compras rápidas no supermercado e percorri as ruas com tranquilidade. Munida de uma PPF2, uma câmera, um diário de bordo e a saudade, ocupei a cidade com meu corpo, buscando os rastros de outros corpos. Corpos que, por meio da arte urbana, deixaram ali um pouco de si.

Saí de casa em uma tarde quente de setembro e subi a Rua Riachuelo em direção ao núcleo do Centro Histórico. Percorrendo lentamente as ruas. Primeiro um lado. Depois o outro. Meu objetivo era registrar os lambes produzidos por mulheres para o projeto de conclusão do curso de especialização em Práticas Curatoriais no Instituto de Artes da UFRGS. Entretanto, meu olhar se deparou também com fragmentos e lambes degradados ao ponto de a leitura ser difícil. O incômodo causado pelos vestígios daquelas intervenções e os diversos significados e pontos de tensionamento me fizeram decidir que registraria tudo o que eu conseguisse. A segunda e a terceira caminhada aconteceram da mesma forma. Em duas outras tardes, percorri os bairros Bom Fim e Cidade Baixa. Assim, fotografei os resquícios de lambes que já não estavam mais ali. Fragmentos de uma memória urbana. Traços de uma memória social.





Os artistas e coletivos urbanos, enquanto atores sociais, colaboram na construção social por meio das representações de desejos, interesses, medos e reivindicações que partem de experiências individuais e encontram a coletividade. Na ilegalidade, a arte urbana atua contra a hegemonia do poder, buscando novas formas de representação e novos discursos, como uma ação social e política (PALLAMIN, 2000). Ainda nesse sentido, tensiona o direito à participação, produção e fruição cultural na cidade, dialogando com os públicos.

Os significados e pontos de tensionamento social só se estabelecem, como afirma Pallamin (2000), a partir da ação que a arte urbana exerce nas pessoas. Essa prática, no espaço urbano, ocorre como uma mediação, na qual as dimensões éticas da arte podem ser restabelecidas na relação com os cidadãos (SILVA, 2014). É nesse encontro que ocorre a interpretação, negação, questionamento e também as interações que podem se configurar desde um registro fotográfico até os atos de apagamento como rasuras e pinturas.

Certas produções artísticas caracterizadas como arte urbana ilustram, mais que outras, os efeitos complexos dessas intervenções, que, muitas vezes, resultam na destruição das obras (PALLAMIN, 2000, p. 17). A prática de desaprovação e consequente censura está ligada aos discursos que são apresentados por meio dos dispositivos que, além dos aspectos estéticos e artísticos, destacam-se pela ação política. Ao abordar as obras rechaçadas, Canclini (2012) compartilha reflexões a respeito da fruição da arte — que aqui são abordadas no contexto da arte urbana — e ressalta que os critérios de gosto estão vinculados a questões morais e políticas.

ANÇA

TO É MÃE.

PHADOR

HO ME

UTO

...alização
...ção do Aborto

MEU

PO.

MEU

ERRITÓRIO

SINHAS

SCOLHAS









Diferente do espaço consagrado, onde os reguladores são críticos, curadores e especialistas, no espaço urbano, a arte pode ser regulada/transformada pelas mãos dos pedestres que a rejeitaram, seja por seu discurso ou pelo lugar que ela ocupa. A arte urbana pode também ser apagada por ações de higienização institucionais promovidas por órgãos do governo, em atos que integram processos de gentrificação. Dessa forma, podemos pensar nos modos como essas interferências servem como uma ilustração sobre as transformações e manutenções que ocorrem no espaço público e na sociedade. Quando resiste a todas essas relações que ilustram a disputa de poder que ocorre no campo simbólico, econômico, social, cultural, político, a arte urbana pode, ainda, ser dissolvida pela chuva.

Esses apagamentos realizados por outros atores sociais demarcam a tentativa de silenciar determinadas vozes e reivindicações, vinculados a questões morais e políticas. Os apagamentos simbolizam um tensionamento sobre direito à cidade, o que é considerado arte e as diversas pautas nos discursos dos dispositivos. A arte urbana, contra a destruição de referências individuais e coletivas — características de uma sociedade produtivista —, gera memória e se qualifica, portanto, como uma ferramenta de memória política, como aponta Pallamin (2000). Assim, os apagamentos demonstram as alterações de uma memória social. Uma memória que reflete a nossa realidade ao mesmo tempo em que tenta modificá-la.

Entre os fragmentos que ainda restam nas ruas dos bairros centrais da cidade de Porto Alegre, encontram-se pautas que resistem, formando essa memória política local. Questões sociais relevantes para movimentos feministas como a legalização do aborto, denúncias sobre o governo fascista e repressão policial deixam vestígios que ainda podem ser decifrados em uma observação mais atenta e insistente. De muitos lambes restam apenas pedaços, rasgos daquilo que representavam. Nessa estética de disputa, os vestígios da arte urbana permanecem como uma cicatriz, como fragmentos dessa memória.

Referências

CANCLINI, Nestor García. Como a arte faz sociedade. In.: CANCLINI, Nestor García. A Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Iminência. São Paulo: Edusp, 2012.

PALLAMIN, Vera M. Arte urbana; São Paulo: Região Central (1945–1998): obras de caráter temporário e permanente. São Paulo: Fapesp, 2000.

_____. Arte urbana como prática crítica. In: Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana. (org.) PALLAMIN M, Vera; (coord.) LUDEMANN, Marina. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SILVA, Armando. Arte pública e arte urbana. In.: SILVA, Armando. Atmosferas urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos. São Paulo: Edições Sesc SP, 2014.







O lixo da história — Registros de um passado recente nas ruas de Curitiba

The history garbage — Records from a recent history in the streets of Curitiba

Kando Fukushima ¹

kando@utfpr.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-5682-0628>

<http://lattes.cnpq.br/1654948158657986>

¹ - Professor adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Design e Cultura (UTFPR).

Resumo: O presente ensaio apresenta registros fotográficos de cartazes de contestação política colados em lixeiras do mobiliário urbano de Curitiba-PR, entre 2015 e 2016. São exemplos que destacam temas políticos relevantes do período, evidenciando uma forma de participação popular no debate público e sua relação com a constituição da paisagem urbana.

Palavras-chave: Produção do espaço, cartazes, contestação social

Abstract: *This essay presents photographic records of political posters put on trash cans in Curitiba-PR, between 2015 and 2016. These are examples that highlight relevant political themes of the period, showing a form of popular participation in public debate and its relationship with the constitution of the urban landscape.*

Keywords: *Production of space, posters, social dissent*

O presente ensaio apresenta o registro de 13 cartazes de contestação política fotografados entre março de 2015 e dezembro de 2016, na cidade de Curitiba, no Paraná. Fazem parte de uma pesquisa de doutorado sobre este tipo específico de produção de artefatos gráficos, os cartazes, ou lambes, que constituem o espaço da cidade e disputam nosso olhar na paisagem urbana (FUKUSHIMA, 2019).

Nesta seleção, são apresentados apenas os registros desses artefatos que foram colocados em um tipo especial de mobiliário urbano, a lixeira. Sua função original está atrelada à organização do espaço da cidade, onde as pessoas descartam, jogam o que não é desejável, o que não presta mais, o que suja. Aqui, são também suportes para manifestações públicas de crítica e contestação.

As fotos apresentam momentos de urgência, temas que precisavam ser discutidos, inadiáveis. Alguns registram o momento em que estão sendo colados, no fluxo de uma passeata, ou em um momento fugaz de transgressão coletiva no meio da tarde. Outros já estavam constituindo a paisagem há algum tempo, encontravam-se próximos a pontos de ônibus, ou nas ruas movimentadas do centro da capital paranaense. Um olhar atento ajuda a perceber um cenário que escancara contradições sociais. Apesar das limitações de um recorte muito restrito, o processo de registro é uma maneira de abordar o espaço percebido da cidade, sendo uma reflexão sobre ela, com um conceito operatório que leva em consideração as questões “por quê? para quem? no interesse de quem?” (LEFEBVRE, 2016, p.37).

Esses pequenos cartazes foram colados como manifestos políticos e denúncias relacionados a temas importantes da sociedade, para além da publicidade de produtos ou propaganda de Estado. Citam de forma crítica, políticos locais, denunciam práticas do sistema judiciário suspeitas, reivindicam a retirada do poder de usurpadores e conclamam a participação popular.

Os registros desses cartazes nos remetem à ideia de observar o cotidiano, “os ritmos, suas ocupações, organização espaço-temporal, sua cultura clandestina, sua vida subterrânea” (LEFEBVRE, 1969, p.60). Para o autor, essa dimensão imediata e específica do cotidiano, na maioria das vezes, mantém uma relação dialética com outras categorias mais amplas dos processos sociais gerais e relacionados com o Estado, incluindo discussões sobre suas instituições e as ideologias. Considero aqui esses artefatos como produção do espaço, próximo à definição de Henri Lefebvre (1991). Para ele, tal produção não se limita às “coisas no espaço” (things in space), mas às relações sociais, sendo o espaço sempre ativo e presente. Ele muda junto com a sociedade, está ligado à sua história, ideologias e regulamentações, mas também é constituído com as relações diretas de seus habitantes com o espaço vivido, numa trama complexa, a “cidade é uma mediação entre mediações” (LEFEBVRE, 1969, p.47).

O período recente, especialmente os eventos de 2016, foi determinante para a organização política atual. Na época, alguns percebiam que as conturbações políticas daquele momento apresentavam o indício de uma profunda crise de uma determinada ideia de democracia, de algum tipo de violência política cujas consequências eram incertas.

O lixo da história é um termo comumente utilizado para qualificarmos personalidades alinhadas com os opressores e covardes, a escória, e os fatos que se confirmaram desastrosos e infames. Algumas das pessoas citadas nos cartazes são pouco mencionadas em 2022. Outras persistem agarradas ao cenário político, negociando novos significados para suas trajetórias. É importante lembrar, o lixo da história faz parte da história.

Referências

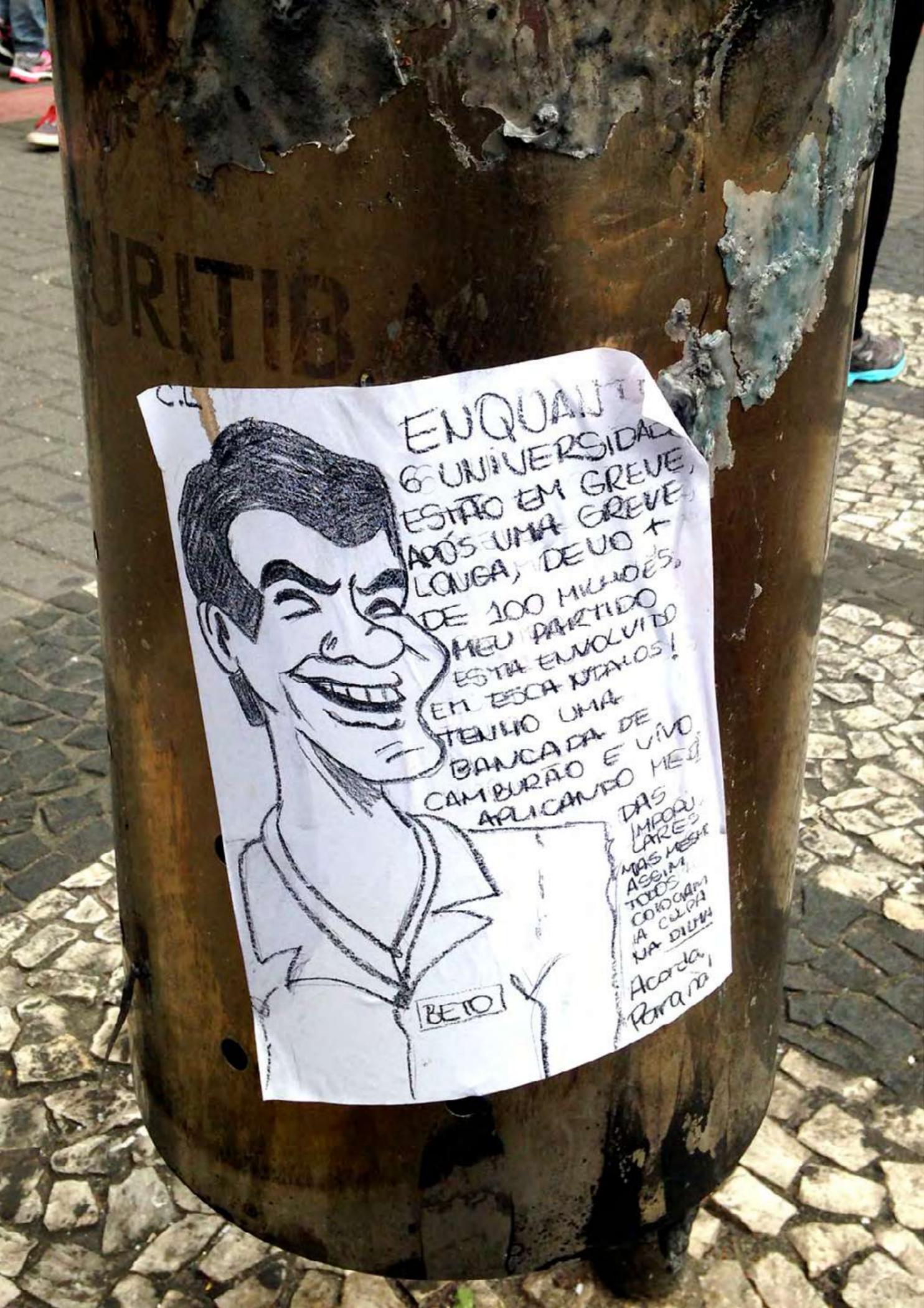
FUKUSHIMA, Kando. Cartazes nas margens: contestação, arte e produção do espaço. Tese (Doutorado em Tecnologia) — Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2019. Disponível em <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4199>> Acesso em 11 de julho de 2022.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Editora Documentos, 1969.

_____. The production of space. Massachusetts: Blackwell, 1991.

_____. Espaço e Política. O direito à cidade II. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.















Acampamento de férias prolongado

Extended vacation camp

Lucas Silva Pamio ¹

lucasspamio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1067-1556>

<http://lattes.cnpq.br/6133467212870187>

1 - Arquiteto e Urbanista, especialista em Planejamento Urbano e Políticas Públicas na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Resumo: Nos últimos anos, tem sido cada vez mais frequente avistar na paisagem urbana da cidade de São Paulo, acampantes. São moradores em situação de rua, vulneráveis e expostos à violência, descaso, falta de oportunidades e alternativas de rumos prejudiciais, que se fixam em locais movimentados, geralmente em regiões centrais. Se há certa beleza nas imagens aqui apresentadas, essas mascaram o drama que é viver na rua, tendo como proteção paredes e teto de lona ou plástico. Em preto e branco, os registros são apresentados em plano aberto, como quem observa.

Palavras-Chave: Moradores de Rua; Acampamento Urbano; Observador.

Abstract: Recently, it has become increasingly frequent to spot campers in the urban landscape of the city of São Paulo. These are homeless people, vulnerable and exposed to violence, neglect, lack of opportunities and harmful alternatives, who settle in crowded places, usually in central regions. If there is a certain beauty in the images presented here, they mask the drama that is living on the streets, having walls and canvas or plastic roofs as protection. In black and white, the records are presented in open plan, as if observing.

Keywords: Street Residents; Urban Camping; Observer.



Muitos são os fatores os quais, contribuem para ocorrerem mudanças tão significativas no processo de metamorfose urbana, o aumento populacional, questões ligadas a especulação, dificuldades de uns e facilidades de outros, interesse público privado, além de problemáticas relacionadas à própria vida da urbe. Todavia, pensar a cidade como um mecanismo em transformação, compele refletir sobre tal decurso, pois se a cidade é feita pelas e para as pessoas, não seriam as pessoas que estariam passando por processos de metamorfose?

A respeito da cidade em transformação, a reprodução do espaço urbanizado possui grande parcela de responsabilidade, ao mesmo tempo que contribui com o progresso, dificulta acessos e equilíbrios. É fato, que a cidade em sua definição urbanística seja palco de transformações, tal qual o inchaço populacional ou as relações intersociais que hierarquizam, econômica e culturalmente os agrupamentos. Se a cidade é o palco, os atores são as pessoas e neste caso é representado por aqueles que vivenciam os riscos e experimentam uma vulnerabilidade pouco opcional — os moradores de rua, os quais integram, a quem Santos (1998) apresenta como os pobres da cidade.



Se no processo de expansão urbana, as pessoas saíam do campo em direção às cidades, hoje com as cidades já transformadas, busca-se o campo como espaço temporário de descanso, vivenciando novas experiências, como a de acampar sob as estrelas e por mais satisfatório que seja a experiência, retorna-se para a civilização, para o conforto, as comodidades, facilidades e proteção. Seguindo a mesma lógica de acampamento, cada vez mais acampantes, são forçados a experimentar e contemplar a paisagem urbana da cidade de São Paulo, passando longas temporadas em diversos pontos da cidade, tratam-se de sujeitos que convergem aos problemas urbanos e sociais. Que neste caso, utilizam barracas de acampamento como moradia prolongada, sem uma casa tradicional, conforme analisa Carlos (2007), ficam impossibilitados de vivenciar o mundo por completo.

Devido a problemas estruturais pessoais ou familiares, dificuldade econômica, ou devido um grande trauma, as barracas de camping, advindas de doações, da compra, ou de processos de criatividade para improvisar uma, têm-se tornado um artefato comum na paisagem urbana desta megacidade. Condição temporária de moradia, que acabam resistindo as intempéries cronológicas e temporais, tal qual seus ocupantes, que também resistem. Muitas vezes tendo o fluxo como vizinhos, além das dificuldades já expressas, encontram-se expostos a rumos prejudiciais, como a criminalidade e o uso de entorpecentes, todavia, estar na rua não diz respeito necessariamente a ser temido e evitado socialmente.





Não é recente o conceito de camping para pessoas em situação de rua, como uma saída temporária de abrigo e proteção, todavia, com o agravamento da pandemia e suas consequências, sociais, econômicas, psicológicas, o número de barracas e tendas improvisadas tem aumentado, como exemplo a cidade de São Paulo, em que barracas podem ser vista embaixo do Viaduto Santa Ifigênia, no Largo do Paissandu, no túnel José Roberto F. Melhem na Avenida Paulista, ao longo da Avenida São João e em praças da região central.



Vindos de diferentes regiões, os atravessantes, ou seja, os moradores em situação de rua que atravessam diferentes pedaços de chão paulistano, se deslocam em direção as regiões centrais, devido a maior concentração de infraestrutura e circulação de pessoas, que eventualmente possam querer lhes enxergar com caridade. Na dinâmica de fixação desses moradores de rua, Santos (1988), salienta a maneira como as pessoas se distribuem, transformando o espaço habitado, apesar do geógrafo se referir as pessoas como espécie em relação ao globo, tal análise aplica-se à estas pessoas, que parecem ter como ponto de partida a proximidade para fixarem, uma vez que isolados, expõem-se ainda mais à ação de agentes, ou até mesmo de outros moradores, com isso, acabam acampando próximo a outros.

Se há o reconhecimento por parte dos moradores de rua, de que a rua e demais locais públicos são lugares de moradia, os mesmos não podem negar que também se tratem de lugares de atenção redobrada, de falsa liberdade e de alienação. Na heterogeneidade dos moradores de rua, quem acampa, costuma abrigar familiares, ou amizades firmadas a partir da própria experiência de estar e pertencer à rua (FRANGELLA, 2009).



Dos registros fotográficos e fotocollagens, que apresentam cenas de acampamento, que ainda expressem certa beleza, contribuem para evidenciar contrastes que não alteram destinos, os viajantes continuam deambulando, acampando em diversos pontos da cidade. Na cidade em metamorfose, finge-se ver, ouvir e sentir estes acampantes errantes. Como espectadores, por vezes, observa-os, os poetaiza, mas os ignora. Afinal de contas, somos borboletas, ou regredimos à lagarta faminta e tão singular?

Referências

CARLOS, A. F. A. Metamorfoses Urbanas. *GeoTextos*, Universidade Federal da Bahia. vol. 3, n. 1 e 2, 87–200, 2007.

FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos Urbanos Errantes. Uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. São Paulo: Anablume, Fapesp, 2009.

SANTOS, Milton. *METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. Hucitec. São Paulo 1988.

_____. 1998. *A urbanização latino-americana*. São Paulo: Hucitec.



“Só vivo, a minha carruagem ainda está na estrada”: Des-LOUcamentos urbanos em busca de um Comum

“I’m just alive, my carriage is still on the road”: Urban Des-LOUcamentos in search of a Common

Simone Mainieri Paulon ¹

simonepaulon@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0387-1595>

<http://lattes.cnpq.br/6053363307031981>

Caio Monçalves ²

caiomoncalves@gmail.com

Heloísa Helena Oliveira de Oliveira ³

Lara Yelena Werner Yamaguchi ⁴

larawerner@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4168-4846>

<http://lattes.cnpq.br/7439844532216129>

1 -Dra. em Psicologia Clínica (PUCSP), docente PPGPSI- UFRGS. Pesquisadora Cnpq.

2 -Fotógrafo integrante do Grupo de Fotografia 35 mm.

3 -Escritora, moradora da Ocupação Baronesa.

4 -Acadêmica do Bacharelado em Saúde Coletiva (UFRGS).

Resumo: O ensaio compõe-se de vinte imagens de um processo de despejo de uma Ocupação Urbana ocorrida em 2019 em Porto Alegre, acompanhadas de excertos diarísticos de uma das autoras/moradoras da ocupação que foi alvo da violência de Estado expressa na narrativa. As imagens constituem parte de um campo da pesquisa-intervenção “Experiências Urbanas e Produção do Comum: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância” e foram trabalhadas na perspectiva de uma etnocartografia que explora a dimensão sensível das interações com o campo pesquisado, a partir da atenção cartográfica.

Palavras-chave: Cidade. Ocupações Urbanas. Etnocartografia. Imagens.

Abstract: *The essay is composed of twenty images of an eviction process of an Urban Occupation that took place in 2019 in Porto Alegre. The photographs are accompanied by diary excerpts from one of the authors/residents of the occupation that was the target of State violence expressed in the narrative. The images are part of a field of intervention research “Urban Experiences and Production of the Common: ways of life and the invention of cities in times of intolerance” and were worked from the perspective of an ethnocartography that explores the sensitive dimension of interactions with the researched field, based on cartographic attention.*

Keywords: *City. Urban Occupations. Ethnocartography. Images*

Palmares não é só um, são milhares.
(Oliveira Silveira, 1987)

Este ensaio é composto de excertos de um diário-testemunho de uma das autoras que experimentou a violência de ser despejada de uma das muitas ocupações urbanas das quais integrou, com narrativas imagéticas produzidas por outro autor que vinha apoiando o movimento daquela ocupação. As imagens integram um dos campos de uma pesquisa-intervenção, “Experiências Urbanas e Produção do Comum: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância”, que teve por objetivo investigar os modos de exclusão que se operam na cidade e, no contraponto, como diferentes cidadã(o)s produzem um comum, enquanto modo de resistência ao individualismo capitalista contemporâneo. Para a produção de narrativas que visibilizassem e problematizassem os modos de constituir e transgredir fronteiras nos cotidianos urbanos, a pesquisa distribuiu seus campos em sete segmentos diversos de moradora(es) de Porto Alegre, sendo este um deles.

À clássica indagação de Lefebvre (1991) acerca de “quem faz a cidade?” foi acrescida de seu complemento acerca de “quem SE faz na cidade?”, tornando-se questão disparadora de uma investigação sustentada na compreensão de que cidade e subjetividade arquitetam-se mutuamente, num mesmo processo. Esta mútua composição foi captada pela sensibilidade estética e implicação militante do autor-fotógrafo deste ensaio, durante o processo de demolição, a um só tempo, de parte da história da cidade no conjunto arquitetônico da Ocupação Baronesa, e parte da história de muitas e diversas famílias, aquilombadas, que o ocupavam reivindicando seu violado direito à moradia. Tal como analisado por Nascimento (1985), o quilombo ali emergiu na fissura de um vazio urbano, coagulando a resistência de uma comunidade formada em reconhecido território negro de Porto Alegre, que vem sendo embranquecido pela especulação imobiliária em curso: entre o outono e o inverno de 2019, a ocupação resistiu denunciando a necropolítica tornada protocolar. Entre escombros e encontros resistentes, as autoras pesquisadoras deparam-se com a autora-escritora despejada e passam a trocar, acolher, recolher e resguardar registros diarísticos que acompanham as imagens aqui selecionadas.

A etnocartografia que sustentou metodologicamente a pesquisa-intervenção aqui trazida, mesclou a disposição à interação com o Outro, tomado em sua alteridade, considerada condição sine qua non à pesquisa etnográfica (ROCHA e ECKERT, 2013, p. 55) à atenção cartográfica que, segundo Kastrup (2004, p. 11) é, ao mesmo tempo, ao mesmo tempo, flutuante, concentrada e aberta, na aposta de “produzir movimentos com imagens, menos como representação de um mundo e mais como afecção” (MELO e NETO, 2020, p. 5).

Diário da Helô

Sempre fiz essa militância em silêncio mas agora quero gritar... É maior do que eu, meu coração parece que vai explodir de emoção ao me notar e me ver militando novamente, acho que nunca parei.



Tenho pressa de acarinhar todos, e cuidá-los mas é muito mais que isso são outros cuidados que a vida me reserva além do que pensei.



Gostaria de ter braços para abraçar todos e confortá-los.



Sinto que vivo numa floresta dos horrores e pavores que me atordoam incessantemente.









[...] é um processo intenso e constante, de almas e espíritos que aqui já não estão mais... E onde entra pertencimento nessa trajetória? Gostaria de saber e para que isso aconteça tenho que continuar pensando por isso canso. E onde entro na Baronesa e o quanto ela está em mim? É uma força maior que entra na minha vida ou na verdade eu entro na vida dela.



Sinônimo de luta e resistência, sentimento de amor é querer que todo um coletivo fique junto firme e forte em uma ocupação de raiz e de vidas, em tempos de guerra a injustiça espreita, a esperança e o coração bate aflito e sereno em momentos de tensão. Mas a árvore da vida sempre terá raiz e o fruto um dia terá que cair.





A história se repete e a Baronesa se levanta e me dizem que é no meu abraço que vive a esperança.



Quisera eu não ter passado mas tenho. [...] estou tentando aprender a andar sozinha na multidão. [...] Passado se fosse bom era presente.



Então estou aceitando o que é minha vida, meus tormentos. Tenho fé no que será. [...] Então hoje é hoje, só vivo. A minha carruagem ainda está na estrada.



Às vezes é impossível saber qual o próximo passo que devo dar. Estou tentando treinar minha mente para não castigar meu coração. [...] Tentei dar sempre o melhor de mim, e dei. [...] Tentei não desistir dos meus sonhos, o tempo vai passar de qualquer maneira.



A vida é feita de capítulos, uns ruins não quer dizer que a história acabou. Me basta que venha do coração, basta que venha da mente. Sou completamente louca mas consciente. Mais atitudes porque palavras o tempo leva...

Volta: gritou a saudade.

Lembra: disse a memória.

Esquece: aconselhou a razão.

Referências

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicol. Soc.*,

Porto Alegre, v. 19, n.1, p. 15–22, 2007. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso)

[71822007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 17/07/2022.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito À Cidade*. Editora Moraes, São Paulo. 1991.

MELO, M. VASCONCELOS, M. e SOUZA NETO, E.A. Os dentes afiados da vida preferem a carne na mais tenra infância”: Etnocartografar com olhos de besta

Childhood & Philosophy. Rio de Janeiro, v. 16, nov. 2020, pp. 01- 28.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: *Afrodiáspora: Revista do mundo negro*. Nº 6–7. Ipeafro, 1985, pp. 41–49.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

SILVEIRA, Oliveira. *Poema sobre Palmares*. Porto Alegre: Edição do autor, 1987.





Ocupação
Baronesa

CAMPANHA DE ACESSIBILIDADE

270
250
200
150



Reflexões sobre a luta do Bloco Se Benze que Dá (SBQD) pelo direito a cidade no Rio de Janeiro

Reflections on the struggle of Bloco Se Benze que Dá (SBQD) for the right to the city in Rio de Janeiro

Fábio Gama Soares Evangelista ¹

fabiofotocaffe@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4624194152881661>

<https://orcid.org/0000-0002-4829-4672>

1 - Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas — FEBF /UERJ. Fui bolsista CAPES. Eu cursei mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF_UERJ), lá realizei a dissertação O Bloco Se Benze que Dá e o seu papel na sociabilidade na Favela da Maré (Rio de Janeiro). Eu defendi este trabalho em setembro de 2021.

Resumo: O presente ensaio tece reflexões sobre como os integrantes do Bloco de Carnaval Se Benze lutam pelo direito a cidade no Rio de Janeiro. O bloco desfila pelas ruas da favela da Maré, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Neste trabalho a fotografia tem papel central como ferramenta metodológica e um dos principais conceitos utilizados foi o de fotobiografia.

Palavras-chave: favela; Maré, carnaval, sociabilidade, fotografia

Abstract: *This essay reflects on how the members of Bloco de Carnaval Se Benze fight for the right to the city in Rio de Janeiro. The block parades through the streets of the Maré favela, located in the North Zone of Rio de Janeiro. In this work, photography plays a central role as a methodological tool and one of the main concepts used was that of photobiography.*

Keywords: *favela; Maré, carnival, sociability, photography*

Alguns moradores da Maré criaram o SBQD em 2005 para brincar o carnaval. Como está escrito no site do bloco além de ser instrumento de folia, tem função política, cultural e educacional.

Podemos listar dois objetivos do bloco: 1 – Lutar pelo direito a cidade, pela liberdade de ir e vir na Maré, atravessar as “fronteiras” existentes neste território. 2 – ser “importante movimento de resistência cultural e de contestação acerca da criminalização da pobreza e dos movimentos sociais.”

O símbolo do bloco é o galho de arruda que é distribuído nas concentrações antes dos desfiles. Assim ao longo dos cortejos muitos integrantes usam a arruda atrás da orelha. Uma das histórias de criação do bloco é que um grupo de amigos moradores da Maré após brincarem o carnaval em outro bairro do Rio de Janeiro, teve a ideia de criar um bloco que atravessasse as favelas da Maré, pois um receio existente no território é ir de uma favela para outra devido a presença de grupos civis armados que são rivais. A arruda é então um amuleto que ajuda a ter proteção e com fé é possível enfrentar as dificuldades dos caminhos.

As fotografias deste ensaio foram realizadas por mim em 2019 e 2020 em dias de desfile do Se Benze que Dá pelas ruas da Maré. Destaco que desde 2008 acompanho os cortejos do bloco. O fato de ter sido aluno da Escola de Fotógrafos Populares facilitou o meu acesso, uma vez que alguns dos meus amigos de turma também conheciam os integrantes do grupo.

Acreditamos que a fotografia nasce do encontro entre fotógrafo e fotografado. É fundamental o elo de confiança entre ambos. Assim estas imagens só nasceram a partir da co-autoria com as pessoas fotografadas. Aqui temos a confiança presente. Destaco também a importância da responsabilidade e ética na utilização destas imagens. A fotografia não termina na hora do click. Todo o processo incluindo a edição, distribuição e publicação devem ser pautados pela ética.

Concordamos com o fotógrafo João Roberto Ripper quando ele afirma que o trabalho do fotógrafo deve ser um elo de bem querer entre a pessoa fotografada e o espectador da imagem.

Na dissertação analisamos imagens de minha autoria, e também trabalhamos com fotografias feitas por outras pessoas, a partir do conceito de fotobiografia desenvolvido pela pesquisadora Fabiana Bruno. Em artigo publicado no ano de 2012, a autora argumenta que a fotobiografia

“pensa a imagem não como mero objeto, mas como um “acontecimento”... um campo de forças que se cruzam e um sistema e forças que coloca em jogo diferentes instâncias: enunciativas (verbal), figurativas e perceptivas (visual).”(BRUNO, 2012, p.91).

Fabiana conta também sobre um trabalho no qual pesquisa a relação entre fotografias, histórias de vida e memória, a partir de 5 pessoas idosas que possuíam álbuns de fotografias com registros importantes de suas vidas. Já em nossa dissertação fizemos 2 fotobiografias, uma com Léo Melo e outra com Mariluci Nascimento, ambos integrantes do bloco ¹.

Ao ver esse conjunto de fotos pode-se perceber a Maré, seus moradores e moradoras pelo viés do afeto, da resistência, da alegria. Isso é uma profunda mudança na forma como esse território é percebido no conjunto da sociedade.

O Bloco Se Benze luta por um tipo de cidade, que seja mais solidária, fraterna, justa. Acreditamos que é fundamental a luta e reflexão para que todas as pessoas realmente tenham direito a cidade. Concordamos com HARVEY (2014) quando ele afirma que

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos.

Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades, como pretendo argumentar, é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados. (p 28)

Os integrantes do SBQD ao realizar o desfile do bloco estão lutando por uma outra apropriação do território mareense. De espaço de passagem do cotidiano, as ruas são transformadas em passarelas por onde o cortejo dos foliões passa. O SBQD é afirmação dos moradores favelados falando que sim produzem cultura e arte.

A escolha do percurso do SBQD é decidida coletivamente pelos integrantes do bloco. Conforme dissemos um dos objetivos deste bloco é atravessar algumas “fronteiras”, as divisas, que são as ruas que separam as favelas da Maré. Assim é reivindicado o direito ao ir e vir do morador favelado. Aqui podemos estabelecer um diálogo com algumas das ideias de Certeau (1998). Este autor faz uma diferenciação entre espaço e lugar. Para ele o “espaço é o lugar praticado”. O mesmo faz uma analogia: o espaço é como a palavra falada na linguagem. Vale destacar que para ele nos relatos essas categorias

1 - Com os materiais da dissertação criamos um site na plataforma Adobe Spark — <https://adobe.ly/3yTFzvK> — Lá é possível conferir as fotobiografias que realizei com Léo Melo e Mariluci Nascimento.

estão o tempo todo mudando. Um lugar pode ser transformado num espaço e vice-versa. Esta é uma luta constante que precisamos enfrentar. Não deixar que os espaços se tornem locais estéreis, de simples destinação ao capital. Um exemplo disso é a Vila Autódromo ² que sofreu muito os impactos das obras para as Olimpíadas Rio 2016. É muito triste constatar que um trecho da Vila Autódromo foi transformado num estacionamento de um hotel luxuoso.

Ao longo do trajeto percorrido pelo SBQD alguns moradores da Maré ficam acompanhando o desfile em suas calçadas, alguns interagem seja sambando, cantando com o bloco. Alguns dos integrantes do bloco vão distribuindo a letra do samba para as pessoas que estão em suas calçadas acompanhando o desfile. Isso dialoga com a ideia de pedaço desenvolvida por MAGNANI (2006): “neste espaço a pessoa dispõe de características de três espaços ao mesmo tempo: a imprevisibilidade da rua, a segurança e conforto de estar em casa – “plano intermediário entre o dentro e o fora.” (p. 136)

Os territórios são marcados pelas pessoas que o ocupam, que o vivem. Para os integrantes do SBQD a Maré não é apenas um território com valor de troca, mas sim um espaço onde está a história dos integrantes, local de afetos, vivências, memórias.

Importante destacar que segundo Renata Souza ³, a rua e o espaço privilegiado onde acontece a construção e manutenção do espírito comunitário na Maré. Segundo ela “a rua se configura como um espaço das trocas reais e simbólicas, da convivência, das discussões, das festas, do encontro e da partilha com outro onde se experimenta o olhar para si para sua própria existência.” (SOUZA, 2020, p.64) e além disso a autora destaca que “observa-se empiricamente que a rua é terreno fértil para o enraizamento do reconhecimento e do pertencimento do indivíduo àquela comunidade.” (p.65)

Outro aspecto importante do bloco e que contribui para a luta pelo direito a cidade é a sua estética. Cartazes, roupas, acessórios são marcas constantes nos desfiles do grupo. Algumas fotografias do Se Benze que dá nos fazem lembrar de imagens de protestos realizados por movimentos sociais. Marielle⁴ Presente, Vidas na favela importa, Pelo direito de ir e vir são algumas das mensagens defendidas pelo grupo. Uma síntese

2 - Território localizado na zona oeste do Rio de Janeiro. Segundo o Museu das Remoções, “A Vila Autódromo teve sua origem nos anos 60, como uma colônia de pescadores que se estabeleceu às margens da Lagoa de Jacarepaguá”. Os megaeventos tiveram impacto brutal neste território onde muitas pessoas tiveram suas casas removidas. A proximidade com a Barra da Tijuca também ajuda a explicar isso visto que tal bairro teve muito crescimento nas últimas décadas e a especulação imobiliária tem grande influência nesta parte da cidade. Mais informações em: <https://museudasremocoes.com/sobre/a-vila-autodromo/>

3 - Cria da favela da Maré, integrante do bloco Se Benze que dá, jornalista, doutora em comunicação Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É deputada estadual no Rio de Janeiro.

4 - Marielle Franco, ex-moradora da Maré, ex-vereadora brutalmente assassinada no dia 14 de março de 2018 no Rio de Janeiro. Ela era integrante do bloco Se Benze que dá.

do ativismo cultural-político está presente na imagem onde alguns integrantes estão erguendo: baquetas de bateria, punhos erguidos e placas Rua Marielle Franco. As baquetas parecem apontar para as placas. Tais placas fazem referência a Marielle, que também era integrante do bloco e se tornaram símbolos de luta em prol dos direitos humanos.

Como conclusão podemos afirmar que é muito importante a luta pelo direito a cidade realizada pelos integrantes do bloco. Afinal, como diz o próprio nome do grupo Se Benze que Dá para lutar pela construção coletiva de outra forma de viver, mais solidária, fraterna e justa. E por extensão transformarmos e criarmos nossas cidades tendo como norte esses princípios.

Referências

BRUNO, Fabiana. Fotobiografias. In SAMAIN, Etienne. Como pensam as imagens.

Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 91 a 106.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1998.

EVANGELISTA, Fábio Gama Soares. O Bloco Se Benze que Dá e o seu papel na Sociabilidade da Favela da Maré (Rio de Janeiro). 2021. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) — Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

HARVEY, David. Cidades rebeldes : do direito à cidade à revolução urbana David Harvey ; tradução Jeferson Camargo. — São Paulo : Martins Fontes — selo Martins, 2014.

MAGNANI, José Guilherme. “Jovens paulistanos: formas de uso e apropriação do espaço urbano na metrópole.” In: ROCHA, E.; ALMEIDA, M.I.; EUGENIO, F. (orgs.). Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens. Rio de Janeiro: PUC, Mauad, 2006. p:131–141















Rua Marielle Franco

(1979-2018) Vereadora, defensora dos Direitos Humanos e das minorias, covardemente assassinada no dia 14 de março de 2018.

307

20260-080 Estácio

Rua Marielle Franco

(1979-2018) Vereadora, defensora dos Direitos Humanos e das minorias, covardemente assassinada no dia 14 de março de 2018.

307

20260-080 Estácio

Rua Marielle Franco

(1979-2018) Vereadora, defensora dos Direitos Humanos e das minorias, covardemente assassinada no dia 14 de março de 2018.

307

20260-080 Estácio

Rua Marielle Franco

(1979-2018) Vereadora, defensora dos Direitos Humanos e das minorias, covardemente assassinada no dia 14 de março de 2018.

307

20260-080 Estácio

ROGAI!

tos Naturais e



Quilômetro



Me Curar em Mim: as Cidades Negras

Heal in Me: the Black Cities

Leandro Ferreira Marques ¹

frleando98@gmail.com.

<http://lattes.cnpq.br/1349517959185311>.

<https://orcid.org/0000-0003-2202-3564>

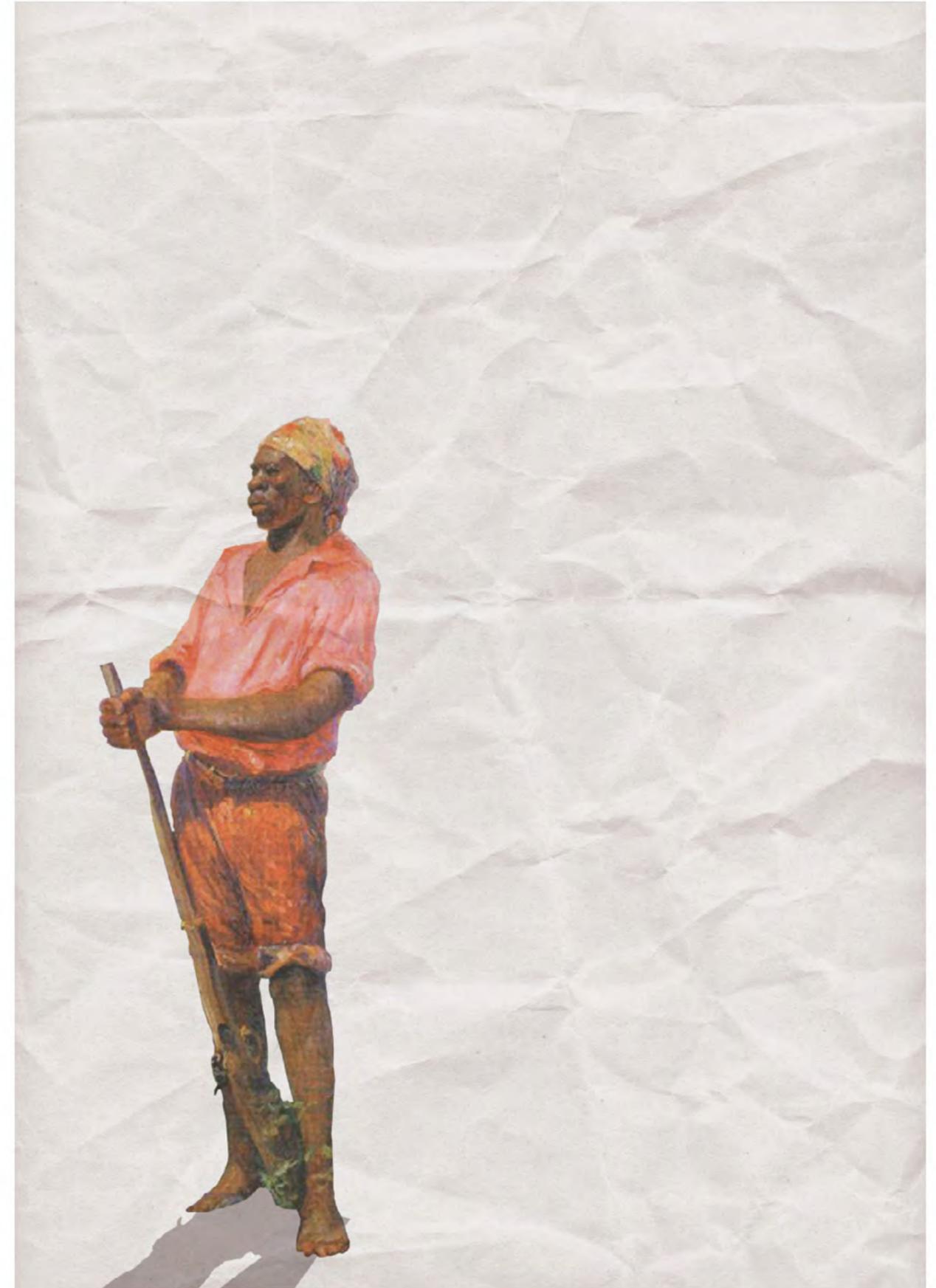
1 - Graduando em Arquitetura e Urbanismo (FAU/UFAL).

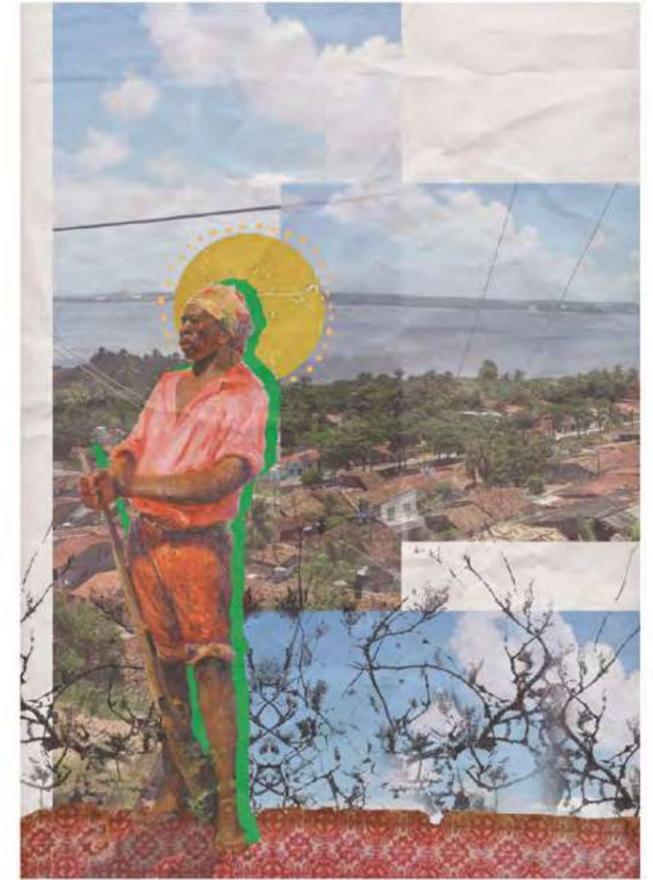
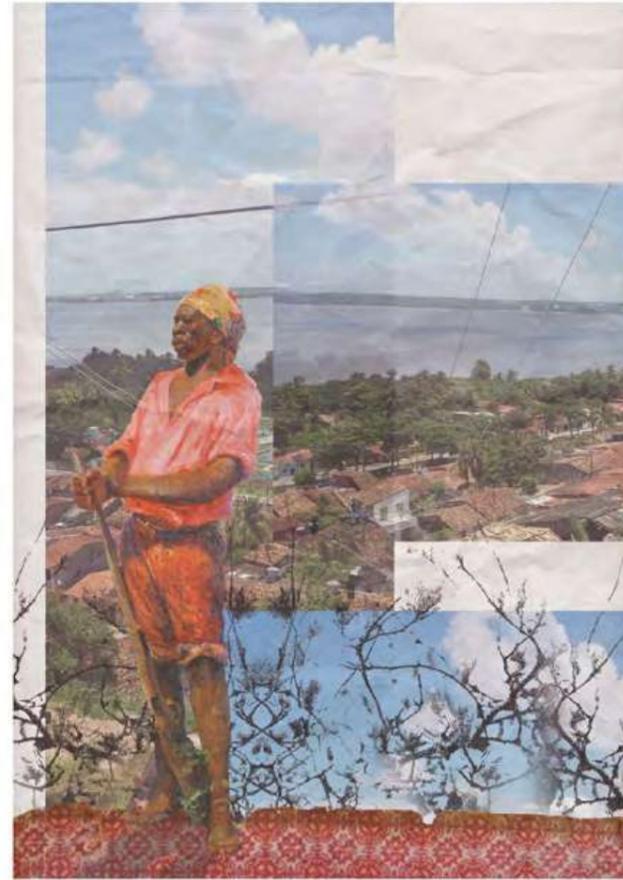
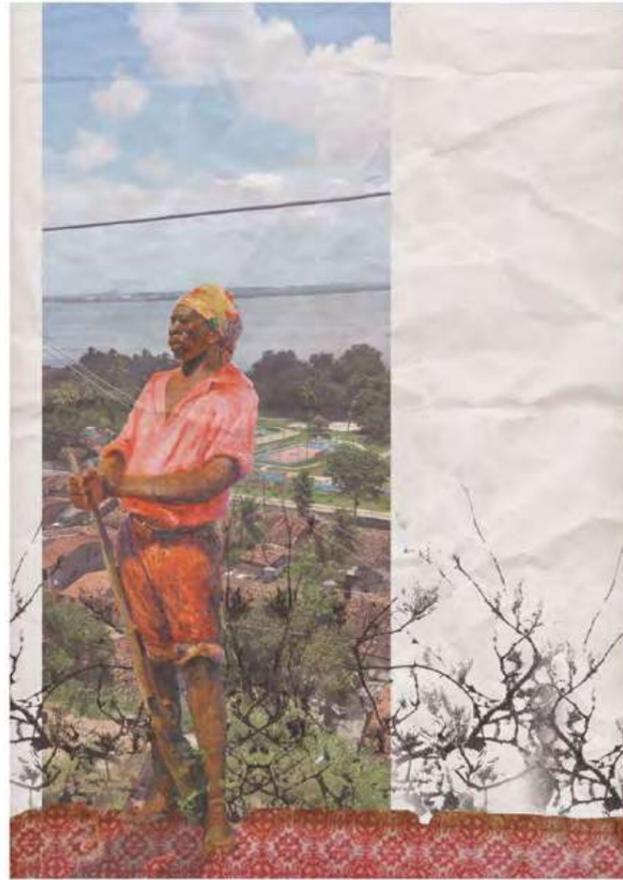
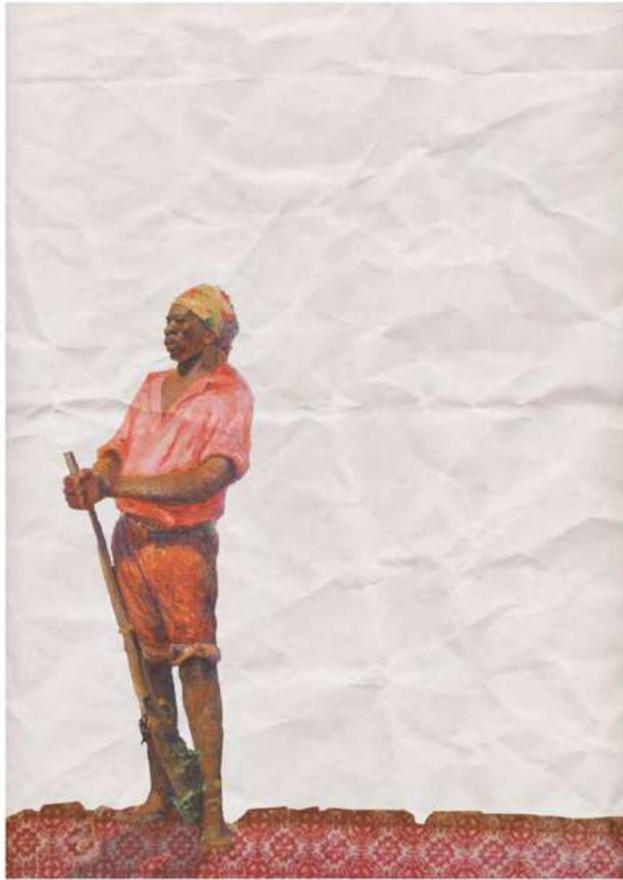
Resumo: “Imagens curam imagens”, diz a artista Rosana Paulino, dessa frase vem a construção da série Me Curar em Mim: as Cidades Negras. Pela intersecção de fotografias, da minha vivência enquanto jovem negro e de 03 pinturas coloniais, busco demonstrar no processo da colagem digital a metamorfose da imagem negra: saindo de uma tela branca e partindo em busca do protagonismo do sagrado, da valorização, da estima e do delírio na cidade; da cura da memória e da dor ainda sentida pela a cicatriz colonial.

Palavras-Chave: Afrovisualidades; Cidade; Fotocolagem

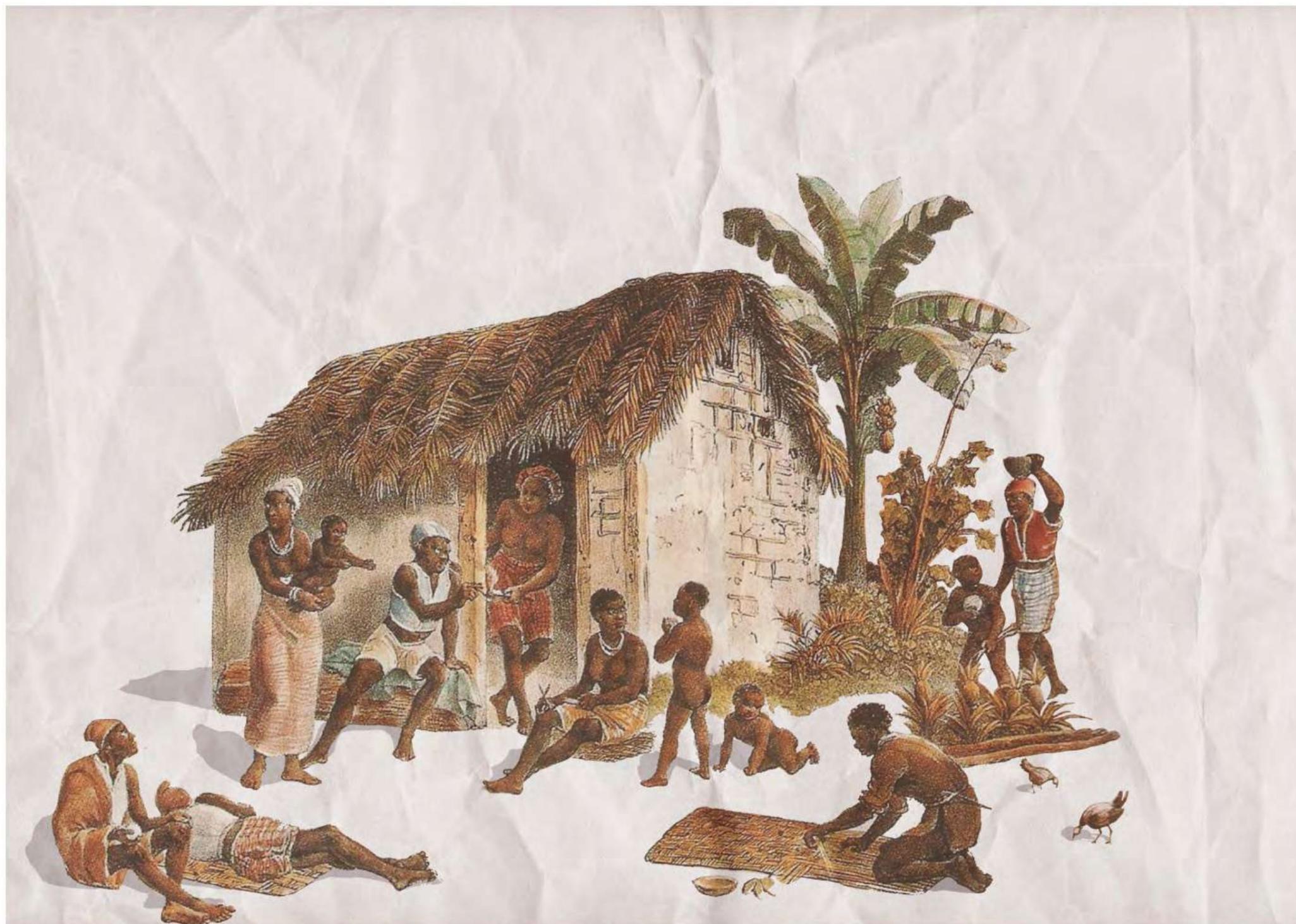
Abstract: “Images heal images”, says artist Rosana Paulino, from this phrase comes the construction of the series Heal in Me: the Black Cities. Through the intersection of photographs, of my experience as a young black man and of 03 colonial paintings, I seek to demonstrate in the process of digital collage the metamorphosis of the black image: leaving a white canvas and going in search of the protagonism of the sacred, of valorization, of esteem and the delirium in the city; the healing of memory and the pain still felt by the colonial scar.

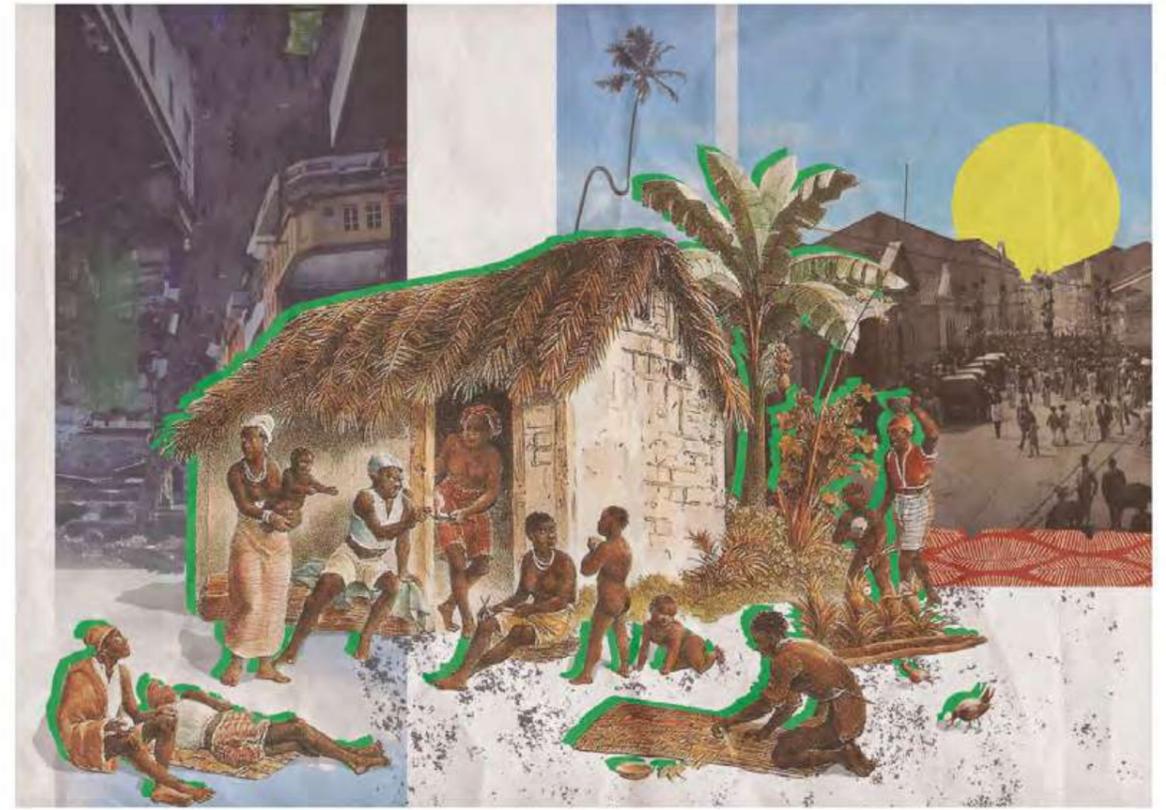
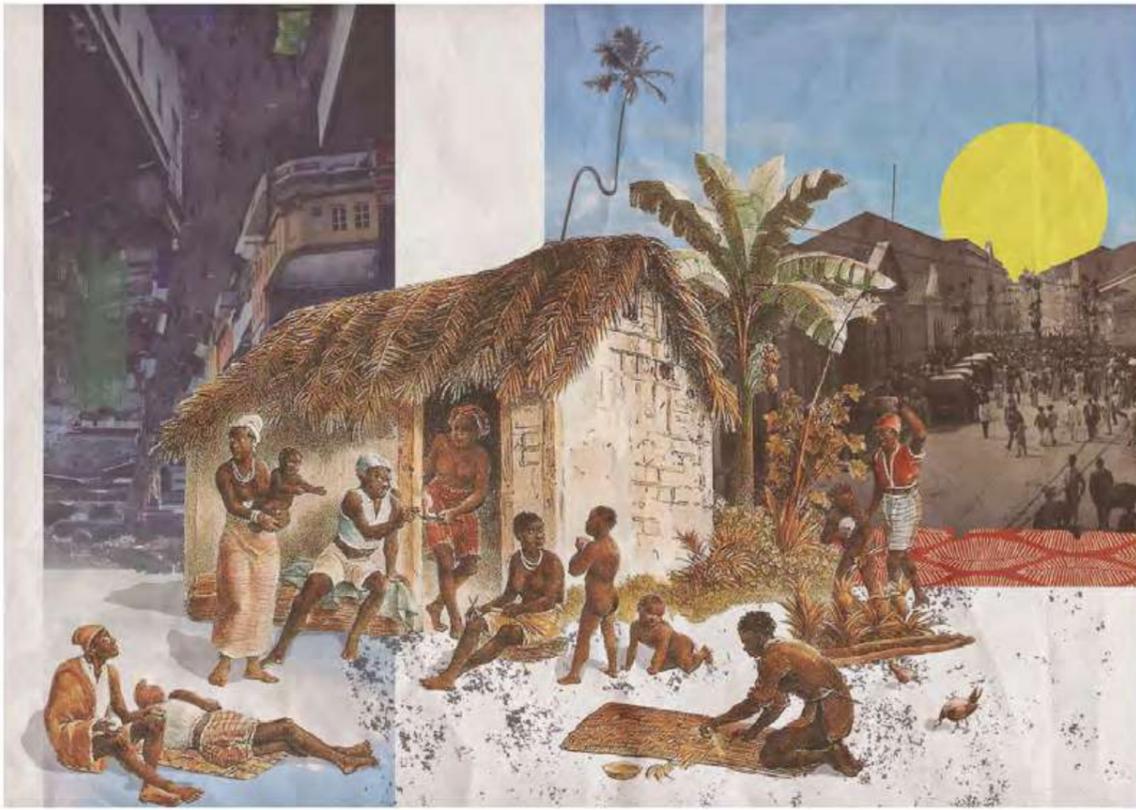
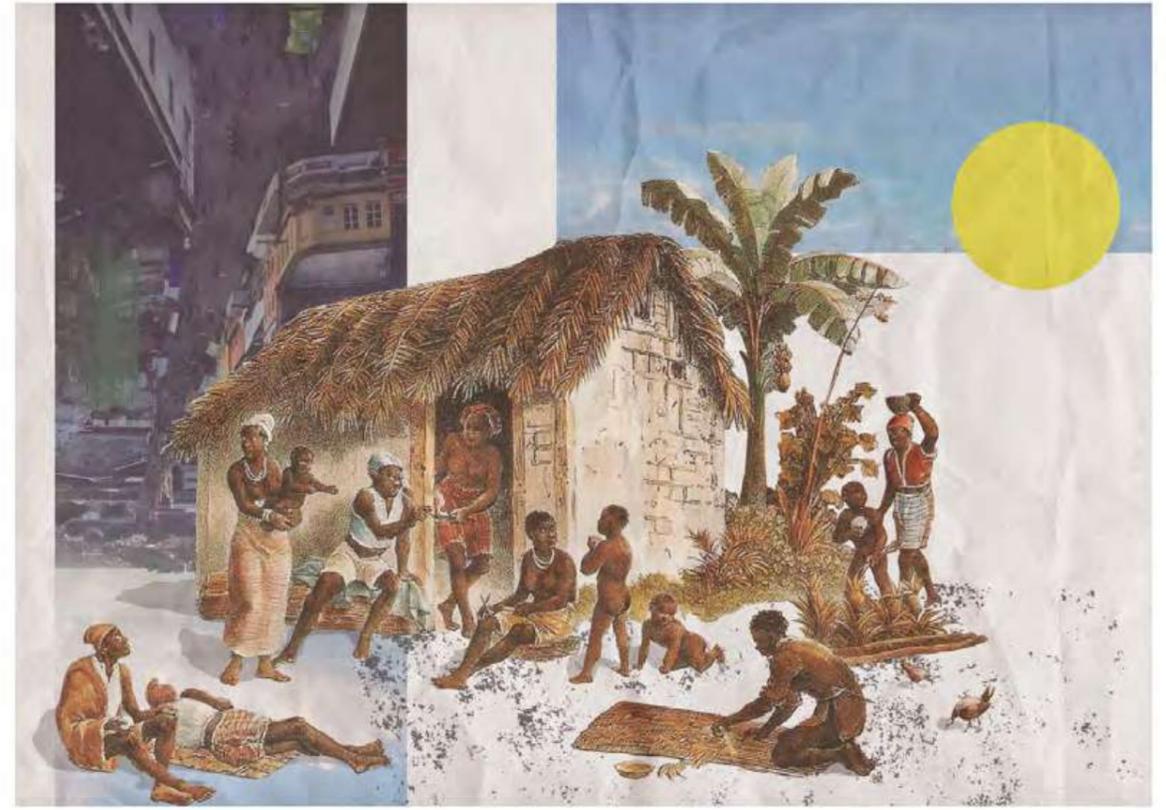
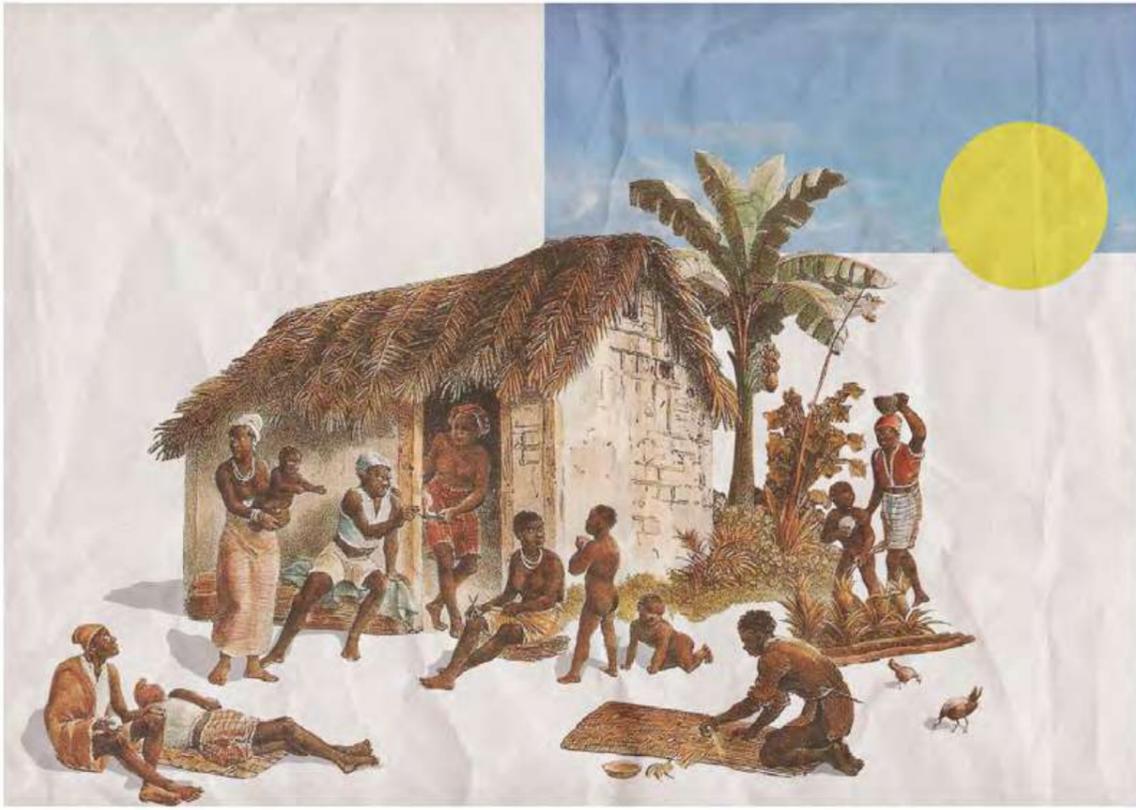
Keywords: Afrovisualities; City; Photocollage

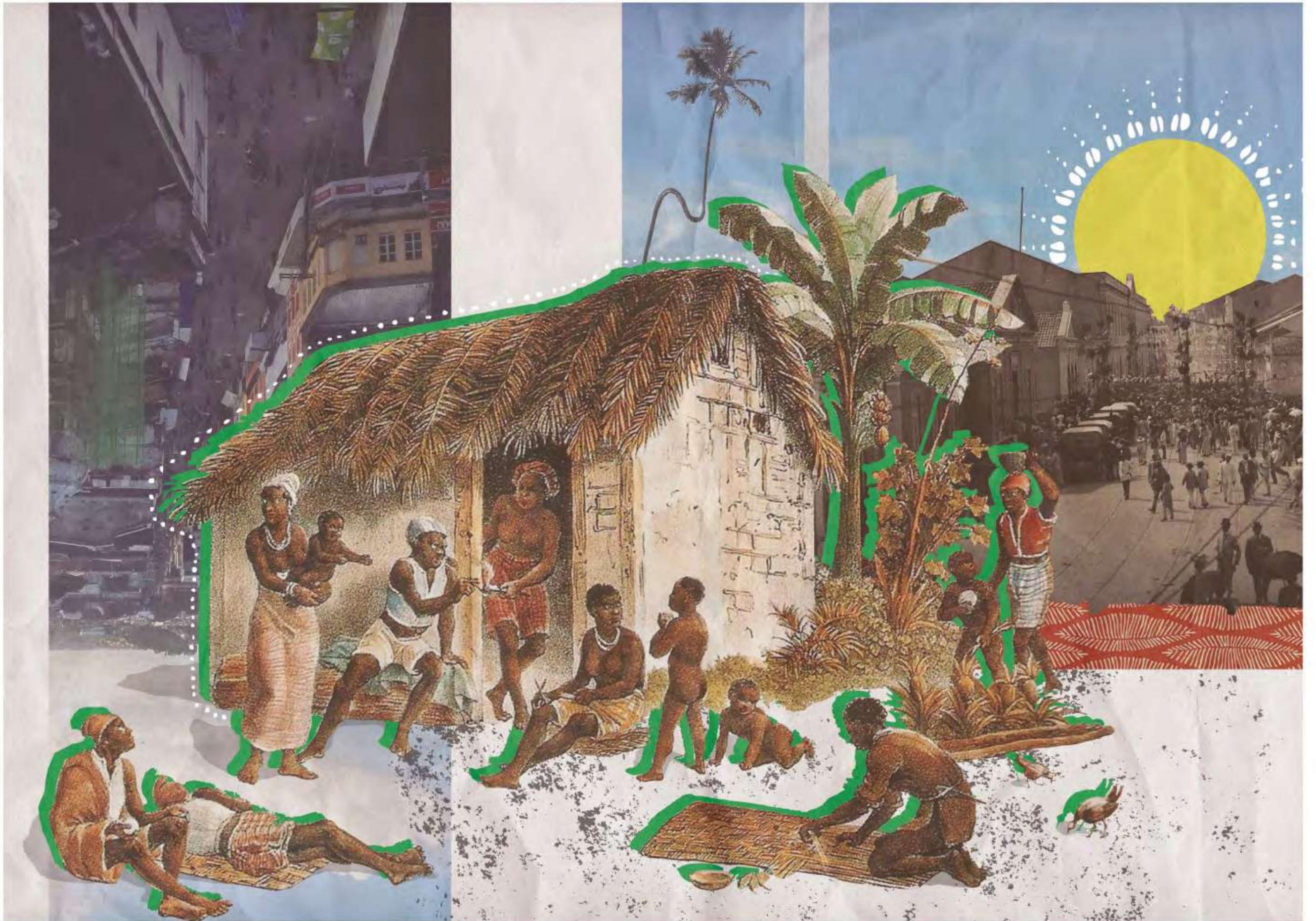


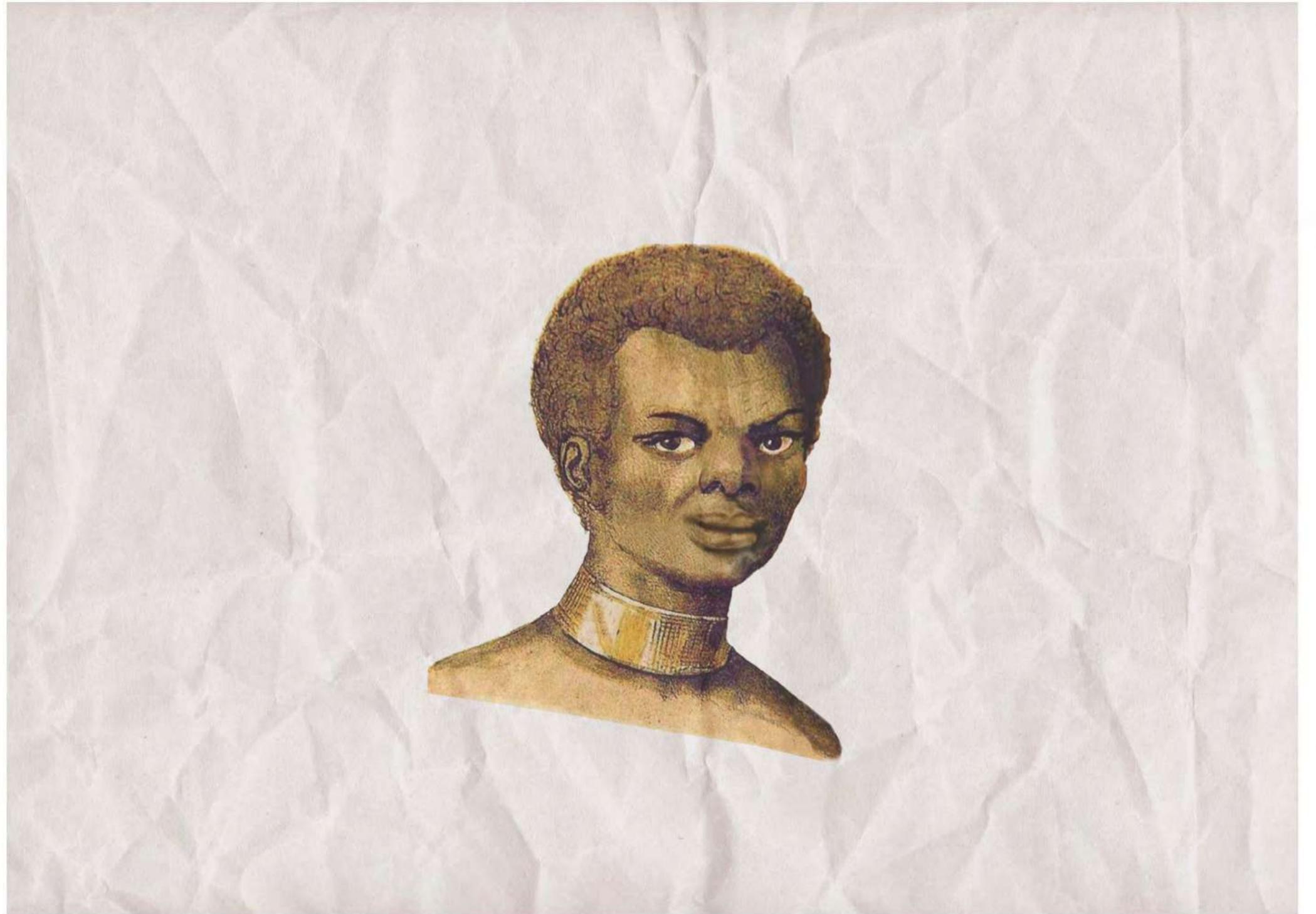


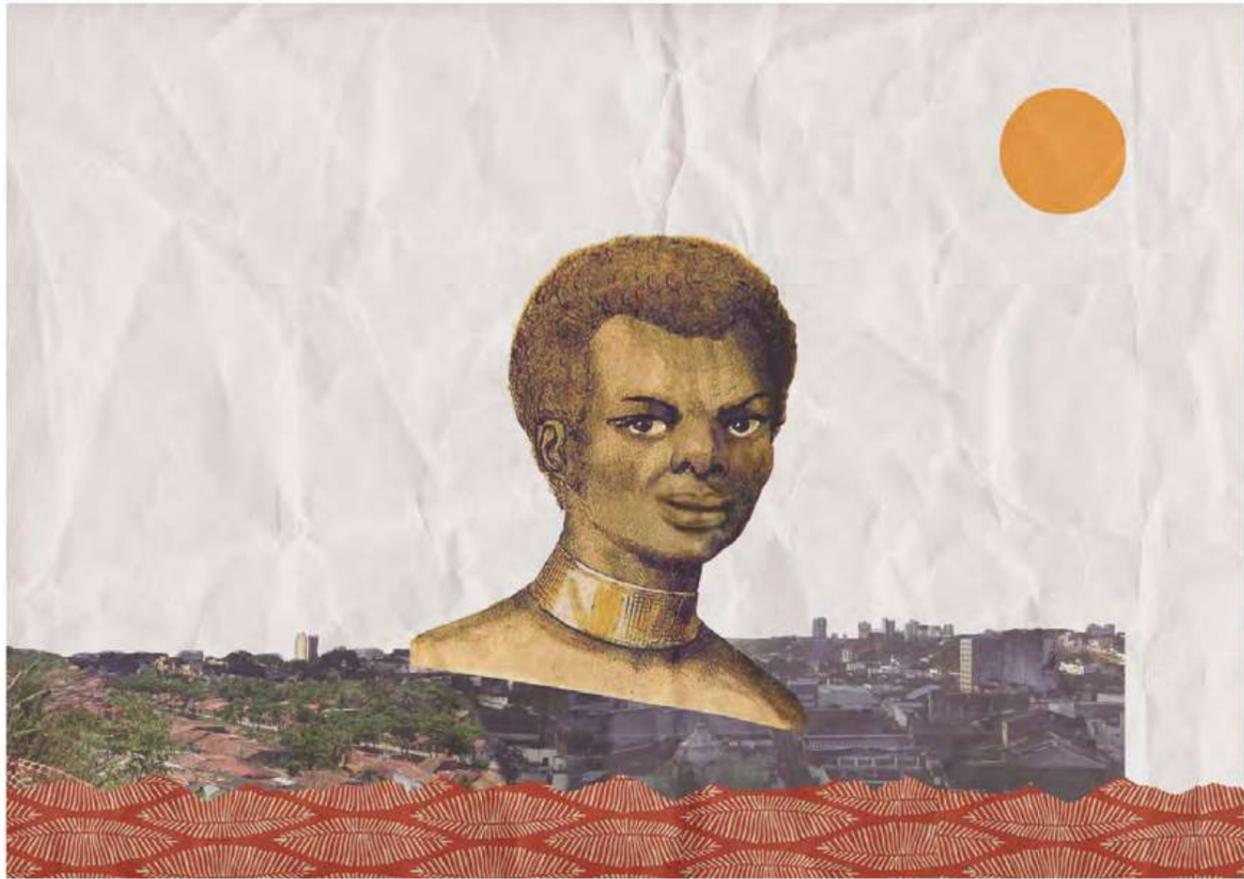
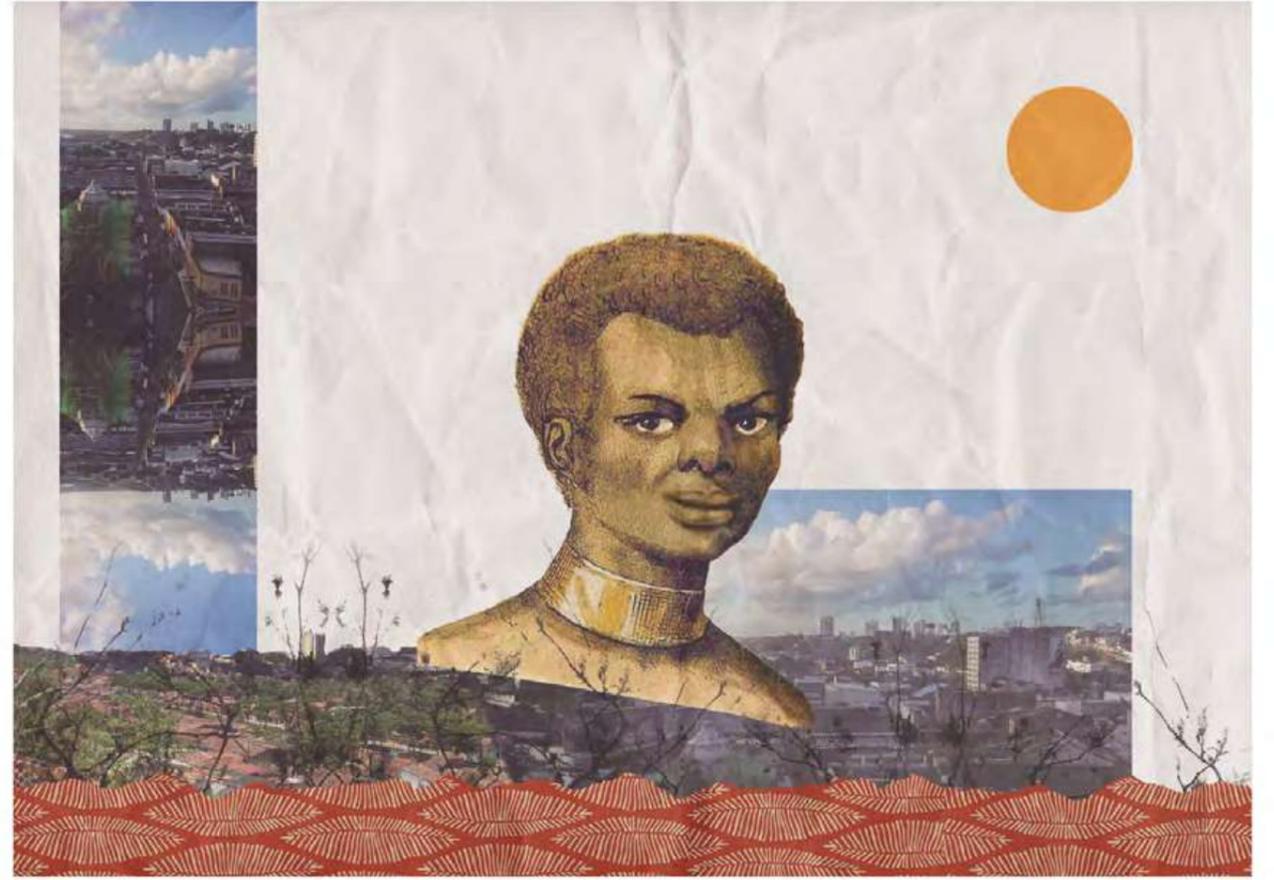
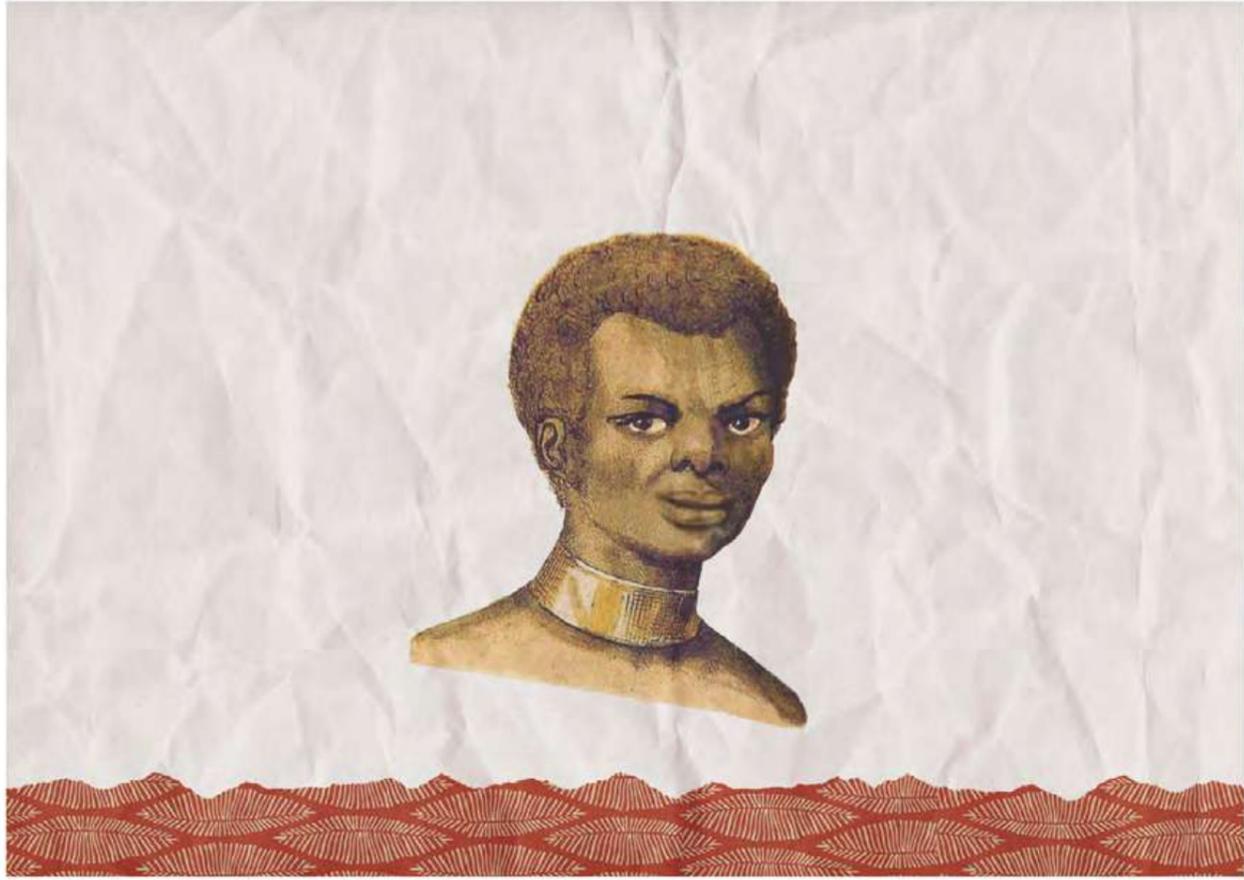














Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor.
O homem me deu a favela, o crack, a traiagem, as arma, as bebida, as puta.
Eu? Eu tenho uma bíblia véia, uma pistola automática e um sentimento de revolta.
Eu tô tentando sobreviver no inferno.
Música Gênesis, Racionais MC's¹

Sobrevivendo no Inferno é um dos álbuns de RAP mais icônicos lançados no Brasil na década de 1990 pelo grupo musical Racionais MC's. As músicas são um manifesto, alerta e louvor às condições da população negra na sociedade brasileira. 30 anos desde o lançamento do álbum e mesmo assim algumas estatísticas ainda se mostram muito preocupantes: segundo o Atlas da Violência (2021), em 2018, para cada um indivíduo não negro assassinado, 2,7 negros foram mortos.

O reconhecimento das atuais cidades marginalizadas nos mostra que o racismo anti-negro surge como um meio de autolimitação do povo negro e de instrumentalização de seus corpos em nome da garantia da narrativa de hegemonia e domínio do ser branco, aquele que importa, que deve ser preservado e respeitado. Qualquer fuga que ponha em risco esse ideal é passível de controle e é nesse contexto, para descrever as sociedades contemporâneas e a normalização com a morte de diversos povos considerados minorias sociais, que Achille Mbembe (2018) traz o conceito de Necropolítica e Necropoder: a política e o poder da morte, que incidem sobre aqueles que têm aceitabilidade para morrer, que são descartáveis, aqueles que precisam sobreviver no inferno das Cidades Atuais.

Qual seria então o lugar em que o Direito à Cidade é garantido a todos, todas e todes? Em que os problemas da população negra sejam legitimamente reconhecidos? Em que o embranquecimento não seja a baliza de estética e desenvolvimento? De onde partimos e onde queremos chegar ao não garantir a cidade a esses povos? A todo dia assassinar uma Marielle e um Miguel² e tantos(as) outros(as) pelo racismo e outras formas de opressão? Até quando repetiremos os mesmos erros e as mesmas práticas?

A imagem surge então como uma forma de des/reconstrução dessa narrativa negativa, dessa marginalidade imposta pelo olhar colonial (MELO; SILVA, 2022). "Imagens curam imagens" afirma a artista Rosana Paulino, a partir dessa frase surge o título da

1 - Música Gênesis, do álbum Sobrevivendo no Inferno dos Racionais MC's (SOBREVIVENDO, 1997).

2 - Marielle Franco, mulher, negra, lésbica, feminista, ativista e vereadora pelo PSOL na cidade do Rio de Janeiro (Capital) foi assassinada brutalmente com 04 tiros na cabeça em seu carro em março de 2018 (VEREADORA, 2018); Miguel, menino de 05 anos que morreu após cair do 9º andar de um prédio na cidade do Recife em junho de 2020. Sua mãe, Mirtes Renata, empregada doméstica, havia o levado para o trabalho pelo menino estar sem aulas na creche devido à pandemia do Covid-19. Ela o deixou aos cuidados da patroa, Sari Corte, mulher branca e primeira dama de Tamarandé, enquanto ia passear com os cachorros. A patroa deixou Miguel descer o elevador sozinho para ir em busca da mãe. O menino se perdeu, indo do 5º para o 9º andar do prédio, no qual escalou uma janela e caiu (CASO, 2020).

série aqui trabalhada, Me Curar em Mim: a Cidade Negra, a partir da intersecção de fragmentos de fotografias, da minha vivência enquanto um jovem autodefinido negro e de 03 pinturas coloniais: Zumbi de Antônio Parreiras, Quilombo de Palmares de Albert Eckhout e Retrato da Escrava Anastácia de Jacques Arago.

Nela busco representar o processo de construção de colagens digitais, como uma edificação da cura da memória e da dor ainda sentida pela a cicatriz colonial. A construção de um pensamento, da esperança de poder me fazer ser verdadeiramente visto e, assim, dos meus serem vistos: em cenas que não de dor, mas de uma metamorfose, saindo da tela branca e partindo em busca do protagonismo do sagrado, da valorização, da estima e do delírio nos espaços da cidade.

Referências

CASO Miguel: como foi a morte do menino que caiu do 9º andar de prédio no Recife. G1 Pernambuco, Recife, 05 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

CERQUEIRA, Daniel et al. Atlas da Violência 2021. São Paulo: FBSP — Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: N-1, 2018.

MELO, Thalita Carla de Lima; SILVA, Maria Angélica. DAS MARGENS ÀS GALERIAS MIDIÁTICAS: montagens e remontagens poéticas nas produções de artistas visuais negros contemporâneos. In: DIAS, Juliana Michaello Macêdo; OLIVEIRA, Roseline Vanessa Santos. Temporalidades e apropriações: representações e processos do habitar. Curitiba: CRV, 2022. 138 p.

SOBREVIVENDO no inferno. Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. Álbum de música (108 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fV-Q3YYnic2o>. Acesso em: 23 out. 2020.

VEREADORA do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio. G1 Rio, Rio de Janeiro, 14 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

A CIDADE EM METAMORFOSE: IMAGEM,
DIREITO À CIDADE E GENTRIFICAÇÃO



foto
crono
grafias

